

Inferno

August Strindberg

Resumo

Your summary.

Conteúdo

| | |
|---|------------|
| Introdução, por Leon Rabelo | 2 |
| Entre arte, ciência e crença | 5 |
| O longo caminho de volta | 7 |
| Strindberg e o ocultismo | 8 |
| O céu e o inferno swedenborguianos | 9 |
| Nota do tradutor | 10 |
| Inferno | 11 |
| A mão do invisível | 11 |
| São Luís apresenta-me a Orfila | 20 |
| As tentações do demônio | 23 |
| O paraíso reconquistado | 27 |
| A queda e o paraíso perdido | 29 |
| Purgatório | 31 |
| Trechos de meu diário de 1896 | 47 |
| Inferno | 62 |
| Beatriz | 79 |
| Swedenborg | 84 |
| Excertos do diário de um condenado | 94 |
| A voz do Eterno | 102 |
| O inferno desenfreado | 105 |
| Peregrinação e expiação | 110 |
| O redentor | 114 |
| Atribulações | 117 |
| A que fim? | 120 |
| Epílogo | 124 |
| Recordações de Strindberg, Marcel Réja | 126 |

Introdução, por Leon Rabelo

August Strindberg é reconhecidamente um dos artistas que transpuseram, em sua obra e história de vida, a passagem do século xix para o xx. Nascido em 1849 e morto em 1912, o autor e dramaturgo sueco achou-se na encruzilhada final da grande literatura burguesa e do nascimento das formas expressivas do modernismo. Dentro dessa trajetória, *Inferno* ocupa uma posição chave, sendo para muitos o ponto de inflexão fundamental para se conhecer a sua obra. É aqui que ele moldará muitas de suas concepções transgressoras sobre a subjetividade, os processos criativos e um possível horizonte para a arte.

Escrito em parte como um diário, parte uma obra literária, *Inferno* narra uma série de crises desagregadoras e surtos psicóticos que Strindberg viveu entre 1894 e 1896. Nessa época, ele residia fora de sua Suécia natal, tendo fugido de lá por conta do bombardeio moral que chovera sobre suas posições e escritos controversos. Buscando interlocução e reconhecimento nos ciclos artísticos europeus, Strindberg passara por cidades como Berlim, onde convivera no mesmo ambiente do autor finlandês-sueco Adolf Paul, do compositor finlandês Jean Sibelius e do pintor norueguês Edward Munch. Foi nessa estadia berlinense que Strindberg também conheceu aquela que viria a ser sua segunda mulher, a jornalista e escritora austríaca Frida Uhl, com quem ficaria unido por apenas quatro anos.

Mas é em Paris, onde Strindberg chega em 1894, buscando firmar-se no centro do palco literário europeu, que a maior parte do *Inferno* se desenrolará, e é em francês que a obra será originalmente escrita. Mesmo antes de sua publicação, que só ocorrerá em 1897, Strindberg já tinha conquistado uma fama razoável na capital francesa, mesmo que ocupando uma posição um tanto periférica em sua constelação intelectual. Caindo no gosto do público parisiense, sempre ávido por novidades exóticas, Strindberg torna-se conhecido de Zola, tem sua peça *O pai* encenada com sucesso e publica várias traduções para o francês de suas obras. Mesmo assim, é neste momento que ele passa pela maior crise psicológica de sua vida, da qual *Inferno* será o fruto poético.

O que há nessa obra que a faz tão especial? Sabe-se que o tema da irracionalidade foi constante na literatura e nas artes do século xix, tendo se exacerbado quanto mais as diferentes linguagens iam se expandindo formalmente. Lembremos que já em 1873, Rimbaud publica *Une Saison en Enfer*, tendo o livro se tornado conhecido justamente em 1895, quando Strindberg se encontrava em Paris. Temos aí a mesma temática infernal, de descida aos submundos, e os motivos de desagregação da subjetividade.

Um dos biógrafos de Strindberg, Gunnar Brandell¹ afirma, no entanto, que a maneira pela qual Strindberg trabalha esse tema é única e inovadora. Em Rimbaud, o tema do inferno se apresenta como um panorama onírico diante do eu subjetivo do artista, que o vive como numa viagem fantasmagórica. Os elementos da vida cotidiana aparecem apenas de relance, como que subtraídos de sua presença concreta. É a alucinação que cria suas próprias significações.

Já em *Inferno*, a vida cotidiana está no centro da obra, jamais perdendo sua materialidade e importância. É no cotidiano mesmo que Strindberg vive seu inferno e sua jornada espiritual de dor e perda de rumo, sendo a sua simbologia infernal constituída inteiramente de material existencial próprio e imediato.

A esse respeito, já se questionou bastante o grau de veracidade da narrativa de *Inferno*. Vários biógrafos, baseados na correspondência de Strindberg e em relatos de pessoas próximas na época, lembram que a sua estadia parisiense foi bem menos turbulenta do que o quadro pintado em *Inferno*. Mesmo se reconhecendo que Strindberg tenha passado por surtos psicóticos verdadeiros nessa fase, levanta-se que essas crises não foram nem tão impactantes, nem tão duradouras, a ponto de desestruturarem a vida do autor tanto quanto ele nos faz crer em sua narrativa. Olof Lagercrantz,² a esse respeito, chega a formular a hipótese de uma clara separação entre o “autor da narrativa” e a “vítima dos surtos”, lembrando a separação que Dante Alighieri faz entre ele mesmo, enquanto indivíduo, e a sua *persona* literária, que desce aos infernos. A *Divina comédia*, aliás, foi certamente outra inspiração para Strindberg que, também como ela, parte do “*mezzo del cammín di nostra vita*” para depois cair às profundezas e só daí, então, tentar um longo percurso de retorno, em direção à sanidade e à vida recomposta.

Mesmo diante da plausibilidade dessas interpretações, *Inferno* continua uma obra única em sua ousadia expressiva. Não que seja inco mum os artistas extraírem de seu próprio material pessoal os diversos conteúdos com os quais constroem suas obras. Mas há épocas e estilos que, em função de rupturas e emergências de novos padrões criativos, propiciam uma acentuada abertura entre a paisagem interna do criador, de suas dores e labirintos, e sua criação. É como se as linguagens poéticas, nessas épocas, se tornassem mais permeáveis, e

¹Marcel Réja (1873—1957), médico e poeta francês, foi apresentado a Strindberg pelo pintor Paul Herrmann em 1897. Foi nesse encontro que Réja se encarregou de revisar o manuscrito francês do *Inferno* e prepará-lo para publicação. Este breve ensaio foi publicado originalmente na edição de 1898 da *Mercure de France*, mas para a tradução nos valem os da reedição de 1979. [N. da E.]

²Aurélien Lugné-Poë (1869—1940), ator e diretor de teatro, encenou e dirigiu peças de Ibsen, Wilde, Jarry, entre outros, e é considerado um dos mais importantes renovadores da cena teatral da Paris *fin-de-siècle*. [N. da E.]

a barreira entre forma e história pessoal menos rígida. As obras surgidas nesses contextos adquirem então um caráter sismográfico, elas se tornam testemunhas palpáveis de itinerários subjetivos, tornam-se o registro material de uma história de conflitos. Conflitos estes que não se resolvem necessariamente dentro das obras, mas apenas se permitem plasmar por elas. *Inferno* é um dos grandes exemplos desse tipo de forma expressiva.

Quando a narrativa de *Inferno* principia, Strindberg relata a solidão que cai sobre ele em Paris, após a separação de sua esposa e filha, e o surgimento de episódios de fixação maníaca, eventos de crise alucinatória e a irrupção do mais profundo tormento psíquico. Seguem-se diversas tentativas de recuperação, a fuga para possíveis soluções e a inútil racionalização de sua condição anômala.

No prosseguir da obra, vemos como o autor chega a fazer uma espécie de inventário de todos os acontecimentos desconstrutivos pelos quais passa. Seu testemunho pessoal é impressionante. Não há como se reconhecer, por exemplo, na fascinante mania da mente humana de se apegar a detalhes fortuitos, a tentar ler nas coincidências do dia a dia uma ordem ou desígnio superior. Strindberg conta como lhe vem um pensamento qualquer num dia, para depois relacioná-lo com um acontecimento que ele lê nos jornais, na manhã seguinte. Seria vidência ou transmissão de pensamento?

Strindberg passa a ter visões alucinatórias em meio ao seu cotidiano fragmentado. Ele vê imagens no lençol amassado de sua cama, enxergando ali figuras e fisionomias. Chegando à casa, certa noite, vê o próprio Demônio, “em trajes medievais e cabeça de bode” aparecendo diante dele. Mas ele não se assusta:

[...] aquilo era corriqueiro, apesar da impressão de que algo extraordinário, quase sobrenatural, ter se implantado em minha mente.

Ele chama a esses fenômenos — espantos associativos e alucinações diárias — de “clarividência naturalista”, identificando-os a uma expressão automática de seu cérebro e a produtos inatos de sua mente. Não os reprime, não os reduz a explicações seguras:

Explicá-los? Alguma vez já se conseguiu explicar qualquer coisa? Explicar é traduzir um monte de palavras em um monte de outras palavras?

Em vez de racionalizar e domesticar essas visões, Strindberg simplesmente as vive. Ele deixa que elas habitem sua existência, ele as anota e as coleciona. Chega a dizer que é “uma nova forma artística”; é a “natureza que retorna, após séculos de hibernação”. “Não se trata de ilusões, mas sim da própria realidade.”

Strindberg deixa também os sonhos habitarem sua existência, permite que eles lhe antecipem eventos, deem-lhe sinais que ele só vai entender quando já for tarde demais. Passa a andar pelo dia como um perdido mensageiro de ordens noturnas. O seu sofrimento beira o insuportável. Suas relações de amizade ou vizinhança parecem esconder intenções malignas. Uma mesma pessoa ora lhe parece um amigo e confidente, ora suspeito e traidor. Ele se vê perseguido, ameaçado de morte. Uma criança sentada na entrada de um edifício simboliza para ele o azar, assim também um cachorro perdido na rua. Em todos os sinais, em todas as aparições, ele tenta ler o destino e interpretar sua sorte. Correndo da própria angústia, Strindberg traça na existência cotidiana um quadro sombrio de um mundo desprovido de companhia, sentido ou misericórdia.

Entre arte, ciência e crença

Em meio a todo esse turbilhão existencial, talvez cause surpresa ao leitor que a ocupação primordial descrita por Strindberg nessa época não tenha sido sua literatura, mas, sim, a ciência, ou aquilo que ele entendia por esse termo. É sabido que durante grande parte de sua vida criativa, Strindberg se dedicou às mais variadas áreas do saber ou da arte. Sua obra como pintor, por exemplo, tem qualidade inequívoca, inserindo-se nas correntes artísticas do fim do século XIX. Strindberg teve contato com vários artistas de sua época, entre eles Edvard Munch e Paul Gauguin. Também se dedicou à fotografia, buscando inusitados efeitos de contraste, luz e enquadramento, explorando as possibilidades dessa — à época — nova forma de expressão.

Mas isso não era suficiente para Strindberg. Ele não queria apenas se mover dentro do campo artístico, tendo por muitos anos um ardente interesse pela ciência, em particular pela química. Mas seus resultados nessa área foram bem menos relevantes que no restante de sua obra. Strindberg se considerava um cientista, mas certamente não o era dentro dos padrões modernos. Já se disse dele que “como químico, era um grande autor”. Theodor Svedberg, seu conterrâneo e prêmio Nobel em química, publicou, em reverência ao legado strindbergiano, e após sua morte, um livro sobre seus experimentos científicos. No final, ele descarta inteiramente o cientista Strindberg e diz que na produção deste “nada que é bom, é novo, e nada que é novo, é bom”. De fato, Strindberg não rezou na cartilha da ciência moderna e, segundo ela, nem poderia ser considerado um cientista de fato. Como estudante de química na Universidade de Uppsala, em 1869, ele falhou nos exames e abandonou a academia, furioso e convencido de ser vítima de perseguições pessoais.

Como afirma George B. Kaufmann,³ parte importante da motivação posterior de Strindberg era se vingar do *establishment* científico que o excluía de seu meio. E quase nenhuma de suas características pessoais o ajudava. Seu subjetivismo exagerado, sua impulsividade e, sobretudo, sua maneira de proceder por ideias fixas jamais poderiam dar bons resultados investigativos. É irônico como essa característica de Strindberg de se apegar aos menores detalhes fortuitos, a querer ver um desígnio superior em tudo que lhe acontecia, a ver esquemas de explicação em agrupamentos do acaso, como isso prejudicava enormemente no trabalho científico, onde justamente se faz necessário separar eventos apenas casuais daqueles que evidenciam as leis regulares da natureza.

É bem verdade que Strindberg sempre professou um lado místico, sendo um aficionado pelo ocultismo. Mas na fase de confusão mental em que se encontrava, ele passa a se ver perseguido não apenas pelos homens, mas também pelas “forças superiores”, que poderiam arruiná-lo ou agraciá-lo, dependendo de seu humor. Certa vez, ele vê as iniciais da sua mulher pichadas num muro parisiense. Imediatamente, ele pensa na fórmula química do ferro (Fe) e enxofre (S) e crê ter desvendado o segredo do ouro. Volta ao seu laboratório como quem tivesse “presenciado um milagre”. Outra obsessão eram os números: Strindberg os via como arcanos de informações ocultas e os examinava até a exaustão. Porém, seu método está muito mais próximo da numerologia que da ciência moderna.

É penoso entender que esses experimentos, de pouco ou nenhum valor para a posterioridade, tenham lhe consumido tanto e foram o pretexto para o seu afastamento familiar. E tudo isso em nome da quimera alquimista da produção de ouro. Strindberg acreditava que um elemento poderia ser transubstanciado em outro e que era possível *criar* ouro a partir de qualquer outra matéria. Nisso, ele simplesmente se opunha à tabela periódica, publicada alguns anos antes, posicionando-se na contramão da evolução histórica da química como ciência e método.

O que pode ser salvo dessas malfadadas experiências? Se do ponto de vista científico elas são nulas, podemos através delas ao menos observar e aprender mais sobre a personalidade e a trajetória de um artista único. A começar pelo motivo de suas pretensas pesquisas. Strindberg não buscava o segredo do ouro por qualquer motivação de ganância pessoal, nem estava apenas atrás de glória e fama. Ele ambicionava algo muito mais radical. Em sua peça *Rumo a Damasco*,

³No original francês, *guimbarde*; nas traduções inglesa e sueca, *jew's harp* e *mun-giga*. Instrumento primitivo, composto de uma haste de ferro, em formato de ferradura, no centro da qual há uma lingueta, e que se toca pondo a parte curva entre os dentes e fazendo vibrar com o indicador a extremidade livre da lingueta. [N. do T.]

escrita logo após a crise do *Inferno* ele nos diz:

Um homem fazer o que ninguém fez antes; irá derrubar o Bezerro de Ouro e virar as mesas dos cambistas. Eu terei o destino do mundo em meu caldeirão. Paralisarei a ordem presente, eu a quebrarei. Eu sou o destruidor, a dissolução, o incendiário do mundo.

Gunnar Brandell afirma que “as especulações científicas de Strindberg devem ser vistas como uma forma de poesia”. Acrescentaríamos: devem ser vistas como expressão de uma mente irrequieta e criativa que buscava uma unidade entre o fazer poético e a experiência concreta do mundo natural. Strindberg buscava uma unidade entre arte e ciência. A racionalidade científica do século xx virou as costas para tal pretensão. Já a cultura literária e filosófica podem dela tirar valiosos testemunhos de uma criação artística original e inusitada, ainda mais quando as recentes tendências dentro da ciência reintroduzem elementos estéticos e filosóficos em parte de suas especulações. Mesmo assim, há que se constatar o radical anacronismo e a equivocada idiossincrasia nas tentativas de Strindberg.

O longo caminho de volta

Após incontáveis sofrimentos, Strindberg volta para seu país natal, a Suécia, e se deixa aos cuidados de um amigo médico, que de tão providencial é chamado de *deus ex-machina*. Mesmo assim, ele ainda passa por grandes tormentos. Em seu desespero, ele pede a esse médico que “possa ouvir o que ele tem a dizer”! Mas é rechaçado em sua tentativa, é calado implacavelmente para “não ser internado feito um louco”. Eis as duras condições que a época impõe a uma alma que sofre de distúrbios mentais. Severamente, ele é proibido de se fiar no “ocultismo”, nas “superstições” e nas “crendices”. Sob essa estrita dieta mental, ele tenta se recuperar. Seu amigo indica-lhe livros propositadamente enfadonhos, para que ele durma ao lê-los. Em vão, porque Strindberg os acha fascinantes, vê neles mensagens que lhe são especialmente endereçadas, ainda vê sinais e símbolos, sofre alucinações visuais e auditivas. Lentamente, porém, ele se acalma, passa a dormir melhor e se recupera momentaneamente.

Mesmo assim, *Inferno* não apresenta a perspectiva final de uma solução segura, em que haveria a recondução, pelas mãos da ciência médica, do indivíduo atormentado à normalidade e à harmonia racional.

Tampouco a religião poderá mitigar todos os males. O próprio ato de crer, para Strindberg, não deixava de confirmar um mundo incerto e tenebroso, inserindo-o num palco dramático em meio à luta do bem e do mal. Se Deus lhe dava forças, também podia lhe infundir medo.

Além de Deus, havia no mundo inúmeras vozes, algumas bondosas, outras malévolas, sendo a vida não um lugar pacífico e ordenado segundo uma vontade superior, mas um verdadeiro campo de batalha espiritual, um jardim de horrores, onde o sujeito se via puxado violentamente entre a redenção e o abismo de suas culpas. E aqui entendemos a função de expiação que o relato do *Inferno* acaba tomando. A caracterização do longo caminho dessa crise como uma *via crucis*, tornando-a o doloroso cumprimento de uma purificação, é a resposta moral que Strindberg dá a forças tão destruidoras que o acometem por tanto tempo.

Mas em face dessas insuficiências, tanto da medicina quanto da religião, Strindberg nos oferece uma interpretação altamente pessoal de saída, que é tão problemática quanto fascinante.

Strindberg e o ocultismo

Para aclará-la, é preciso compreender em que contexto ele via o ocultismo, então uma importante presença no cenário intelectual europeu. Na Paris da época, competiam esoterismo, astrologia, quiromancia, magnetismo, alquimia e especulações cabalísticas com as mais diversas teorias pseudocientíficas. Tudo para conquistar a opinião pública mais ou menos esclarecida. Strindberg mergulha fundo nesse ambiente. Contrariamente a uma simples credice, essa profissão de fé no oculto era para ele a aceitação de todo o dramatismo espiritual em seu interior. Explorar os aspectos místicos da existência era explorar a profusão de vozes dentro dele, de impulsos e pulsões. Era fazer um mapa, era escrever um guia mitológico que o orientasse por sua paisagem espiritual. Ele tentava desbravar essa paisagem para nela entrever uma ordem, tentava erigir dentro dela leis e rotinas, padrões inteligíveis. Como tinham feito antes os botânicos e zoólogos em relação ao mundo natural.

Antes de Freud ser amplamente conhecido, praticamente nos mesmos anos em que ele estava realizando seus trabalhos pioneiros, Strindberg tentava dar uma forma compreensível ao seu agitado mundo interior usando as ferramentas conceituais que lhe estavam à mão. Fazer livres associações, ver conexões em tudo que era perceptível, dar uma feição inteligível a sonhos e delírios. Tentar dialogar com os seus mais fortes terremotos psíquicos e, para vencê-los, dar-lhes uma configuração poética, foi essa a tentativa de Strindberg. Ou seja, igual à ciência, o ocultismo em Strindberg também deve ser visto *como uma forma de poesia*.

Não é em nada desmerecedor o fato dele ter vestido esse projeto em roupagens que hoje muitos veem como ultrapassadas, ou de ele ter feito confusões de elementos intelectuais que o posterior desenvolvi-

mento das ciências e a ordenação da cultura separaram. Ao contrário: em épocas de dissolução e obsolescência de padrões de pensamento, Strindberg retorna como um corajoso exemplo de alguém que não temia o erro e a transgressão.

O céu e o inferno swedenborguianos

Foi assim que Strindberg descobriu seu conterrâneo Swedenborg. O teólogo e místico sueco do século xviii, que já na época era comumente “visto como um charlatão”, tinha mesmo assim alguns defensores. O mais ilustre fora Balzac, que em sua obra lhe presta várias homenagens. Para Strindberg, que o lê pela primeira vez em Paris, foi uma revelação. Swedenborg afirmava que o Inferno era, na verdade, uma imagem paralela a este mundo. Este mundo e o Inferno tinham a mesma paisagem. O sofrimento e a punição eram vividos aqui, bem como a expiação. Saber, ainda mais, que Swedenborg também tinha passado por grandes tormentos, e que ele os tinha vencido ao dar a eles uma figuração poética e filosófica, o tornava praticamente um mestre. O mais importante era a relação que Swedenborg conseguira estabelecer entre os acontecimentos fortuitos do cotidiano e uma unidade simbólica espiritual, mesmo que de ordem mística. Essa possível organização entre diferentes esferas de significação torna-se uma bússola para Strindberg.

Agora, Céu e Inferno podiam ser descritos como paisagens concretas, como cópias de paisagens terrestres experimentadas pelo autor. O caminho por este mundo era nada menos que o percurso simbólico em mundos espirituais. A viagem espiritual, por sua vez, uma experiência concreta de vida.

É através dessa compreensão que Strindberg consegue escrever *Inferno*. Narrando suas próprias agruras de vida, dando a elas uma forma poética, ele cria um percurso inteligível dentro de seu próprio labirinto. Eis, enfim, a possível unidade que Strindberg tanto buscava entre o mundo físico, a ciência e a arte. Entre a paisagem psicológica interior, a fé religiosa e as crenças místicas. Entre a história individual e o destino histórico. Todas essas dimensões poderiam agora se unir sob uma mesma forma: serão coordenadas pela obra poética, que trará ordem para um mundo de outra forma totalmente disperso em esferas excludentes entre si.

Com os olhos de hoje, não se pode ter certeza que Strindberg tenha tido pleno êxito em seu projeto. Talvez, seja essa uma ambição alta demais para a arte. Certamente, não é um programa inteiramente exequível, ou mesmo defensável. Mas vale por sua ousadia, vale pelo corajoso testemunho que Strindberg nos legou em seus escritos. Aprendemos com ele que a obra de arte pode ser essa embarcação

que navega pelo sofrimento. Pode não ser sua cura final, mas ao menos um caminho que atravessa a escuridão.

Nota do tradutor

Este livro, cujo título italiano evoca a trilogia dantesca, foi escrito por um sueco diretamente em francês. Em 1894, aos 45 anos, August Strindberg, sentindo-se perseguido na Suécia, está vivendo em Paris, com a segunda esposa, a jornalista austríaca Frieda Uhl. Duas de suas peças teatrais — *Senhorita Júlia* e *Credores* — haviam sido ali encenadas, granjeando ao autor certa reputação junto aos meios artísticos. Strindberg decide doravante só escrever em francês. De início, publica *Le Playdoier d'un fou* (*A defesa de um louco*), em que relata seu primeiro casamento escandaloso e fracassado com a atriz aristocrata Siri van Essen, mulher de seu amigo o barão Carl Gustav Wangler. Nada obstante, o casamento havia durado 15 anos. Mas uma profunda confusão mental começa a atormentar o dramaturgo, sua mania de perseguição atinge o paroxismo; deixa inteiramente de escrever e passa a tentar, no quarto das miseráveis pensões em que vive, a transformação de metais em ouro. Logo em seguida, rompe com a segunda mulher, que segue para a Áustria a fim de cuidar da filhinha do casal, Kerstin, de apenas alguns meses, então vivendo em companhia da avó materna. A crise psíquica se agrava e August é internado num hospício, donde sai ainda mais perturbado, hostilizando a hospitalidade que lhe proporcionam alguns compatriotas no exílio. Quando tudo parece chegar ao fim, junto ao portal da loucura definitiva, Strindberg encontra na filha o passe de mágica que lhe permitirá a superação da crise.

Regressa então à Suécia, e em Lund, uma cidade ao sul do país, escreve, em francês, na primavera de 1897, o relato dessa passagem pelo inferno. Os textos originais franceses são enviados a Paris, para que seu amigo e médico, o também poeta Marcel Réja lhes faça as correções necessárias. Enquanto cartas e provas vão e vêm, um amigo de Strindberg, Eugen Fahlstedt, traduz o livro para o sueco, e essa tradução acaba sendo publicada na Suécia nesse mesmo ano, antecipando em cerca de um ano a aparição do original copidescado por Réja, que só sairia em 1898, ano em que o autor visita novamente Paris, pela última vez.

O texto francês na versão final de Réja constitui a edição clássica da *Mercure de France* e foi inúmeras vezes reeditado com exclusividade, enquanto a obra de Strindberg permaneceu fora do domínio público.

A tradução sueca — naturalmente vista e aprovada por Strindberg — difere da francesa na apresentação do texto: foi suprimida a cena ini-

cial, intitulada “*Coram populo de creatione et sententia vera mundi*”, que nada tem a ver com o relato da crise, deslocada na edição clássica sueca das obras completas (*Strindbergs Samlade Skrifter*), em 55 volumes, editada por John Lundqvist entre 1912 e 1922, para constituir o epílogo de uma das produções dramáticas do autor. Foram igualmente suprimidos outros capítulos (“*Sylva sylvarum*” e “*La Tête-de-Mort*”), que eram artigos de ocultismo escritos por Strindberg para revistas especializadas francesas, quando vivia em Paris e o assunto andava em grande voga. Assim, a edição Réja contém vinte partes e um epílogo e a edição sueca dezessete partes e o epílogo.

Nesta tradução, vali-me permanentemente do texto da edição Réja, recorrendo algumas vezes às traduções sueca e inglesa, quando o texto francês apresentava dúvidas ou imprecisões. Quanto à distribuição da matéria, segui a edição sueca por motivos que me pareceram válidos. Tais motivos prevaleceram igualmente na edição inglesa de Mary Sandbach, que tem sido a grande divulgadora da obra de Strindberg para o público de língua inglesa. Conhecedora profunda do sueco, Sandbach pôde recompor, através do original francês, as frases que Strindberg teria naturalmente pensado em sueco ao fazer tradução mental de seu texto para o francês. A edição inglesa de *Inferno* contudo tem um acréscimo desnecessário, incluído, ao que parece, unicamente para dar mais corpo ao livro: *O diário íntimo*, obra muito posterior, em que Strindberg relata cenas oníricas de seu terceiro casamento, com a jovem atriz Herriet Bosse.

Ivo Barroso

Inferno

Não há ninguém de boa fé e cujo espírito não esteja obscurecido ou armado de prevenção, que não se convença de que a vida corporal do homem é uma privação e um sofrimento contínuos. Dessa forma, considerando os conceitos que adquirimos de justiça, não será desarrazoado encarar a duração desta vida corpórea como um tempo de castigo e expiações; contudo, não a podemos considerar dessa forma sem admitir igualmente que tenha havido para o homem um estado anterior e preferível a este em que ora se encontra, podendo-se dizer que, quanto mais seu estado atual parece limitado, penoso e semeado de desgostos, mais deve ser o outro ilimitado e repleto de delícias. Saint-Martin

A mão do invisível

Com sentimentos de selvagem júbilo, retornava da Gare du Nord, onde me despedira de minha cara-metade, que fora cuidar de nossa

filha, enferma na terra distante. Consumara o sacrifício de meu coração! Suas últimas palavras: “Até quando?”, e minha resposta: “Até breve”, ressoam-me ainda como inverdades que eu relutava em admitir, pois um pressentimento me dizia que estávamos nos despedindo para sempre. Estas palavras de adeus que trocamos em novembro de 1894 foram, na verdade, as últimas, pois até a presente data, de 1897, não voltei a ver minha cara esposa.

Ao chegar ao Café de la Régence, ocupei a mesa em que frequentemente me sentava na companhia da bela carcereira, que dia e noite espionava minha alma, adivinhava meus secretos pensamentos, atenta ao desenvolver de minhas ideias, observando com invejoso ressentimento minhas aspirações pelo desconhecido.

Restaurado ao mundo dos livres, uma súbita exaltação tomou conta de mim, elevando-me acima das mesquinhas da vida citadina, cenário de uma contenda espiritual onde havia acabado de obter uma vitória — nada de grande importância em si, mas de enorme significado pessoal, pois representava a realização de um sonho da minha juventude. Uma peça minha⁴ fora encenada num teatro de Paris, ideal de todos os meus contemporâneos e compatriotas, mas que até então somente eu havia concretizado. No entanto, o teatro agora me parecia repelente, como tudo aquilo que se consegue conquistar, e a ciência começava a atrair-me. Tendo que escolher entre o amor e a sabedoria, decidi-me a tentar atingir o máximo do conhecimento e atirar na fogueira o objeto de minha afeição; logo esqueci essa vítima inocente, empolgado por minha ambição — ou pelo que supunha ser a minha vocação.

Novamente de volta ao miserável quarto de estudante onde vivia no Quartier Latin, vasculhei meu baú e desencavei do fundo de seu esconderijo seis cadinhos de porcelana fina que havia comprado com muito sacrifício. Um par de tenazes e um pacote de enxofre puro completavam a aparelhagem de meu laboratório. Tudo que me restava fazer era conseguir no fogão de aquecimento produzir uma chama que tivesse o calor do forno; depois, trançar a porta e cerrar as persianas, pois desde a execução de Caserio,⁵ três meses antes, passara a ser perigoso em Paris o manuseio de aparelhos químicos.

Noite adentro, as chamas do inferno elevaram-se do enxofre em com-

⁴Marcel Réja (1873—1957), médico e poeta francês, foi apresentado a Strindberg pelo pintor Paul Herrmann em 1897. Foi nesse encontro que Réja se encarregou de revisar o manuscrito francês do *Inferno* e prepará-lo para publicação. Este breve ensaio foi publicado originalmente na edição de 1898 da *Mercure de France*, mas para a tradução nos valem da reedição de 1979. [N. da E.]

⁵Aurélien Lugné-Poë (1869—1940), ator e diretor de teatro, encenou e dirigiu peças de Ibsen, Wilde, Jarry, entre outros, e é considerado um dos mais importantes renovadores da cena teatral da Paris *fin-de-siècle*. [N. da E.]

bustão, e ao chegar a manhã constato a presença de carbono nesse corpo antes considerado substância elementar. Com isso acreditei ter resolvido o grande problema, derrubado as teorias químicas pre-valetentes e obtido a única imortalidade ao alcance dos mortais.

Contudo, a pele de minhas mãos assadas pelo intenso calor desprendia-se em escamas, e a dor causada pelo simples esforço de vestir-me fazia-me lembrar o preço daquela vitória. Sozinho no leito, ainda recendente do odor da fêmea, eu me sentia jubiloso: um sentimento de pureza espiritual, de máscula virgindade, fez-me considerar o passado conjugal como algo impuro e lamentar que não pudesse agradecer a alguém por me haver libertado dos laços degradantes, ora rompidos sem muita confusão. Isso porque me tornei ateu com o passar dos anos e percebi que as potências desconhecidas deixam o mundo à sua sorte sem demonstrar muito interesse por ele.

Alguém a quem pudesse agradecer? Não, não havia ninguém, e essa forçada ingratidão pesava em meu espírito.

Angustiosamente cioso de minha descoberta, não tomei qualquer providência para divulgá-la. Minha timidez afastava-me das autoridades competentes ou das academias. Mesmo assim, continuava com as experiências, enquanto as mãos gretadas absorviam veneno, as rachaduras aumentavam, enchiam-se de poeira de carvão e gotejavam sangue; as dores se tornavam insuportáveis. Tudo o que eu tocava me causava dor e, revoltado contra esse tormento que atribuía às forças ocultas que há tantos anos me perseguiram para frustrar minhas realizações, passei a evitar a companhia dos seres humanos, recusando convites, afastando-me de amigos. A solidão e o silêncio me frequentavam: era a quietude do deserto, solene, terrífica, onde insolentemente desafiava o desconhecido para uma luta de corpo a corpo, alma contra alma.

Havia comprovado a presença do carbono no enxofre; restava-me agora demonstrar que esse corpo devia conter também oxigênio e hidrogênio. Minha aparelhagem era inadequada, faltava-me dinheiro, minhas mãos estavam negras e sangrando, negras como a miséria, sangrando como meu coração. A verdade é que durante todo esse tempo vinha mantendo correspondência com minha mulher. Contei-lhe o êxito de minhas experiências químicas, ao que ela me respondeu com boletins sobre a saúde de nossa filha, entremeados de pequenos sermões sobre a inutilidade de meu trabalho científico e a tolice de estar esbanjando tempo e dinheiro nessas coisas.

Num justificado ataque de orgulho ferido e numa fúria de autopunição, cometi o suicídio de lhe remeter uma carta infame e imperdoável, rejeitando esposa e filha para sempre, e dando-lhe a entender que

estava envolvido em novo *affaire*.

O golpe acertou em cheio e minha mulher respondeu com um pedido de divórcio.

Sozinho, culpado de suicídio e assassinio, só a dor e a ansiedade fizeram-me esquecer o crime. Ninguém vinha visitar-me, e não podia sair em busca de ninguém, porquanto havia ofendido a todos. Isso me provocava uma exaltação, como se flutuasse ao léu no oceano, com as amarras cortadas mas sem dispor de vela para navegar.

Enquanto isso, a necessidade sob a forma de aluguéis vencidos veio interromper meu trabalho científico e minhas especulações metafísicas, trazendo-me de volta à realidade.

Tal era meu estado de espírito ao se aproximar o Natal. Recusara de maneira nada cortês o convite de uma família escandinava, já que certas e desagradáveis irregularidades daquela casa tornavam sua atmosfera ofensiva para mim. Mas à noite, sentindo-me muito só, arrependi-me da recusa e lá fui assim mesmo. Mal nos sentamos à mesa, soaram as badaladas da meia-noite, e começou uma algazarra de desabrida hilaridade entre os jovens artistas, que se sentiam muito à vontade ali. Aquela intimidade repulsiva, certos gestos e olhares, enfim um comportamento inteiramente impróprio a uma casa de família provocava-me indescritível embaraço, além de profunda depressão. Em meio àquela saturnal orgia, minha tristeza figurou-me na mente a atmosfera tranquila do lar de minha esposa. Tive a súbita visão da sala de jantar, da árvore de Natal, de minha filhinha ao lado de sua mãe abandonada. Tormentos de remorso apoderaram-se de mim e, alegando não sentir-me bem, levantei-me e fui embora.

Caminhei pela horrorosa rua de la Gaîté [da Alegria], mas a animação artificial das pessoas que ali se aglomeravam me ofendia. Segui então pela silenciosa e escura rua Delambre, que mais do que todas neste bairro é capaz de fazer uma pessoa se sentir desesperada. Desviei-me então para o boulevard Montparnasse e chegando à Brasserie des Lilas me afundei numa das cadeiras da varanda.

Por alguns momentos, o cálice de um bom absinto proporcionou-me conforto, mas logo fui abordado por um bando de cocotes e estudantes, que começaram a golpear-me a face com chicotinhos de brinquedo. Como se perseguido pelas Fúrias, lá deixei meu absinto e corri para tomar um outro no Café François Premier, no boulevard Saint-Michel.

Foi pior a emenda que o soneto. Ali, outro grupo de pessoas pôs-se a gracejar comigo, chamando-me “Olá, caladão”, e por isso resolvi correr para casa, fustigado pelas Eumênides, escoltado por enervantes fanfarras e refrões. Jamais me passou pela mente a ideia de que isso

fosse a punição de um crime. Para mim, era vítima inocente de uma perseguição injusta. As Forças desconhecidas estavam impedindo que levasse avante minha grande obra e era essencial romper esses obstáculos para conseguir o galardão da glória.

Havia procedido mal e, mesmo assim, me achava certo e queria que me considerassem com razão.

Dormi mal a noite de Natal. Uma rajada fria fustigou-me a face repetidas vezes e, de tempos em tempos, fui acordado pelos sons de um berimbau-de-boca.⁶

Uma debilidade do corpo e do espírito estava gradualmente me exaurindo. Era impossível vestir-me com asseio por causa das mãos negras e machucadas. As preocupações com a conta do hotel nunca me davam um momento de paz e eu ficava andando de um lado para o outro do quarto como um bicho preso na jaula. Deixei de tomar as refeições regulares e o gerente aconselhou-me a procurar um hospital, o que não resolvia o problema, de vez que esses lugares são caros e exigem pagamento antecipado.

De repente, as veias dos braços começaram a inchar-se, sinal certo de que havia envenenamento do sangue. Era a estocada final, e a notícia acabou por chegar aos ouvidos de meus compatriotas.

Certa noite, a bondosa senhora de cuja festa eu havia tão rude e abruptamente escapado na noite de Natal — a mesma pessoa por quem sentira tanta antipatia, a quem havia quase desprezado — veio à minha procura, indagou de mim, soube da profunda miséria em que me encontrava e, com lágrimas nos olhos, tentou convencer-me de que o hospital seria a única esperança.

Julguem quão desamparado e contrito me senti quando meu eloquente silêncio lhe fez compreender que não dispunha de recursos para tanto. Encheu-se de compaixão ao ver-me reduzido a tal estado de penúria. Embora também fosse pobre e lutasse com dificuldades domésticas, afirmou que iria fazer uma coleta junto à comunidade escandinava e falar a respeito com o pastor da paróquia.⁷

A mulher pecadora se mostrava piedosa para com o homem que abandonara a esposa legítima.

Novamente reduzido à mendicância e apelando para a caridade por intermédio de uma mulher, comecei a admitir a existência de uma

⁶No original francês, *guimbarde*; nas traduções inglesa e sueca, *jew's harp* e *mun-giga*. Instrumento primitivo, composto de uma haste de ferro, em formato de ferradura, no centro da qual há uma lingueta, e que se toca pondo a parte curva entre os dentes e fazendo vibrar com o indicador a extremidade livre da lingueta. [N. do T.]

⁷O pastor sueco Nathan Söderblom se encarregou da coleta para o pagamento das despesas médicas de Strindberg. [N. da E.]

força invisível, responsável pela irresistível lógica dos fatos. Eu me curvava ao temporal, mas decidido a reerguer-me na primeira oportunidade...

Um cabriolé levou-me ao hospital de Saint-Louis. No caminho, detive-me na rua de Rennes e comprei duas camisas, mortalhas para o meu último instante!

A ideia da morte iminente obcecava-me. Não saberia explicar por quê.

Fui internado e não podia agora sair do hospital sem permissão. Tinha as mãos enfaixadas em gaze, o que tornava impossível qualquer atividade. Sentia-me prisioneiro.

O quarto era impessoal, nu, guarnecido apenas dos objetos necessários, sem traço de beleza, situado junto ao salão de convívio, onde os pacientes fumavam e jogavam cartas da manhã à noite.

A sineta toca para o almoço, e à mesa me vejo rodeado por uma assembleia de espectros. Faces de mortos ou de moribundos: a um falta o nariz, a outro o olho, a um terceiro o lábio, aquele tem a bochecha putrefata. Há dois que não parecem de todo enfermos, mas possuem expressão triste e desesperada. Soube que eram cleptômanos de boas famílias que, graças a parentes de prestígio, tinham sido tirados da prisão sob pretexto de doença. Um odor nauseante de iodofórmio tira-me o apetite; minhas mãos envoltas em ataduras obrigam-me a buscar a ajuda dos vizinhos de mesa para partir o pão ou servir-me de bebida. Em meio a esse banquete de criminosos e condenados à morte movia-se uma caridosa mulher, a Madre Superiora, com seu austero hábito preto e branco, servindo a cada um de nós sua venenosa poção. Erguendo minha taça de arsênico, brindo com um cadáver ambulante que me responde com digitalina. Uma coisa lúgubre, mas mesmo assim temos que ser reconhecidos, o que me irrita. Ser reconhecido por algo tão medíocre e tão desagradável!

Vestem-me, tiram-me a roupa, cuidam de mim como se fosse criança. A religiosa se toma de afeição por mim, trata-me como a um bebê, chama-me de “meu filho” e eu por minha vez a chamo de *ma mère*.

Como é bom pronunciar essa palavra, mãe, que não proferia há trinta anos! Essa velha mulher, pertencente à ordem de Santo Agostinho, vestia-se inteiramente de negro, a cor da morte, e de fato jamais havia vivido para si. Doce como a própria resignação, ensinava-nos a sorrir tanto aos sofrimentos quanto às alegrias, pois conhecia os benefícios da dor. Nenhuma palavra de censura, nem de admoestação ou de exortação. Conhecia a regra dos hospitais laicizados e sabia conceder pequenas licenças aos enfermos, mas nunca a si mesma. A mim, por exemplo, permite-me fumar em meu quarto, e chega mesmo a

oferecer-se para enrolar-me o cigarro, oferta de que certamente declino. Consegue-me permissão para que saia mesmo fora das horas habituais, e tendo descoberto meu interesse pela química, arranjou para que eu fosse apresentado ao farmacêutico do hospital, que me empresta livros, e que, após ter-lhe exposto minha teoria sobre a constituição dos corpos simples, convida-me a trabalhar na enfermaria. Essa religiosa exerceu grande influência em minha vida, e passei a reconciliar-me com o destino, louvando o afortunado infortúnio que me conduziu a esse abençoado teto.

O primeiro livro que tomei de empréstimo à biblioteca do farmacêutico está aberto ao acaso, e meu olhar brilha como o de um falcão ao ver o subtítulo: Fósforo.

Em breves palavras, o autor conta como o químico Lockyer⁸ tinha provado pela análise espectral que o Fósforo não era um corpo simples, e apresentara o relato de suas experiências à Academia de Ciências de Paris, que não negara o fato.

Reconfortado por esse apoio inesperado, saio do hospital levando meus cróis com os resíduos de enxofre incompletamente queimado. Entrego-os a um laboratório de análises químicas, onde me prometem um certificado para a manhã seguinte.

Era dia de meu aniversário. De volta ao hospital, encontro uma carta de minha mulher em que deplora minhas desventuras e diz que quer voltar para cuidar de mim e amar-me.

A felicidade de ser amado a despeito de tudo suscita em mim o anseio de render graças... mas a quem?

Ao desconhecido que se mantém oculto há tantos anos?

O coração amolece, confesso a infame mentira sobre minha infidelidade, peço-lhe perdão, e eis-me novamente entregue a uma correspondência amorosa com minha própria esposa, embora transferindo nosso reatamento para um instante mais oportuno.

Na manhã seguinte, corro ao bulevar Magenta à procura do químico.

Trago comigo para o hospital o certificado da análise num envelope fechado. Ao passar diante da imagem de São Luís no pátio interno, as três obras do santo me ocorrem à memória: o grande asilo de cegos (Les Quinze-Vingts), a Sorbonne e a Sainte-Chapelle, o que se pode traduzir por: do Sofrimento através da Ciência até a Penitência.

⁸Sir Joseph Norman Lockyer (1836–1920) ajudou a fundar e foi o primeiro editor da *Nature*. Estudou a espectrometria solar, identificando o gás inerte que ele batizou de hélio — do grego *hēlios*, “sol” — a partir do espectro solar. [N. da E.]

Trancado no quarto, abro o envelope que vai decidir o meu futuro. Eis o que leio:

O pó submetido à nossa análise apresenta as seguintes características: Cor cinza-escura. Deixa traço no papel. Densidade: muito grande, superior à densidade média do grafite: parece tratar-se de um grafite duro.

Exame químico: O pó examinado queima com facilidade, desprendendo óxido de carbono e ácido carbônico. Encerra, consequentemente, carbono.

O enxofre puro encerra carbono!

Estava salvo: seria capaz doravante de provar a meus amigos e parentes que não era louco. Ficavam assim justificadas as teorias que expus em minha obra *Antibarbarus*, publicada há cerca de um ano e criticada nos jornais como obra de um charlatão ou de um demente, o que levou minha família a tratar-me como um inútil, uma espécie assim de Cagliostro.

Pois bem, adversários meus, sintam-se agora esmagados! Meu ego enche-se de legítimo orgulho, quero sair do hospital, gritar pelas ruas, urrar diante do Instituto, demolir a Sorbonne... mas minhas mãos permaneciam enfaixadas e, quando saí pelo pátio, as altas grades me aconselharam paciência.

O farmacêutico a quem comuniquei o resultado da análise me propõe reunir uma comissão diante da qual eu possa defender minha tese mediante a realização de experiências.

Contudo, em vez de esperar, e consciente de minha timidez diante do público, escrevi um artigo sobre a matéria: e enviei-o ao jornal *Le Temps*, que o publicou dois dias depois.

O caminho estava aberto: passo a receber cartas vindas de vários pontos, nenhuma delas negando o fato. Faço adeptos, sou entronizado numa revista de Química, e enceto uma correspondência que me estimula a desenvolver minhas pesquisas.

Um domingo, o último de minha permanência no purgatório de São Luís, estava sentado diante da janela, observando o que se passava no pátio. Os dois ladrões passeavam com as mulheres e os filhos e os abraçavam de tempos em tempos, parecendo felizes em se aquecerem nas chamas de um amor atizadas pela infelicidade.

Minha solidão me oprime e maldigo a sorte que considero injusta, esquecendo que meu crime suplanta o deles em infâmia.

O correio traz-me outra carta de minha mulher. Mostra uma frieza glacial: meu sucesso feriu-a, e ela finge apoiar seu ceticismo na opi-

nião de um químico profissional; a isto acrescenta advertências sobre o perigo das ilusões que podem conduzir a crises cerebrais. Pois, afinal, que penso ganhar com tudo isso? Poderia alimentar uma família com a minha química?

A mesma alternativa: amor ou ciência! Sem hesitar, fulmino-a com uma carta final de despedida, e fico satisfeito comigo, como o assassino que consegue perpetrar seu crime.

À noite, saio a passear pelo triste quarteirão, atravesso o canal Saint-Martin, negro como um túmulo, maravilhosamente propício aos afogamentos. Paro num canto da rua Alibert. Por que Alibert? Quem teria sido? O grafite encontrado pelo químico em meu enxofre não se chamava grafite Alibert? O que concluir de tudo isso? Estranho, mas a impressão de alguma coisa inexplicável permanece em meu espírito. Depois chego à rua Dieu. Por que Dieu [Deus], se a República o aboliu e ameaça utilizar o Panteão para outros fins? — Rua Beaurepaire (Bom refúgio). Decerto para os malfetores... Rua de Bondy. Estarei sendo guiado pelo demônio? Desisto de ler as placas, perco meu rumo e resolvo voltar mas não consigo encontrar o caminho. Finalmente, recuo diante de um enorme armazém cheirando a carne crua e a legumes podres, principalmente a repolho... Indivíduos suspeitos aproximam-se de mim, dirigem-me palavras grosseiras... tenho medo do desconhecido: viro à direita, depois à esquerda, e acabo dando numa ruela sem saída, sórdida, onde os maus odores, os vícios e os crimes parecem habitar. Raparigas barram-me o caminho, os moleques da rua me perseguem... É a cena do *réveillon* que recomeça. *Voe soli!* Quem será que me prepara tais emboscadas, mal procuro me afastar do mundo e das pessoas? Haverá alguém que me fez cair nesta cilada! Onde estará? Para que eu lute contra ele!

A chuva principia a cair, misturando-se à neve barrenta, no instante em que começo a correr... Ao fundo de uma pequena rua, contra o firmamento, desenha-se uma arcada enorme, obra de ciclopes, porta sem palácio, que abre para um mar de claridade... Pergunto a um guarda onde estou. — Na Porte Saint-Martin, *monsieur*.

Poucas passadas levam-me de volta às grandes avenidas, pelas quais desço. O relógio do *Théâtre* marca seis e quinze. A hora certa para um aperitivo em companhia de amigos que certamente me esperam no Café Napolitain, como de costume. Desço a avenida às pressas, esquecendo o hospital, os sofrimentos, a pobreza. Porém, ao passar diante do Café Cardinal, tropeço numa mesa à qual um senhor está sentado. Só o conheço de nome; mas ele certamente me reconhece e num segundo seus olhos me dizem: “O senhor aqui? Não devia estar no hospital? Foi para isto que fizemos a coleta?”.

Percebo que esse homem é um de meus benfeitores anônimos, que

me tem feito caridade e para ele sou um mendigo que não tem direito de ir a um café.

Um mendigo! Isso mesmo: a palavra ressoa em meus ouvidos, e me faz arder as faces de vergonha, humilhação e raiva.

Vejam só! Seis semanas antes eu me sentara precisamente ali: o diretor do teatro que representava minha peça, acolhia meus convidados, chamava-me Caro Mestre; os jornalistas vinham solicitar entrevistas, o fotógrafo queria ter a honra de vender o meu retrato... E agora: um mendigo, estigmatizado, banido da sociedade!

Açoitado, decrepito, acuado, percorro o bulevar como um guarda-noturno, e me retiro para o meu refúgio pestilento. Lá, trancado em meu quarto, é que me sinto em casa.

Refletindo sobre a minha sorte, reconheço a mão invisível que me castiga, me empurra para um fim que desconheço ainda. Ela me dá a glória, recusando-me as honras do mundo; humilha-me, erguendo-me, rebaixa-me para me exaltar.

Ocorre-me a ideia de que a providência me destina a uma missão e que esta é a preparação a que me devo submeter.

Em fevereiro, saio do hospital, incurável mas curado das tentações do mundo. Ao partir, quis beijar a mão da boa madre que, sem sermões, me ensinou o caminho da cruz; um sentimento de veneração por algo sacrossanto impediu-me de fazê-lo.

Que ela acolha em espírito esta ação de graças, de um estrangeiro que se perdeu e hoje se encontra num país distante.

São Luís apresenta-me a Orfila

Por todo aquele inverno, prossegui meus estudos químicos instalado num modesto quarto de pensão. Passava em casa o dia inteiro, mas à noite ia jantar numa leiteria, onde artistas de várias nacionalidades formavam um cenáculo. Após o jantar, costumava frequentar a família que, num rompante de puritanismo, certa vez eu havia desprezado. A casa era ponto de reunião de artistas anárquicos, e sabia que estava condenado a ouvir e ver ali tudo quanto teria preferido evitar: atitudes levianas, moral pouco rígida, deliberada descrença. Nela havia profusão de talento e dose infinita de espírito; um deles, especialmente, era genial, artista rebelde, que conquistaria merecida reputação.⁹

⁹A família escandinava a que Strindberg se refere era a escultora sueca Ida Ericson e o marido, William Molard, funcionário e músico. O artista genial, Paul Gauguin, amigo da família, morava no mesmo prédio, na rua Vercingétorix, 6. [N. do T.]

Fosse como fosse, era uma família que me queria bem, devia-lhe reconhecimento, e o melhor era fazer-me de surdo e cego em relação aos seus assuntos pessoais, que de resto não me diziam respeito.

Se o orgulho que me fizera fugir dessa gente não fosse justificado, a punição teria sido lógica, mas considerando que o motivo da fuga tinha sido o desejo de purificar minha individualidade e cultivar minha alma no recolhimento da solidão, não posso compreender os desígnios da Providência, já que sou de caráter moldável, adaptando-me ao meio ambiente por pura afabilidade, e pelo temor de ser ingrato. Banido da sociedade pela miséria e o escândalo de minha pobreza, senti-me feliz em encontrar um abrigo para as longas noites de inverno, embora tivesse que sofrer profundamente com aquelas conversações licenciosas.

Agora que sei da existência dessa mão invisível que me dirige os passos por ínvios caminhos, já não me sinto isolado, e procuro dar aos meus atos e palavras um rigoroso sentido, embora nem sempre o consiga. Contudo, bastava-me pecar para ser imediatamente apalhado, e a punição surgia com tal presteza e refinamento que não deixava dúvidas quanto à intervenção de uma potência corregedora. Passei a ter com o desconhecido um relacionamento pessoal, como alguém com quem falo e a quem agradeço, de quem não raro solicito conselhos. Às vezes, figuro-o como sendo um servo meu, análogo ao *dáimon* de Sócrates; a consciência de ser apoiado por algo desconhecido traz-me uma energia e uma segurança que me conduzem a esforços de que jamais me acreditei capaz. Tendo falido para a sociedade, renasço em outro mundo onde ninguém poderá seguir-me. Acontecimentos insignificantes atraem-me a atenção, os sonhos da noite adquirem foros de presságios, penso que já morri e que minha atual existência se desenrolou numa outra esfera.

Após ter provado a presença do carbono no enxofre, resta-me agora revelar a do hidrogênio e do oxigênio, que nele se supõem presentes por analogia.

Passei dois meses entregue a cálculos e especulações, mas como não disponho da aparelhagem necessária um amigo aconselha-me a ir ao laboratório de pesquisas da Sorbonne, aberto inclusive aos estrangeiros. Tímido, temeroso da multidão, não ousou decidir-me a isso; de modo que meus trabalhos se interrompem, chegando a um momento de paralisação. Ora, numa bela manhã de primavera, levanto-me de bom humor, desço a rua de la Grande-Chaumière, e alcanço a rua des Fleurus, que se abre sobre o Jardim de Luxemburgo. A bela rua-zinha está tranquila, a grande aleia de castanheiros verdeja, luzidia, larga e reta como uma liça, ao fundo ergue-se como uma baliza a coluna de Davi, e ao longe, sobressaindo a tudo, a cúpula do Panthéon, encimada pela cruz de ouro, se perde quase nas nuvens.

Detenho-me, encantado com o espetáculo simbólico, mas, baixando os olhos, observo à minha direita a insígnia de uma tinturaria na rua des Fleurus. Eh! A visão de uma realidade inegável. Pintadas na vitrine da loja estão as minhas iniciais: a. s. flutuando sobre uma nuvem branca de prata e coroadas por um arco-íris.

Omen accipio lembrando-me do Gênesis:

“Porei meu arco nas nuvens, como signo da aliança entre mim e a terra”.

Já não caminho sobre o solo, e, com passo alado, entro no jardim, onde não há ninguém. A esta hora matinal o parque é todo meu, o roseiral me pertence, reconheço as flores nos canteiros, os crisântemos, as verbenas, as begônias.

Avanço pela liça, chego até a baliza e saio pelo gradil que vai dar à rua Soufflot, voltando pelo lado do bulevar Saint-Michel. Depois, detenho-me diante da vitrine da livraria Blanchard, onde tomo sem premeditação um velho volume de química de Orfila,¹⁰ abro ao acaso e leio: “O enxofre foi classificado entre os corpos simples. As experiências engenhosas de H. Davy e de Berthollet filho tendem a provar que encerra hidrogênio, oxigênio e uma base especial que até agora foi impossível separar.”

Imaginei meu êxtase, gostaria de dizer religioso, diante dessa revelação que tem algo de milagre. Davy e Berthollet haviam demonstrado a existência do hidrogênio e do oxigênio, e eu a do carbono. Cavia a mim, portanto, estabelecer a fórmula do enxofre.

Dois dias mais tarde, inscrevi-me na Faculdade de Ciências, na Sorbonne (de Saint-Louis!) e fui autorizado a trabalhar no laboratório de pesquisas.

A manhã em que me apresentei na Sorbonne foi para mim uma festa solene. Embora não tivesse qualquer ilusão quanto à possibilidade de convencer os professores, que me haviam acolhido com a fria polidez reservada ao estrangeiro, ao intruso, uma doce e calma alegria deu-me a coragem do mártir que se aproxima de uma turba inimiga. Pois para mim, em minha idade, a juventude era o inimigo natural.

Tendo chegado à praça onde está situada a pequena igreja da Sorbonne, encontrei a porta aberta e entrei, sem mesmo saber por quê. A virgem maternal e o menino Jesus saudaram-me com um doce sorriso, mas o Crucificado me deixa frio, parece-me incompreensível como sempre. São Luís, meu novo conhecido, o amigo dos miseráveis e

¹⁰ Mathieu Joseph Bonaventure Orfila (1787-1853), químico francês de origem catalã, aprimorou os testes de detecção e identificação de substâncias tóxicas usados na toxicologia forense. [N. da E.]

dos pestilentos, faz com que jovens estudantes de teologia se aproximem de mim. São Luís seria meu patrono, meu anjo da guarda, e por isso me havia conduzido ao hospital onde conheci o fogo da agonia, antes de recobrar a glória que conduz à desonra e ao escárnio? Foi ele quem me dirigiu à livraria Blanchard, teria sido ele quem me trouxe aqui?

Eis que tomo do ateísmo na mais completa superstição.

Observo os ex-votos que atestam o feliz resultado de exames, e prometo-me a mim mesmo jamais aceitar os sinais exteriores do mérito, caso venha a ter êxito.

Sou a hora, tenho de passar pela férula de uma juventude implacável que me conspurca, sabendo da tarefa quimérica a que me proponho.

Cerca de duas semanas se passaram, e recebo as provas indiscutíveis de que o enxofre é uma combinação ternária, de carbono, oxigênio e hidrogênio.

Agradeço ao chefe do laboratório, que finge não se interessar por meus assuntos particulares, e deixo aquele novo purgatório com indizível alegria interior.

Passeio pelo cemitério de Montparnasse todas as manhãs em que não visito o Jardim de Luxemburgo. Alguns dias depois de minha saída da Sorbonne, descubro perto da encruzilhada do cemitério um monumento fúnebre de beleza clássica. Um medalhão de mármore branco apresenta os traços nobres de um velho sábio que a inscrição do soclo me apresenta como Orfila, químico, toxicólogo. Era o amigo e protetor que mais tarde me guiaria tantas vezes pelo dédalo das operações químicas.

Uma semana mais tarde, descendo a rua d'Assas, detive-me diante de uma casa de aspecto claustal. Uma grande insígnia revelou-me a natureza da propriedade: *Hotel Orfila*.

Sempre Orfila!

Nos capítulos seguintes, vou contar tudo o que se passou nessa velha mansão para onde a mão invisível me empurrou a fim de que fosse castigado, instruído, e... por que não? Iluminado!

As tentações do demônio

O processo de divórcio transcorria com bastante lentidão, interrompido de quando em vez por uma carta amorosa, um grito de pesar, promessas de reconciliação. Depois, de súbito, um adeus irrevogável.

Amei-a; fui amado por ela, mas odiamo-nos desse ódio de amor que mais aumenta com a ausência.

Dessa forma, e para romper de uma vez o nó funesto, procurava o momento de substituir essa afeição por outra, e imediatamente minhas intenções desonestas se concretizaram.

À hora do jantar, apareceu certa vez na leiteria uma dama inglesa, que sei dedicada à escultura. Foi ela quem me dirigiu a palavra, o que de imediato me agradou. Mulher bonita, agradável, distinta, bem-posta, sedutora com seu ar de artista. Em suma, uma edição de luxo de minha mulher, sua própria imagem, mas enobrecida e em escala superior. No intuito de agradar-me, um pintor, o decano de nosso grupo de artistas frequentadores da leiteria, convidou essa dama para o serão semanal que organiza em seu ateliê. Lá fui, e fiquei à parte, pois só a contragosto exponho meus sentimentos diante de um público maledicente.

Por volta das onze horas, a dama levantou-se para sair e fez-me um sinal significativo. Ergui-me um tanto desconcertado, apresentei minhas despedidas e, após oferecer-me para acompanhar a jovem inglesa, levei-a em direção à saída em meio a risos abafados de jovens imprudentes.

Sáímos ambos sentindo-nos ridículos um para o outro e seguimos sem trocar palavras, desprezando-nos intimamente, como se estivéssemos nus diante da multidão zombeteira.

Além disso, fomos obrigados a passar pela rua de la Gaîté, onde ruínas e prostitutas nos encheram os ouvidos com suas injúrias ultrajantes, tomando-nos por um casal de pobres-diabos como eles.

É muito difícil ser amável quando se está furioso; atado ao pelourinho, curvado sob os açoites, não conseguia readquirir minha postura. Ao chegarmos ao boulevard Raspail, uma chuvinha fina nos fustiga, cortante como golpes de chibata. Estando sem guarda-chuva, o mais razoável foi buscar abrigo num café bem aquecido e iluminado; com um gesto de *grand seigneur*, aponto para um dos mais chiques restaurantes. Atravessamos o boulevard com passo rápido... Pá! Pá! A ideia de que não tinha um tostão feriu-me o cérebro como uma martelada.

Esqueci-me de como saí daquela, mas não esquecerei jamais as sensações que me assaltaram durante a noite, após deixar a dama à porta de sua casa.

A punição, conquanto severa e imediata, e administrada por mão hábil como não podia deixar de reconhecer, pareceu-me insuficiente. Mendicante, com obrigações não cumpridas em relação à minha família, tinha procurado entabular uma ligação comprometedora para uma mulher honesta. Era nada menos que um crime, e inflijo-me a

penitência adequada. Renuncio às noitadas na leiteria, jejuo, evito tudo quanto possa evocar a paixão fatal.

O sedutor, todavia, não dorme, e, num dos saraus do ateliê, reencontro a bela, vestida à oriental, o que realça sua beleza de forma enlouquecedora.

Contudo, diante dela, não encontro nada para dizer, fico embasbacado, embora achando que para aquela mulher bastaria uma declaração direta e franca: “Eu te desejo”, e vou-me embora, queimado até os ossos por uma chama impura.

No dia seguinte, volto à leiteria: ela estava lá, encantadora, acariciando-me com sua voz quente, titilando-me com seus olhos felinos. Começamos a conversar, e tudo estava se encaminhando muito bem, quando a jovem Minna faz sua aparição estrondosa no momento crítico. Minna era filha de um artista, modelo, de vida airoso, interessada em literatura, boa moça, recebida por todos. Eu também a conhecia, e uma noite ficamos muito amigos, sem, contudo, ultrapassar as convenções. Em suma, ela entrou, atirou-se aos meus braços — estava um pouco embriagada —, beijou-me no rosto e mostrou-se íntima comigo.

A dama inglesa levantou-se, pagou a conta e saiu. Nunca mais voltou a aparecer! Graças a Minna, que, aliás, me havia advertido contra a dita dama, alegando motivos que deixo sem relatar.

Acabou-se o amor! Foi dada a palavra de ordem das potências desconhecidas, e eu me resigno na certeza de que um motivo superior jaz por trás de tudo isto, como sempre.

Encorajado pelo êxito obtido com o enxofre, continuei então as pesquisas, e, depois de haver publicado um artigo no *Le Temps* sobre uma das sínteses do iodo, um senhor desconhecido apareceu à minha procura no hotel. Apresenta-se como representante de todas as fábricas de iodo da Europa, informa ter acabado de ler meu artigo, e que a partir do momento em que o assunto for confirmado, poderemos provocar um *krach* na Bolsa, acompanhado de um lucro de milhões para nós, bastando para isso que eu obtenha uma patente.

Respondo-lhe que não se tratava de um invento industrial, mas de uma descoberta científica ainda não de todo comprovada, e que o aspecto comercial só me interessava na medida em que me permitisse continuar minhas investigações.

O homem partiu. A dona do hotel, que tivera relações amorosas no passado com o cavalheiro desconhecido, soube por ele da grande notícia, e durante dois dias fui tratado como um milionário em perspectiva.

O agente retornou, desta vez ainda mais fogaoso. Havia obtido maiores informações, e, concluindo que a descoberta era proveitosa, convidou-me a partir imediatamente para Berlim a fim de podermos agir.

Agradei-lhe, aconselhando-o a fazer as análises necessárias antes de se comprometer.

Ofereceu-me cem mil francos naquela mesma noite se eu quisesse acompanhá-lo a Berlim...

Despedi-me dele desconfiando de vigarice.

No andar de baixo, contei o caso à dona da pensão, que me chamou de louco.

Nos dias seguintes, uma onda de calma deu-me ensejo a refletir. Ameaçado pela miséria, com dívidas por pagar, um futuro incerto, por um lado, por outro sonhava com a independência, a liberdade de continuar meus estudos, a vida fácil. Além de tudo, uma ideia podia bem ter seu preço.

Fui tomado de arrependimento, mas não tive coragem de procurar o homem; então chegou um telegrama dele advertindo-me de que um químico preparador da escola de medicina, e também um deputado, de grande nomeada, se haviam interessado pelo problema do iodo.

Começo então uma série de operações regulares cujos resultados invariáveis provavam que o iodo podia derivar da benzina.

Nesse ínterim, e após uma conversa com o químico, marcamos um dia para uma entrevista que seria seguida das experiências decisivas.

Na manhã em que seria decidido o assunto, tomei um carro de aluguel, levando comigo as retortas e reagentes, e fui ao encontro do negociante, que morava no bairro do Marais. O homem estava à minha espera; mas o químico, dando-se conta de que se tratava de um feriado, arranhou com isso pretexto para transferir a entrevista para o dia seguinte.

Era dia de Pentecostes, o que eu ignorava. A miserável oficina, que dava para uma rua escura e barrenta, encheu-me de amargura. Lembraças de minha infância vieram-me à mente: o dia de Pentecostes era uma festa de êxtases, quando a igreja toda enfeitada de flores, tulipas, lilases e lírios, abria-se para a primeira comunhão; as meninas vestidas como brancos anjos... o órgão... os sinos...

Um sentimento de vergonha apoderou-se de meu espírito e retornei a casa grandemente emocionado; decidido a romper com todas as tentações de traficar com a ciência. Retiro do quarto os aparelhos

e reagentes desnecessários, varro, arrumo, tiro a poeira; mando alguém comprar flores, principalmente narcisos. Depois de tomar banho e mudar de camisa, senti-me purificado de minhas máculas e saí a passear. Fui até o cemitério de Montparnasse onde uma serenidade de alma me conduziu a pensamentos doces, e a uma compunção inusitada.

O crux ave spes unica:¹¹ estas palavras de um túmulo prediziam meu destino. Adeus amor! Adeus dinheiro! Adeus honrarias! O caminho da cruz era o único que levava à Sabedoria.

O paraíso reconquistado

Posso considerar o verão e o outono de 1895, apesar de tudo, como das melhores épocas desta minha vida tão agitada. Todos os meus empreendimentos prosperam: amigos desconhecidos trazem-me alimentos como os corvos faziam com Elias; o dinheiro vem dar às minhas mãos: posso novamente comprar livros, implementos de história natural, entre os quais um microscópio que me revela os mistérios da vida.

Morto para o mundo ao renunciar às fúteis alegrias de Paris, permaneço em meu bairro onde visito todas as manhãs os mortos do cemitério de Montparnasse, descendo em seguida ao Jardim de Luxemburgo para saudar as flores. Vez por outra um compatriota de passagem vem convidar-me para almoçar na outra margem do rio ou para irmos ao teatro. Recuso-me terminantemente a isso, pois a *rive droite* representa para mim uma coisa proibida, constituindo o mundo propriamente dito, o mundo dos vivos e da vaidade.

O fato é que uma espécie de religião se desenvolveu em mim, embora não possa rigorosamente formulá-la. É mais um estado de espírito do que uma opinião fundamentada em teorias; um emaranhado de sensações mais ou menos condensadas em ideias.

Tendo adquirido uma Bíblia católica, leio-a meditativamente: o Velho Testamento consola-me e castiga-me de maneira um tanto confusa, ao passo que o Novo Testamento me deixa insensível. Isso não impede que um livro budista exerça sobre mim influência mais forte do que todos os livros sagrados, pois que eleva o sofrimento positivo acima da mera abstinência.

Buda teve coragem de renunciar à mulher e ao filho, em plena posse de sua força viril e em meio à felicidade conjugal, ao passo que Cristo evita todo o comércio com as legítimas alegrias deste mundo.

¹¹Em latim, no original: “Salve, ó cruz, única esperança”. [N. da E.]

Ademais, não especulo sobre os sentimentos que surgem em mim: mantenho-me indiferente, deixo as coisas tomarem seu curso, concedendo-me a mesma liberdade que atribuo aos outros.

O grande acontecimento deste ano em Paris foi o grito de alerta do crítico Brunetière sobre a falibilidade da ciência. Tendo-me dedicado às ciências naturais desde a infância, além de ser discípulo de Darwin, tinha descoberto a insuficiência do método científico que reconhece a mecanização do universo sem admitir o mecânico. A fraqueza do sistema manifesta-se através de uma degeneração universal da ciência que havia colocado uma linha de demarcação além da qual não se poderia avançar. O *homem* havia resolvido todos os problemas: o universo não tinha mais enigmas. Essa mentira presunçosa já me chamara a atenção por volta de 1880, e nos quinze anos subsequentes empreendi uma revisão das ciências naturais. Já em 1884, tinha posto em dúvida a composição da atmosfera, e a identificação do azoto encontrado no ar com o azoto produzido pela decomposição de um sal azotado. Em 1891, visitei o laboratório de ciências físicas de Lund com o fito de comparar os espectros dessas duas espécies de azoto cuja dissimilitude eu percebia. Terei necessidade de relatar a acolhida que me deram os sábios mecanicistas daquela universidade?

Ora, a descoberta do argônio em 1895 veio confirmar as suposições preconcebidas, dando novo impulso às pesquisas que interrompera por causa de um casamento precipitado.

Não foi a ciência que entrou em bancarrota, mas tão-só aquela prepóstera, deformada, e o sr. Brunetière acertou, embora estivesse errado.

Contudo, no momento em que todos reconhecem a identidade da matéria, proclamando-se monistas sem o serem, eu já estava além, extraíndo as últimas conclusões dessa doutrina, e eliminando as fronteiras que separam a matéria daquilo que chamavam de espírito. Foi assim que no livro *Antibarbarus*, de 1894, eu tratara da psicologia do enxofre, interpretando-a à luz de sua ontogenia, ou seja, pelo desenvolvimento embrionário do enxofre.

Para aqueles que desejarem maiores esclarecimentos sobre o assunto, remeto-os ao meu livro *Sylva sylvarum*, publicado em 1896, no qual, orgulhosamente cômico de minha faculdade de clarividente, penetro os mais íntimos segredos da Criação, especialmente dos reinos vegetal e animal. Indico-lhes igualmente meu ensaio “No cemitério”, onde mostro como na solidão e no sofrimento consegui chegar a uma vacilante apreensão de Deus e da imortalidade.

A queda e o paraíso perdido

Tendo penetrado nesse novo mundo onde ninguém pode me acompanhar, passei a sentir aversão pelos outros, um desejo invencível de me desligar do meu círculo de convívio. Preveni então os amigos de que ia residir em Meudon a fim de escrever um livro que exigia solidão e silêncio. Ao mesmo tempo, questões de somenos importância acabaram por determinar uma ruptura com os frequentadores da leiteria, de modo que um dia acabei por me encontrar inteiramente só. A princípio, experimentei com isso expansão inaudita de meus sentidos íntimos: uma força espiritual que buscava manifestar-se. Atribuía-me energias sem limites, e o orgulho sugeriu-me a louca ideia de tentar fazer milagres.

Numa época anterior de minha vida e em tempos de grande crise, observei que podia exercer influência a distância sobre amigos ausentes. Nas lendas populares tal fato é atribuído a telepatia ou encantamento. Não quero ser demasiadamente rigoroso comigo mesmo, nem muito menos exculpar-me de um ato celerado, mas estou certo agora de que meu desejo não era assim tão perverso quanto o efeito contrário que dele resultou. Uma curiosidade malsã, uma erupção de amor pervertido, determinado pela solidão horrível, inspirou-me o desejo imoderado de reatar com minha mulher e filha, porquanto amava ambas. Mas como fazer agora, quando o processo de divórcio já seguia seu curso? Um caso extraordinário, uma desgraça comum, um raio, um incêndio, uma inundação... enfim uma catástrofe qualquer que reunisse dois corações, como nos romances em que mãos hostis se reencontram à cabeceira de um moribundo. Aí estava! Uma doença! As crianças estão sempre um tanto adoentadas; a sensibilidade da mãe exagera o perigo: um telegrama e tudo estará dito.

Ignorando até mesmo rudimentares noções da magia, um instinto funesto me soprou no entanto ao ouvido o que devia fazer com o retrato de minha filhinha, aquela que mais tarde seria o único bálsamo de minha existência execrável. Vou contar as sequências dessa manobra em que a má intenção pareceu agir por intermédio de uma operação simbólica.

Contudo, as consequências não foram imediatas, e continuei meus trabalhos, provando um mal-estar inexplicável, acompanhado do pressentimento de novos desastres.

Numa noite, sozinho diante do microscópio, ocorreu-me um incidente que não compreendi bem na ocasião, mas que nem assim deixou de me impressionar fortemente.

Tendo feito germinar uma noz durante quatro dias, separei o embrião em forma de coração, pouco maior do que um caroço de pera, implan-

tado entre dois cotilédones cujo aspecto lembra um cérebro humano. Pode-se imaginar minha emoção quando na lâmina do microscópio percebi duas mãos minúsculas, brancas como alabastro, postas em posição de prece. Seria uma visão? Uma alucinação? Qual nada! Era a realidade espantosa que me enchia de horror. Imóveis, estendidas para mim como uma invocação, podia até contar-lhes os dedos, distinguir os polegares mais curtos, perfeitas mãos de mulher ou de criança!

Um amigo, que me encontrou diante daquele espetáculo surpreendente, foi convidado por mim a verificar o fenômeno, e não precisava ser vidente para perceber as duas mãos juntas, implorando o observador.

O que seria? As duas primeiras folhas rudimentares de uma nogueira, *juglans regia*, a glande de Júpiter. Simplesmente isto! E, mesmo assim, era inegável o fato de que dez dedos de forma humana ali se uniam num gesto de súplica: *De profundis clamavi ad te!*¹²

Ainda muito incrédulo, e embrutecido por uma educação empírica, seguí adiante.

Em seguida, veio a queda! Sinto a desgraça das potências pesarem sobre mim, a mão do invisível levantada, os golpes tombando implacáveis sobre minha cabeça.

Para começar, o amigo anônimo que até então me vinha subvencionando retirou sua ajuda ofendido por uma carta presunçosa, de modo que me encontro agora sem recursos.

Além disso, tendo recebido as provas de *Sylva sylvarum*, percebo que o texto está colocado nas páginas de maneira completamente embaralhada. As páginas, além de estarem numeradas incorretamente, trazem diversas partes do texto empasteladas, simbolizando de maneira irônica a teoria da “grande desordem” que reina na natureza. Depois de atrasos e retardos infundos, a brochura é finalmente impressa, e o impressor me apresenta uma fatura cujo total ascende ao dobro da soma combinada. Foi com pesar que levei o microscópio à casa de penhores, junto com meu terno preto e as poucas joias que me restavam, mas afinal estou impresso, e pela primeira vez na vida estou certo de ter dito algo de novo, grande e belo.

É fácil compreender-se com que autossuficiência levei alguns exemplares ao correio. Com gesto desdenhoso para o céu, atirei à caixa os pacotes, e insolente para com as potências hostis, pensava: “Estás ouvindo, esfinge! Resolvi teu enigma e te desafio!”.

De volta ao hotel, fui acolhido pela nota acompanhada de uma carta.

¹²Em latim, no original: “Das profundezas clamo a ti”. [N. da E.]

Atingido por esse golpe imprevisto para alguém que era hóspede da casa há mais de um ano, comecei a observar certos detalhes até então negligenciados. Nos quartos vizinhos, três pianos tocavam ao mesmo tempo.

Admito que seja um conluio organizado pelas damas escandinavas cuja sociedade recusei.

Três pianos, e não posso mudar de hotel por falta de dinheiro!

Vou dormir furioso com essas damas e o destino, maldizendo os céus. Na manhã seguinte, acordo com um ruído imprevisto. Batem um prego no quarto vizinho, na altura de meu leito. Depois batem do lado oposto.

Uma conspiração como essa das mulheres pianistas, que deixo passar como se não me incomodasse.

Mas, após o almoço, quando ia, como de hábito, fazer a sesta, houve um tumulto tão grande no quarto de cima, que o estuque do teto caiu-me na cabeça.

Desço para reclamar com a dona da pensão sobre a conduta das pensionistas. Ela finge, muito gentilmente, aliás, que nada ouviu, e promete que porá na rua quem quer que ouse importunar-me, pois estava empenhada em que eu permanecesse no hotel, cuja clientela não prosperava lá muito bem.

Sem dar fé às palavras daquela mulher, confiei em seu interesse em tratar bem de mim.

Contudo, os ruídos continuaram, e creio compreender que as tais damas desejam fazer-me acreditar que sejam espíritos turbulentos. As idiotas!

Ora, simultaneamente os colegas da leiteria mudam sua conduta para comigo, e uma surda hostilidade se manifesta por meio de olhares oblíquos e veladas insinuações.

Cansado dessa luta, abandono o hotel e a leiteria, espoliado de meus pertences, deixando livros e objetos pessoais, nu como um pobre João Batista. E faço minha entrada no Hotel Orfila a 21 de fevereiro de 1896.

Purgatório

O Hotel Orfila, com seu aspecto de claustro, é uma pensão para estudantes do círculo católico. Um doce e amável abade é quem o administra. O silêncio, a ordem e boas maneiras aqui imperam. E, o que me alivia após tantos vexames, não se admitem mulheres.

A casa é velha, os quartos têm o teto baixo, os corredores são sombrios e as escadarias de madeira serpenteiam como um labirinto. Há neste prédio uma atmosfera de mistério que desde muito me atraía. Meu quarto dá para uma ruela sem saída, de modo que, do meio da peça, a vista não se estende além de um muro coberto de musgo, com duas pequenas janelas circulares; mas, sentado à mesinha diante da janela, considero a paisagem encantadora e imprevista.

Do outro lado do muro atapetado de hera está o pátio de um convento, hoje albergue de moças, com seus plátanos, paulownias, robínias. Uma capela encantadora em estilo ogival. Mais além, altos muros com inumeráveis janelazinhas gradeadas, lembrando um mosteiro; na distância, uma floresta de chaminés sobe do vale coroadando velhas casas semiocultas, e ao longe no horizonte a torre da igreja de Notre-Dame-des-Champs, com sua cruz tendo um galo ao cimo.

Em meu quarto, uma gravura em água-forte de São Vicente de Paula, e outra de São Pedro, o guardião do céu, colocada sobre a cama. Que ironia mordaz para mim, que havia ridicularizado o apóstolo, num drama fantástico, faz já alguns anos.

Bastante satisfeito com meu quarto, durmo bem essa primeira noite.

No dia seguinte, descubro que o banheiro está situado na ruela bem embaixo de minha janela, tão próximo que podia ouvir o mecanismo da descarga. Em seguida, descubro que as duas claraboias em frente pertencem a outros tantos banheiros. Em seguida, que todas as cem janelinhas ao fundo do vale fazem parte de tantos outros banheiros situados em frente a uma série de casas.

A princípio, aborreço-me, mas como não tenho meios de escapar, aquieto-me maldizendo o destino.

Lá pela uma hora, o empregado traz o almoço e, como me recuso a esvaziar a mesa de trabalho, ele coloca prato sobre o criado-mudo dentro do qual está o urinol.

Fiz-lhe essa observação e o rapaz desculpou-se dizendo que não havia outra mesa disponível. Tinha um ar honesto e não me parecia mau, motivo por que lhe perdoei, mas fiz com que ele se fosse levando o vaso.

Se já conhecesse Swedenborg a essa época, teria compreendido que estava condenado pelas potências ao inferno excremental. No momento, esbravejei contra o negro destino que me perseguia há tantos anos; depois me acalmei com a resignação melancólica de quem se dobra ao destino. Procuro edificar-me lendo o Livro de Jó, convencido de que o Eterno me havia entregue a Satã para pôr-me à prova. Tal ideia me consola e o sofrimento me rejubila, como testemunho da confiança que o Todo-poderoso deposita em mim.

Então começa uma série de manifestações que não posso explicar sem recorrer à intervenção de potências desconhecidas, e a partir desse momento passo a tomar notas que vão se acumulando pouco a pouco até formarem um diário de que publico aqui alguns excertos.

Um silêncio glacial fez-se em torno de meus estudos de química. A fim de reerguer-me e desferir um golpe decisivo, ataco o problema da fabricação de ouro. O ponto de partida foi a seguinte pergunta: por que o sulfato de ferro precipita ouro metálico numa solução salina de ouro? A resposta pode dar-se assim: porque o ferro e o enxofre entram na composição do ouro. Decerto, todos os sulfatos de feno da natureza encerram maior ou menor quantidade de ouro.

Começo então a trabalhar com soluções de sulfato de ferro.

Certa manhã, acordo com o vago desejo de fazer uma excursão ao campo, o que era contrário ao meu gosto e aos meus hábitos. Tendo chegado sem premeditação à Gare Montparnasse, tomei o trem para Meudon. Desço nessa cidade, que visito agora pela primeira vez, subo pela rua principal e entro à direita por uma ruela bordejada por muros em ambos os lados. A vinte passos de mim, um pouco enterado no solo, ergue-se um cavaleiro romano com sua armadura de ferro. Muito nitidamente modelada, mas em miniatura, a figura não me engana quanto à sua natureza de pedra bruta. Ao chegar perto, percebo tratar-se de uma ilusão de óptica, mas me detenho, fazendo prolongar essa ilusão que me agrada. O cavaleiro olha fixamente para o muro ao lado, e, seguindo os movimentos de seus olhos, percebo na cal uma inscrição feita a carvão. As letras f e s enlaçadas fazem-me pensar nas iniciais do nome de minha mulher. Ela continua a amar-me! — No instante seguinte, sinto-me iluminado pelos símbolos químicos do Ferro e do Sulfur [enxofre], que se decompõem, revelando diante de meus olhos o segredo do ouro.

Continuo examinando o solo e encontro dois selos de chumbo unidos por um fio de arame. Um dos timbres traz as letras v. p., o outro a coroa real.

Sem querer interpretar pormenorizadamente essa aventura, retorno a Paris, guardando viva impressão, como de algo miraculoso.

Queimo na minha lareira carvões denominados “cabeça de pardal” por sua forma redonda e homogênea. Um dia em que o fogo se havia extinguido antes de completar-se a combustão, recolho um fragmento de carvão que apresenta traços de uma figura fantástica. Uma cabeça de galo com crista soberba, de corpo mais humano que de ave, e membros retorcidos. Dir-se-ia um demônio representado nos sabás da Idade Média.

No dia seguinte, recolho um grupo magnífico de dois gnomos ou du-

endes bêbados, que se abraçam, as roupas soltas ao vento. Uma obra-prima de escultura primitiva.

No terceiro dia, é uma madona com o menino, de estilo bizantino, numa linha incomparável.

Guardo os três sobre a mesa, depois de havê-los desenhado a creiom.

Um pintor amigo meu vem me ver: ao contemplar as três estatuetas com crescente curiosidade, faz-me a pergunta: “Quem foi que fez?”

— Fez? — Para pô-lo à prova, menciono o nome de um escultor norueguês.

— Foi mesmo? — hesita ele, ia atribuí-los a Kittelsen, o célebre ilustrador das sagas escandinavas.

Não creio na existência de demônios, mas, desejoso de ver a impressão que minhas estatuetas causariam nos pardais acostumados a catar migalhas de pão na janela, deposito-as sobre o telhado.

Os pardais se assustam e abstêm-se de comer. Portanto, há uma semelhança que só os animais podem perceber, e há uma realidade sob esse jogo da matéria inerte e do fogo.

O sol que aquece as figurinhas acaba por partir o demônio com crista de galo, o que me faz lembrar a lenda dos provincianos que diz que os duendes morrem se demoram na terra depois do nascer do sol.

Passam-se no hotel certas coisas que me inquietam.

No dia seguinte à minha chegada, no painel do vestíbulo onde estão penduradas as chaves dos quartos, encontro uma carta endereçada a um senhor x, estudante que tem o mesmo nome de família de minha mulher. Traz o timbre de Domach, nome da cidade austríaca onde vivem minha mulher e filha. Mas, como estou certo de não haver agência de correio em Domach, o assunto se torna enigmático.

Essa carta, colocada de maneira provocante, e como que de propósito para ser vista por mim, é seguida de várias outras.

A segunda é dirigida ao sr. dr. Bitter, com timbre de Viena; uma terceira traz o pseudônimo polonês Schmulachowsky.

Agora, sem dúvida, é o Diabo que se intromete. Pois esse nome é puramente uma falsificação e usado como de propósito para me fazer lembrar um de meus inimigos mortais que mora em Berlim.

De outra feita, é um nome sueco, que me recorda um inimigo que mora em meu país. Finalmente, um envelope com timbre de Viena indica em caracteres impressos o laboratório de análises químicas do dr. Eder. Dir-se-ia que alguém espiona minha síntese do ouro.

Não há dúvida de que aqui se trama uma intriga; mas o Diabo deu as cartas para os falsários. Deixar errar minhas suspeitas pelos quatro cantos do mundo é algo engenhoso demais para simples mortais imbecis.

Perguntei ao empregado se sabia algo a respeito do sr. x e ele me respondeu canhestramente que se tratava de um alsaciano. Era tudo. Certa manhã, voltando de meu passeio, encontro um cartão-postal no escaninho próximo ao de minha chave. Por um momento tive a tentação de resolver o enigma dando uma olhadela pelos dizeres do cartão, mas meu anjo da guarda paralisou-me no preciso instante em que o moço, saindo de seu esconderijo atrás da porta, apareceu na sala.

Encaro-o: parece-se com minha mulher. Silenciosos, cumprimentamo-nos, e cada qual segue o seu caminho.

Jamais consegui desvendar essa intriga de que desconheço ainda os participantes, mas minha mulher não tem nem irmãos nem sobrinhos.

A incerteza, a perpétua ameaça de uma vingança foram para mim uma tortura permanente durante seis meses. Senti-a, como a tudo o mais, como uma espécie de punição, pelos meus pecados conhecidos ou desconhecidos.

O ano-novo trouxe uma nova personagem ao nosso círculo da leiteria. Artista, pintor, e americano, chegou a propósito para dar novo ânimo à nossa sociedade modorrenta. Espírito vivo, cosmopolita, ousado, bom camarada, inspirou-me uma vaga desconfiança. A despeito de sua segurança e de seu *aplomb*, senti logo que sua situação não andava boa.

A revelação veio mais rápida do que se podia esperar. Uma noite, o infeliz entrou em meu quarto, implorando-me permissão para ali ficar um momento. Tinha o ar de um homem perdido e de fato estava.

Expulso de seu ateliê pelo proprietário, abandonado pela mulher, crivado de dívidas e assaltado pelos credores, injuriado na rua pelos câftens das mulheres-modelos às quais não havia pago, pesava-lhe no entanto mais profundamente a crueldade do senhorio que retivera como garantia de pagamento seu quadro destinado ao salão do Champ de Mars, obra em cujo êxito havia deposto suas esperanças, porque o assunto lhe parecera original e vigoroso. Representava a mulher livre, grávida, pregada na cruz e injuriada pela multidão.

Endividado na leiteria, estava em jejum e sem vintém.

Após a primeira confissão, completou o depoimento declarando que havia tomado uma dose dupla de morfina, e que nem mesmo a morte o queria no seu reino.

Depois de havermos deliberado seriamente, combinamos que ele se mudaria do bairro, que iríamos jantar juntos numa churrascaria que os amigos não frequentavam, e que aquela falta temporária de apoio não lhe devia tirar o ânimo de pintar outro quadro para concorrer ao Salão dos Independentes.

Os infortúnios desse homem, que ficou sendo meu único amigo, concorreram para aumentar meu próprio sofrimento, já que eu me atribuía seus percalços. Era uma espécie de bravata de minha parte, mas encerrava uma experiência de grande valor. Revelara-me todo o seu passado: de origem alemã, teve que refugiar-se por sete anos na América, em consequência de problemas familiares, e também porque ele próprio, no seu arroubo juvenil, publicara um panfleto de blasfêmias, que fora condenado pela justiça.

Percebo nele uma rara inteligência, um temperamento melancólico, uma sensualidade desenfreada. Mas por trás dessa máscara humana ampliada por uma educação cosmopolita, entrevejo um segredo que me intriga, e cuja descoberta espero a qualquer tempo.

Vivo dois meses durante os quais confundo minha existência com a do estrangeiro, sofro todas as misérias de um artista que não chegou a realizar-se, esquecido de que minha carreira está feita, que já sou alguém, com nome em Paris e na sociedade dos autores dramáticos franceses, o que nada representa para o químico. A princípio, enquanto lhe ocultei os meus sucessos públicos, meu companheiro me admirava; mas quando, por acaso, fui obrigado a mencionar meus êxitos, ele mostrou-se melindrado, buscou acentuar sua infelicidade, sua insignificância, de modo que, por comiseração, só me refiro a mim agora como a um pobre-diabo. Com isso, vou-me humilhando aos poucos, enquanto ele, com o futuro à frente, vai-se recuperando às minhas custas. Pareço o cadáver sepulto junto às raízes de uma árvore que se eleva do solo alimentando-se de uma vida em decomposição.

Os livros budistas que estudava nessa época faziam-me admirar minha abnegação, meu sacrifício por outra criatura. A boa ação teria sua recompensa, e eis o que ganhei com isso.

Um dia, a *Revue des Revues* publicou um retrato do vidente e terapeuta americano Francis Schlatter, que curou cinco mil enfermos em 1895, e depois desapareceu sem deixar traço.

Ora, os traços fisionômicos da personagem pareciam de uma maneira espantosa com os de meu camarada. A fim de tirar a dúvida, levo a revista ao café de Versalhes onde me esperava um escultor sueco. Este admite a semelhança e chama-me a atenção para uma coincidência singular, ou seja, a de que ambos eram de origem alemã e trabalharam na América. Além disso, o desaparecimento de Schlatter se

dera na mesma época em que nosso amigo surgira em Paris. Com alguma iniciação em termos do ocultismo, emito a opinião de que Francis Schlatter é o “duplo” do nosso homem, vivendo, sem sabê-lo, uma existência independente.

Quando pronuncio a palavra “duplo”, o escultor arregala os olhos e chama a minha atenção para o fato de que o estrangeiro tinha dupla residência, uma na *rive gauche*, outra na *rive droite*. Além do mais, descobri que meu misterioso amigo levava uma existência dupla, no sentido em que, após passar em minha companhia uma tarde inteira mergulhado em meditações filosóficas e religiosas podia ser depois encontrado no salão de danças Bullier.

Havia uma maneira segura de demonstrar a identidade dos sócios, já que a última carta de Francis Schlatter vinha reproduzida em fac-símile na *Revue des Revues*.

— Venha jantar comigo hoje à noite — propus ao escultor —, que vou ditar para ele a carta de Schlatter. Se as duas escritas forem parecidas, e principalmente se as assinaturas coincidirem, teremos uma boa prova.

Durante o jantar, tudo se confirma; a caligrafia é a mesma, a assinatura, o parágrafo, tudo igual. Um tanto surpreso, o pintor se presta ao nosso exame, e por fim pergunta:

— Mas a que vem tudo isso?

— Você conhece Francis Schlatter?

— Nunca ouvi falar.

— Não se lembra de um curandeiro que, no ano passado, na América...

— Ah, sim; aquele charlatão!

Ele se lembrava: mostro-lhe o retrato e o fac-símile da carta. Ele ri-se com ar cético, tranquilo, indiferente.

Alguns dias depois, meu amigo e eu estávamos sentados na esplanada do café de Versalhes tomando absinto, quando um homem vestido com roupa de operário, um ar horrendo, parou diante de nossa mesa e, sem mais aquela, começou a gritar em meio dos clientes. Dirigindo-se a meu companheiro de mesa, berrou-lhe a plenos pulmões:

— Agora te apanhei, seu sacripanta, que me passou para trás. Então, me encomenda uma cruz de trinta francos, e quando eu lhe entrego a encomenda, dá o fora! Ah! miserável, acha que uma cruz dessas se faz sem trabalho...

Continuou nessa arenga sem cessar, e, quando os garçons do café tentaram afastá-lo dali, ameaçou chamar a polícia, enquanto o pobre devedor permanecia imóvel, mudo, arrasado como um réu, diante de um público de artistas que mais ou menos o conhecia.

Quando o incidente teve fim, confuso diante daquela cena infernal, perguntei-lhe:

— Cruz? Que cruz é essa de trinta francos? Não compreendo nada dessa história...

— Era o modelo da cruz de Joana d’Arc, uma réplica para o meu quadro da mulher crucificada.

— Mas esse operário era o próprio demônio!

Após um silêncio, continuei:

— Estranho, não há dúvida, mas o certo é que não se pode brincar com cruz e Joana d’Arc.

— Você acha?

— Não sei! Já não sei mais nada! Mas as trinta moedas de prata!...

— Basta! basta! — gritou ele ofendido.

Na Sexta-feira Santa, ao chegar à churrascaria, encontrei meu companheiro de infortúnio adormecido sobre a mesa.

Num acesso de bom humor, despertei-o com a apóstrofe:

— Você aqui?

— Que quer dizer?

— Pensei que na Sexta-feira Santa você ficasse na cruz até as seis da tarde, pelo menos.

— Seis da tarde! A verdade é que passei o dia inteiro adormecido até agora sem saber dizer por quê.

— Pois eu sei.

— Já sei o que quer dizer: que meu corpo astral andou errando por aí, não é? Que foi até a América... e coisas assim.

A partir desse dia, houve um esfriamento de nossas relações, após uma camaradagem de quatro horríveis meses durante os quais meu companheiro teve tempo de instruir-se e de modificar seu estilo de pintura, a ponto de rejeitar a mulher crucificada como um tema ultrapassado. Aceitara o sofrimento como a única alegria aproveitável da vida, após o que encontrara a resignação. Herói na miséria! Admirei-o quando, no mesmo dia, foi e voltou a pé, de Montrouge aos Halles,

com botas cambaias e sem nada no estômago. À noite, após dezesseis visitas a redações de jornais ilustrados, havia conseguido colocar três de seus desenhos, mas, sem ter recebido dinheiro vivo, comeu um pão de dois *sous*¹³ e lá se foi ao baile Bullier.

Finalmente, e após um tácito acordo comum, desvencilhamo-nos dessa associação de socorros mútuos. Um sentimento estranho nos dizia a ambos que já era o bastante e que nossos destinos se cumpririam separadamente, mas, quando nos despedimos um do outro, senti que era a última vez que o via.

Nunca mais voltei a ver esse homem e nunca soube mais nada a seu respeito.

Na primavera, quando sofria a opressão de minhas próprias adversidades e bem assim as de meu camarada, recebi de meus filhos do primeiro casamento uma carta em que me contavam que estiveram gravemente enfermos, a ponto de terem sido internados num hospital. Confrontando a época desse acontecimento com minha experiência de malfeitor, senti horror de mim mesmo. Por leviandade, havia jogado com forças secretas e a maldade havia prosperado, mas, dirigida por mão invisível, acabou por golpear-me em pleno peito.

Não me desculpo, peço apenas ao leitor notar este fato, caso pretenda praticar magia, especialmente a operação denominada encantamento, ou feitiçaria propriamente dita, cuja existência foi determinada por Rochas.

Num domingo antes da Páscoa, desperto e saio a passear pelo Jardim de Luxemburgo, atravesso-o e chego à rua. Nas arcadas do Odeon, permaneço imóvel diante dos volumes azuis de Balzac, e ao acaso apanho *Séraphita*.¹⁴ Por quê?

Talvez por uma lembrança inconsciente que me tenha ficado da leitura de *L'Initiation*¹⁵ quando, na crítica ao meu *Sylva sylvarum*, alguém me chamou de compatriota de Swedenborg.

Voltando a casa, abro o volume, quase desconhecido para mim, já que tantos anos se haviam passado entre sua primeira leitura e esta segunda.

Era para mim absolutamente novo e, agora que meu espírito estava preparado, absorvia o conteúdo desse livro extraordinário. Nada havia lido de Swedenborg, querido charlatão, louco, lúbrico, em seu

¹³Antiga moeda francesa, que valia um vigésimo de franco. [N. da E.]

¹⁴Romance publicado em 1835, de inspiração swedenborgiana, cujo protagonista é andrógino. Incluído entre os “estudos filosóficos da comédia humana”. [N. da E.]

¹⁵Revista mensal dedicada ao ocultismo, fundada por Lucien Chamuel e Papus, pseudônimo de Gérard Encausse (1865-1916). A publicação durou de 1888 a 1914 e foi retomada pelo filho de Papus em 1953. [N. da E.]

país que é o meu, e fui tomado por uma admiração exaltada ouvindo esse gigante angélico do século passado, através da interpretação que dele fez o mais profundo dos gênios franceses.

Ora, lendo com religiosa atenção, chego à página dezesseis, na qual o dia 29 de março é indicado como data da morte de Swedenborg. Paro a leitura, reflito e abro o calendário. Hoje é precisamente 29 de março, e além disso é domingo de Ramos.

Swedenborg revelou-se então como um espírito corregedor em minha vida na qual desempenhou papel enorme, e, no aniversário de sua morte, trouxe-me as palmas da vitória ou do martírio!

Séraphita tornou-se para mim o evangelho, e fez-me reencetar a aliança com o além, a tal ponto que a vida me desgosta, e que uma nostalgia infinita me empurra para o céu. Não há dúvida de que esteja preparado para uma existência superior! Desprezo a terra, este mundo imundo, os homens e suas obras. Sinto-me o homem justo, sem iniquidade, que o Eterno pôs à prova, e que o purgatório deste mundo fará digno de uma liberdade próxima.

Este orgulho, provocado pela intimidade com as potências, continua a crescer sempre, ao mesmo tempo que minhas pesquisas científicas estão a bom caminho. Foi assim que consegui fazer ouro, segundo meus cálculos e as observações dos metalurgistas, e creio poder prová-lo.

Tais provas foram enviadas a um químico amigo em Rouen, que me prova o contrário de minhas afirmações, e fico uma semana sem poder replicar-lhe. Aí então, folheando a química de Orfila, meu patrono, encontro o segredo da questão.

Esta velha química de 1830, hoje esquecida e desprezada, é para mim o oráculo que me presta socorro nos momentos críticos. Orfila e Swedenborg, meus amigos, me protegem, encorajam e punem. Não os vejo, mas sinto sua presença; não se mostram ao meu espírito, nem por visões nem por alucinações, mas os pequenos acontecimentos quotidianos que recolho manifestam sua intervenção nas vicissitudes de minha existência.

Os espíritos tornaram-se positivistas como a época atual, e não se satisfazem com visões.

Cito este encontro como exemplo, que não poderíamos explicar senão pela palavra coincidência.

Depois de haver conseguido produzir manchas de ouro sobre o papel, procurei obter o mesmo resultado em grande escala pela via seca e pelo fogo. Duzentas experiências não me conduziram a nada, e, desesperado, deixei de lado o fole.

Meu passeio matinal conduziu-me à avenida do Observatório, onde vou muitas vezes admirar o conjunto denominado *As quatro partes do mundo*, no qual uma das mulheres representadas por Jean-Baptiste Carpeaux se assemelha muito aos traços de minha mulher. É a figura que está colocada ao nível do signo de peixes, sob a esfera armilar, em cujas costas os pardais fizeram ninho.

Aos pés do monumento, encontro dois pedaços de cartão cortados em oval, num deles estando impresso o número 207, no outro o número 28. O que significa *chumbo* (peso atômico 207) e *silício* (peso atômico 28). Apanho o meu achado e guardo-o entre minhas notas sobre química. Em casa, começo uma série de experiências sobre o chumbo, deixando o silício para mais tarde. Sabendo, por meus conhecimentos de metalurgia, que o chumbo refinado num cadinho recoberto de cinzas de ossos faz desprender sempre um pouco de prata, e que essa prata contém uma diminuta quantidade de ouro, eu me dizia que o fosfato de cálcio, principal ingrediente das cinzas de ossos, devia constituir fator essencial na produção de ouro extraído do chumbo.

Com efeito, o chumbo, fundido sobre uma camada de fosfato de cálcio, colore-se sempre de amarelo dourado na superfície inferior. Mas a má vontade das potências interrompeu a conclusão da experiência.

Um ano mais tarde, já estando em Lund, na Suécia, um escultor que trabalhava nas fábricas de porcelana fina deu-me um vidro composto de chumbo e silício, graças ao qual, pela primeira vez, consegui, a fogo, um ouro mineralizado de beleza perfeita.

Ao agradecer-lhe, mostrei-lhe os dois pedaços de cartão com os signos 207 e 28.

Pode-se falar de acaso ou coincidência num caso destes marcado por inabalável lógica?

Repito que nunca fui perseguido por visões, mas objetos reais me aparecem dotados de formas humanas de efeito não raro grandioso. Assim é que meu travesseiro, deformado pelo sono da tarde, oferece-me um molde das cabeças de mármore de Michelangelo. Uma noite, voltando para casa com o curandeiro americano, descobri, na penumbra do quarto, um Zeus enorme colocado em cima de minha cama. Meu companheiro, diante desse espetáculo imprevisto, fica tomado de temor quase religioso. Artista, compreende de imediato a beleza das linhas:

— Eis que acaba de renascer a grande arte desaparecida! Uma nova escola a projetar!

À medida que a olhamos, viva e terrível, a aparição toma corpo.

— Evidentemente, os espíritos se tornaram realistas, como nós mortais.

Aquilo não era decididamente um acaso, pois em certos dias o travesseiro representava monstros horrendos, gárgulas góticas, dragões: uma noite, ao voltar de alguma orgia, o demônio me cumprimenta, o verdadeiro demônio estilo Idade Média, com a cabeça de bode e o resto. Jamais o medo tomou conta de mim; tudo aquilo era bastante natural, mas implantou-se em meu espírito a impressão de que algo anormal, quase sobrenatural, estava acontecendo.

Meu amigo escultor, chamado como testemunha, não manifestou qualquer surpresa e convidou-me a ir a seu ateliê, onde um desenho a creiom, fixado à parede, me chamou a atenção pela beleza de suas linhas.

— Onde foi que achou este modelo? É uma madona, não?

— Madona de Versalhes, desenhada segundo as ervas flutuantes do lago dos suíços.¹⁶

A revelação de uma nova arte *d'après la nature*! A clarividência natural! Por que escarnecer do naturalismo, agora que ele inaugura uma arte nova, rica de juventude e de esperança? Os deuses voltam, e o grito de alarma enunciado pelos artistas e escritores: a Pã! repercutiu de maneira tão vigorosa na natureza, que a despertou, após um sono de vários séculos! Nada se faz neste mundo sem o consentimento das potências: se o naturalismo foi, que o naturalismo seja, e que renasça a harmonia da matéria e do espírito.

Meu amigo escultor é vidente. Conta-me que viu Orfeu e Cristo modelados juntos num rochedo da Bretanha e espera voltar ali a fim de utilizá-los como modelos para um grupo destinado ao Salão.

Uma noite, descendo a rua de Rennes com esse mesmo vidente, paramos diante de uma vitrine de livraria onde estavam expostas litografias coloridas. Era uma série de cenas em que figuravam corpos humanos com amores-perfeitos no lugar de cabeças. Observador botânico, jamais eu havia observado a semelhança dessa flor com a face humana. Meu companheiro não consegue controlar-se, tomado por duplo espanto.

— Imagina que ontem, ao voltar a casa, os amores-perfeitos que estão em minha janela me olhavam de maneira enervante, e de repente vi neles faces humanas. Tomei aquilo por uma ilusão devida ao nervosismo. E hoje encontro isso impresso numa velha estampa: não se

¹⁶Lago do Palácio de Versalhes, construído em 1682 pela guarda suíça do rei Luís xiv. [N. do T.]

trata, pois, de ilusão, mas da realidade, já que um artista desconhecido fez a mesma observação antes de mim.

Fazíamos progressos como videntes, e, de minha parte, via Napoleão e seus marechais sobre a cúpula dos Inválidos.

Se tomamos o bulevar dos Inválidos vindo de Montparnasse, acima da rua Oudinot, a cúpula aparece em toda a sua grandeza ao pôr-do-sol, e as mísulas e outras saliências do tambor que suporta o zimbório tomam aspectos de figuras humanas, que mudam segundo esteja o ponto de observação mais ou menos distanciado. Napoleão estava lá; Bernadotte, Berthier; e meu amigo os desenhou *d'après nature*.

— Como você explica este fenômeno?

— Explicar? Pode-se explicar alguma coisa senão parafraseando um monte de palavras com outro monte de palavras?

— Não acredita então que o arquiteto terá trabalhado segundo uma determinação inconsciente de seu espírito?

— Escute, meu caro. Jules Mansard, que construiu a cúpula em 1706, seria incapaz de prever a silhueta de Napoleão que nasceu em 1769... basta isto?

Tenho à noite, às vezes, sonhos que me predizem o futuro, premunindo-me contra perigos, revelando-me segredos. Assim é que um amigo, morto há muitos anos, apareceu-me num sonho, carregando uma moeda de prata de tamanho inusitado. Perguntei-lhe a origem da moeda extraordinária e ele me respondeu em inglês, desaparecendo com o tesouro.

No dia seguinte, uma carta com selo da América, enviada por um amigo que não via há mais de vinte anos, dá-me notícia de que andaram à minha procura por toda a Europa a fim de me encomendarem um texto para a exposição de Chicago. A remuneração era de doze mil francos, enorme soma para a minha desesperada situação daquela época, e que não cheguei a ganhar. Com esses doze mil francos teria meu futuro assegurado, mas ninguém a não ser eu soube que a perda daquele dinheiro me foi imposta como um castigo pela má ação cometida num acesso de cólera, ocasionada pela perfídia de um rival literário.

Em outro sonho, de alcance maior, via Jonas Lie¹⁷ carregando um enorme pêndulo de ouro bronzeado, com ornamentos pouco comuns.

Dias mais tarde, passeando pelo bulevar Saint-Michel, tive a atenção atraída para uma vitrine de relojoaria:

¹⁷Jonas Lauritz Idemil Lie (1833–1908), um dos romancistas noruegueses mais importantes do século XIX. [N. da E.]

— Lá está o pêndulo de Jonas Lie! — exclamei.

Com efeito, era o mesmo. Coroado por uma esfera celeste, sobre a qual se erguiam duas mulheres, o mecanismo repousava sobre quatro colunas. Enquadrado no globo, havia um mostrador marcando a data de treze de agosto.

Direi mais à frente, em outro capítulo, o mal que essa data encerra. Estes pequenos incidentes e muitos outros se passaram durante minha permanência no Hotel Orfila, entre seis de fevereiro e dezenove de julho de 1896.

Paralelamente e em meio a estas circunstâncias, desenrolou-se por intervalos a seguinte aventura, que culminou com minha expulsão do hotel, e inaugurou nova época em minha vida.

Chegara a primavera; o vale de lágrimas que se estende sob minha janela reverdeceu e floriu. O gramado verde cobriu o solo, tapou o lixo, e a geena transformou-se no vale de Sarão, onde florescem, além de lírios e lilases, robínias e paulownias.

Sinto uma tristeza mortal, mas os risos felizes das moças que brincam lá embaixo, invisíveis sob as árvores, penetram em meu coração e me despertam para a vida. A vida corre e a velhice se aproxima: mulher, filhos, lar, tudo foi devastado: o outono aqui dentro, a primavera lá fora.

O Livro de Jó e as Lamentações de Jeremias são meus consolos, já que há pelo menos uma analogia entre a sorte de Jó e a minha. Não padeço de uma úlcera incurável, a pobreza não se abateu sobre mim, os amigos não me abandonaram?

“Caminho enegrecido, mas não pelo sol; tornei-me o irmão dos dragões e o companheiro dos abutres. A pele de meu corpo tornou-se negra, e meus ossos dessecados pelo ardor que me consome. Eis por que meu canto se transformou em lamentações, e meus órgãos só têm sons lúgubres.”

Assim disse Jó. E Jeremias, em duas palavras, exprime o abismo de minha tristeza: “Quase esqueci o que é a felicidade!”.

Foi nessa disposição de espírito que, debruçado sobre meu trabalho numa tarde pesada, escutei os sons de um piano sob a minha janela, por trás das folhagens do vale. Atentei o ouvido, como à trombeta o cavaleiro; ergo-me e reconforto o meu espírito: respiro. É mesmo o *Despertar*, de Schumann, o *Aufschwung*.¹⁸ E, além disso, é ele quem toca! Meu amigo, o russo, meu discípulo, aquele que me chamava de “pai”, pois havia aprendido tudo comigo, meu *famulus* que me

¹⁸Segunda peça da *Fantasiestücke*, op. 12, de Robert Schumann, composta em 1837 e inspirada nas *Fantasiestücke in Callots Manier*, de E.T.A. Hoffmann. [N. da E.]

intitulava mestre beijando-me as mãos, cuja vida começava onde periclitava a minha. Foi ele quem veio de Berlim a Paris para matar-me, como me matou em Berlim — e por que motivo? Porque o destino havia querido que sua atual esposa tivesse sido minha amante antes de ele a conhecer. Seria minha culpa que as coisas se tivessem passado assim? Claro que não, mas, não obstante, ele me votou um ódio mortal, caluniou-me, impediu-me de colocar minhas peças nos teatros, tramou intrigas que me privaram de rendas necessárias à minha subsistência. Foi então que, num acesso de raiva, golpeei-o em pleno peito de maneira brutal e covarde, tão covarde que sofri com isso como se houvesse cometido um assassinato.

Agora que veio matar-me, isto me alivia, pois só a morte pode me livrar do remorso.

Certamente terá sido ele quem me inquietou com as cartas enviadas a falsos destinatários, encontradas na portaria. Pois que me fira! Nem sequer me defenderei, que ele tem razão e a vida nada significa para mim.

Continua a tocar o *Despertar*, peça que executa como ninguém; invisível por detrás do muro de verdura, envia as mágicas harmonias por cima dos muros floridos, de modo que creio vê-las como se fossem borboletas voltejando ao sol.

Por que está a tocar? Para que me certifique de sua chegada, a fim de me amedrontar e me precipitar em fuga.

Talvez o venha a saber na leiteria onde os outros russos já anunciaram há bastante tempo a chegada desse compatriota. Lá vou à hora do jantar, e logo à porta olhares inimigos me afrontam. Sabedores de minhas rixas com o russo, todos os convivas estão mancomunados contra mim. Para desarmá-los, abro fogo em primeiro lugar:

— Popoffsky está em Paris? — digo de maneira interrogativa.

— Não, ainda não! — responde alguém.

— Está, sim — contesta outro —, foi visto no *Mercure de France*.

Há desmentidos de parte a parte e acabo ficando mal informado sobre o assunto, dando a entender que acreditava em tudo quanto ouvia. A hostilidade mais que evidente fez-me jurar que evitaria aquele lugar, o que faço com tristeza, pois ali há pessoas que se tornaram verdadeiramente simpáticas para mim. Novamente isolado, expulso por esse maldito inimigo, fico cheio de ressentimentos; o ódio me corrói, me torna mau. Renuncio à morte! Não quero tombar pela mão de um homem que vale menos do que eu: é humilhação demais para mim, honra demasiada grande para ele. Quero lutar, defender-me, e, para saber a verdade, vou até a rua de la Santé, por trás do Val-de-Grâce,

visitar um pintor dinamarquês,¹⁹ amigo íntimo de Popoffsky. Esse homem, outrora amigo meu, havia chegado a Paris seis semanas antes, e como o encontrasse na rua por acaso, cumprimentou-me como a um estranho, quase um inimigo. Por outro lado, no dia seguinte, quando me fez uma visita e convidou-me para ir a seu ateliê, disse-me uma porção de frases amáveis que não conseguiram apagar-me a impressão de falsidade. Como lhe pedisse notícias de Popoffsky, trancou-se por trás de subterfúgios, mas confirmou a notícia de sua próxima chegada a Paris.

— Para me assassinar! — completei.

— Sem dúvida! E tome cuidado!

Na manhã em que lhe retribuí a visita, ao entrar à porta de meu amigo dinamarquês — que coincidência! encontrei um cão dinamarquês de proporções gigantescas e ar ameaçador, deitado no pátio, barrando-me a passagem. Com um movimento instintivo, mas decidido, saí imediatamente para a rua e voltei sobre os meus passos, dando graças às potências por me terem alertado, tanto estava seguro de ter escapado a um perigo desconhecido. Alguns dias mais tarde, quando quis levar a cabo minha visita, no adro da porta aberta estava uma criança sentada, com uma carta de baralho na mão. Uma premonição muito lúcida fez-me deitar uma olhada para a carta. Era o dez de espadas!

— Há qualquer coisa de mau nesta casa.

E me retirei sem entrar.

Mas naquela noite, após a ceia na leiteria, estava bastante decidido a enfrentar o cérbero e o dez de espadas, mas o destino opôs-se, fazendo-me encontrar o pintor na Brasserie des Lilas. Mostrou-se encantado de me ver e sentamo-nos numa das mesas da calçada.

Rememorando nossas lembranças comuns de Berlim, voltava a desempenhar o velho papel de bom camarada, exaltava-se com suas próprias narrativas, esquecendo-se das pequenas discordâncias e afirmando fatos que havia negado publicamente. — De repente, parecendo lembrar-se de seu dever ou de alguma promessa feita, tornou-se mudo, frio, hostil, irritado como se tivesse sido levado a trair um segredo.

À minha pergunta direta se Popoffsky estava em Paris, respondeu com um não tão seco que a mentira me pareceu evidente, e nos despedimos.

¹⁹Edvard Munch, pintor norueguês, autor de um célebre retrato de Strindberg, a quem havia conhecido em Berlim. Strindberg chama-o “dinamarquês”, possivelmente para fabricar a “coincidência” do cão. [N. do T.]

É preciso dizer aqui que esse dinamarquês havia sido antes de mim amante da sra. Popoffsky e guardava-me despeito por sua ex-amante tê-lo abandonado por mim. Agora, fazia as vezes de amigo do casal, graças à falta de moral de Popoffsky, que não ignorava as relações de sua mulher com o “simpático Henrik”.

O *Despertar* de Schumann ressoa por cima das árvores copadas, mas o músico permanece invisível e não posso saber onde se encontra. Durante todo o mês a música continua, de tarde, das quatro às cinco.

Certa manhã, como descesse a rua de Fleurus para reconfortar a vista olhando o arco-íris pintado na fachada da tinturaria, entrei pelo Jardim de Luxemburgo, todo florido e belo como um conto de fadas, e encontrei no chão dois raminhos secos de árvore, quebrados pelo vento. Tinham o formato das letras gregas P e y. Apanhei-os e figurou-se-me no cérebro que a combinação P-y podia ser uma abreviatura de Popoffsky. Era então ele que me perseguia, e as potências queriam prevenir-me contra o perigo. A inquietação tomou conta de mim, malgrado o signo de bom augúrio por parte do invisível. Invoco a proteção da providência, leio salmos de Davi contra seus inimigos, odeio meu inimigo com a mesma ira religiosa do Velho Testamento, mas não me sinto com coragem para me servir da magia negra que andei estudando.

“Liberta-me depressa, ó Eterno. Apressa-te em vir ao meu socorro. Que sejam desonrados e confundidos aqueles que buscam perder a minha alma e rechaçados os que sentem prazer com minha infelicidade. Sofram logo a ignomínia que merecem aqueles que me dizem: Bem! bem!”

Esta prece pareceu-me então correta, ao passo que a misericórdia do Novo Testamento me soava como pura covardia.

Para que deus desconhecido minha invocação ímpia elevava seu voo? Não saberei dizê-lo: mas a sequência desta aventura demonstrará ao menos que minha prece foi ouvida.

Trechos de meu diário de 1896

13 de maio. Carta de minha mulher. Tendo sabido pelos jornais que um certo senhor Strindberg irá de balão ao Polo Norte, lança um grito de angústia, declara-me seu amor inabalável, e suplica-me que renuncie a um projeto equivalente ao suicídio.

Dissipo seu erro e faço-lhe saber que se trata do filho de um primo-irmão que assim arrisca a vida por uma grande descoberta científica.²⁰

²⁰Trata-se do fotógrafo Nils Strindberg, sobrinho do autor, que fez parte da trágica

14 de maio. Tive um sonho ontem à noite. Uma cabeça cortada estava adaptada a um tronco de homem, tendo o ar de um ator acabado pela bebida. A cabeça começou a falar: tive medo e derrubei o biombo, empurrando o russo à minha frente, para proteger-me do ataque do homem enfurecido. Nessa mesma noite, fui picado por um mosquito e matei-o. De manhã, a palma de minha mão direita está manchada de sangue.

Passeando pelo bulevar Port-Royal, vejo uma mancha de sangue no chão. Pardais fizeram ninho na chaminé de minha lareira. Arrulham baixinho como se morassem no meu quarto.

17 de maio e dias seguintes. O absinto das seis horas nas mesas da calçada da Brasserie des Lilas, por trás da estátua do marechal Ney, tornou-se meu único vício, minha última alegria. Assim, após os trabalhos do dia, alma e corpo esgotados, recolho-me ao seio da bebida verde, com um cigarro, o *Le Temps* e o *Débats*.

Como é boa a vida, quando as névoas de uma doce embriaguez baixam seu véu sobre as misérias da existência. Provavelmente as potências me concedem essa hora de beatitude imaginária entre as seis e as sete, pois a partir desta noite a felicidade foi perturbada por uma série de barulhos que já não posso atribuir ao acaso.

No dia 17 de maio, no entanto, o lugar que ocupo há quase dois anos está ocupado, e tenho que ir a outro café onde todos os outros estão reservados, o que me aborrece mais do que saberia dizer.

18 de maio. Na Lilas, meu lugar está vazio; fico alegre, feliz mesmo, sob a castanheira por trás da estátua do marechal Ney. Lá está o absinto, preparado com rigor, o cigarro aceso, *Le Temps* aberto...

Nesse momento, passa um bêbado, de ar repelente e horrendo, que me deixa perturbado, e fica a perscrutar-me com seu olhar sorrateiro, zombador. A cara tem a cor da borra de vinho, o nariz de azul-da-prússia, os olhos maus. Degusto meu absinto, feliz de não me parecer com esse bebedor... mas, sem que jamais pudesse saber como, meu copo vira e se derrama. Desprevenido de dinheiro para pedir outro, pago a conta, levanto-me e vou-me embora do café, convencido de que o Maligno me pregou uma peça.

19 de maio. Não ousou ir ao café.

20 de maio. Rondando em torno da Lilas, encontro meu lugar vago. É preciso lutar contra o Maligno e enfrento a luta. O absinto está preparado, o cigarro está indo bem. *Le Temps* traz boas notícias. Neste exato momento — acredite, leitor, na minha sinceridade — irrompe

Expedição Andrée, com Salomon August Andrée (1854-1897) e Knut Frænkel (1870-1897). Primeira tentativa de atingir o Polo Norte de balão, a expedição foi patrocinada pela Academia Real de Ciências da Suécia, o rei Oscar II e o químico Alfred Nobel. Os corpos, juntamente com livros, diários e negativos, foram encontrados por acaso em 1930, pela expedição norueguesa Bratvaag. [N. da E.]

um incêndio numa chaminé da casa ao lado, bem por cima de minha cabeça. Pânico geral. Permaneço sentado, mas uma vontade mais forte que a minha faz cair uma nuvem de fuligem tão bem dirigida contra mim que dois flocos vêm se alojar no meu copo. Vou-me embora atarantado, mas sempre um tanto incrédulo e cético.

1.º de junho. Após abstinência prolongada, sou novamente tomado pelo desejo de me consolar junto à castanheira. Minha mesa está ocupada, e vou buscar outro lugar, isolado e tranquilo. É preciso lutar contra o Maligno... Neste momento, um grupo de pequenos-burgueses vem sentar-se próximo de mim; os membros da família são inumeráveis, e volta e meia chegam reforços sem parar, mulheres que tropeçam na minha cadeira, crianças que fazem suas pequenas necessidades à vista de todos, jovens que me levam os fósforos sem sequer dizer obrigado. Circundado por essa multidão barulhenta, insolente, não quero ceder meu lugar. Então acontece um incidente, preparado sem dúvida por mãos hábeis e invisíveis, porquanto tão bem-sucedido que não o posso atribuir a uma intriga dessas pessoas que sem dúvida não me conhecem.

Um jovem, com gestos que não compreendo, depõe uma moeda em minha mesa. Estrangeiro e sozinho em meio a toda aquela gente, não ousou protestar. Mas, cego de cólera, procuro esclarecer o acontecido.

— Ele me deu uma moeda como se eu fosse um mendigo.

Mendigo! Eis o punhal que me enterra no peito. Mendigo! Sim, pois nada ganhas e...

O garçom vem oferecer-me um lugar mais cômodo, e deixa a moeda sobre a mesa. Ele vem trazer-me, que afronta! E polidamente me informa que o jovem a havia apanhado embaixo da mesa, pensando que era minha.

Sinto vergonha! E, a fim de apaziguar minha cólera, peço outro absinto. O absinto é servido, e tudo passa a correr bem, até o momento em que me sinto sufocado por um odor infecto de sulfato de amônio.

Que era agora? Algo de muito natural, nada de extraordinário e sem o menor traço de maldade... a grade do esgoto à beira da calçada sobre a qual minha cadeira estava posta. Só então começo a perceber que os bons espíritos queriam me libertar de um vício que leva à casa dos alienados! Que a providência seja louvada, por me haver salvo!

25 de maio. A despeito do regulamento do hotel, que proíbe a entrada de mulheres, uma família inteira veio instalar-se no quarto ao lado do meu. Uma criança de colo, que chora dia e noite, proporciona-me verdadeiro prazer, e recorda-me os bons tempos, a vida florescente entre os trinta e os quarenta anos.

26 de maio. A família briga o tempo todo! A criança grita. Como tudo isso se parece! E como tudo isso é doce — agora — para mim: hoje

à noite revi a dama inglesa. Elegante, ela me sorriu com seu belo riso maternal. Pintou uma malabarista que se parece a uma noz ou a um cérebro. O quadro está pendurado, quase oculto, por trás do guarda-louça de mlle. Charlotte, na leiteria.

29 de maio. Uma carta de meus filhos do primeiro casamento vem advertir-me de que haviam recebido um telegrama chamando-os a Estocolmo para assistirem à festa de despedida de minha partida em balão para o Polo Norte. Não conseguem compreender o assunto nem eu tampouco. Um erro fatal!

Os jornais trazem a notícia do furacão São Luís (São Luís!), que matou mais de mil pessoas na América.

2 de junho. Na avenida do Observatório, encontrei duas pedras exatamente em forma de coração. À noite, no jardim de um pintor russo, encontrei a terceira, do mesmo tamanho das outras e perfeitamente semelhante a elas. O *Despertar* de Schumann parou, e estou novamente tranquilo.

7 de junho. Visito o pintor dinamarquês, na rua de la Santé. O grande cão desapareceu, a entrada está livre, fomos jantar num café do boulevard Port-Royal. Meu amigo sentia frio, diz estar indisposto; como esquecera o sobretudo, pus-lhe o meu sobre os ombros. A princípio, isso o tranquilizou; ele me obedece e eu o domo. Já não ousa revoltar-se: estamos de acordo em todos os pontos de vista. Garante-me que Popoffsky é um malfeitor, causa de todos os meus infortúnios. De repente, torna-se nervoso, trêmulo como um médium sob a influência de um hipnotizador: agita-se todo, fazendo estremecer o sobretudo; pára de comer, atira o garfo para o lado, levanta-se e, devolvendo-me o sobretudo, despede-se de mim.

Que seria? A túnica de Nesso? Meu fluido nervoso acondicionado na veste, cuja polaridade estranha o subjugava? Deve ser isto o que Ezequiel quis dizer no capítulo 13, versículos 18 e 20:

Isto diz o Senhor Deus: Ai daquelas que cosem almofadinhas para todos os cotovelos, e que fazem travesseiros para as cabeças de pessoas de toda a idade, a fim de lhes *apanharem as almas!* ... e as rasgarei entre os vossos braços; e deixarei fugir as almas que vós apanhastes para que voem para vós.

Ter-me-ei transformado em feiticeiro sem saber?

9 de junho. Visitei meu amigo dinamarquês, para apreciar seus quadros. À minha chegada, ele estava alerta e bem-comportado, mas ao cabo de meia hora foi acometido de um ataque de nervos a tal ponto que teve de tirar a roupa e de deitar-se. Que teria? Seria má consciência?

14 de junho. Domingo. Encontro uma quarta pedrinha em forma de

coração, desta vez no Jardim de Luxemburgo, mas no mesmo feitio das precedentes. Colada sobre a pedra, há uma película de amarelo-ouro. Não compreendo o enigma, mas adivinho um presságio. Comparo as quatro pedras diante da janela aberta enquanto os sinos de São Sulpício começam a bater, em seguida o grande bordão da Notre-Dame, e através desse campanar normal ruge um toque surdo de tambor, solene e como saído das entranhas da terra.

Ao garçom que me traz a correspondência, pergunto o que significa aquilo.

— É o sino grande do Sacré-Coeur de Montmartre.

— A festa do Sagrado Coração? — E olho para os meus quatro corações de pedra dura, um pouco chocado por essa coincidência flagrante.

Ouç o cuco vindo da direção da igreja de Notre-Dame-des-Champs, e no entanto isso é impossível; a menos que meus ouvidos se tenham tornado hipersensíveis para perceber sons emitidos na floresta de Meudon.

15 de junho. Desço ao centro para descontar um cheque. O cais Voltaire vacila sob meus pés, o que me espanta. Sei bastante bem que a ponte do Carrossel oscila sob o peso dos veículos, mas nesta manhã o movimento se propaga até o pátio das Tulherias e pela avenida da Ópera. É claro que uma cidade sempre vibra, mas para sentir essa vibração é preciso ter nervos aguçados. Do outro lado do rio, para nós que moramos em Montparnasse, é como se fosse um país estrangeiro. Já se passou quase um ano, desde que lá fui pela última vez ao Crédit Lyonnais ou ao Café de la Régence. No bulevar dos Italianos, sou tomado de nostalgia, e me avio para a outra margem, onde a rua dos Santos Padres me reconforta pelo seu aspecto.

Junto à igreja de Saint-Germain-des-Prés encontro um carro funerário, depois duas madonas colossais transportadas numa carroça. Uma delas, de joelhos, mãos postas, a olhar para o alto, me impressiona fortemente.

16 de junho. No bulevar Saint-Michel compro um pesa-papéis de mármore, ornado com uma bola de vidro que contém a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, enquadrada na célebre gruta; diante dela, de joelhos, está uma mulher velada. Exponho a imagem ao sol, que projeta sombras maravilhosas sobre a parede. No dorso da gruta, por um acaso não previsto pelo escultor, o gesso formou uma cabeça de Cristo.

18 de junho. O amigo dinamarquês entra em meu quarto, perdido, com todo o corpo a tremer. Popoffsky foi preso em Berlim, acusado de ter assassinado uma mulher e duas crianças, sua amante e dois filhos que tivera antes do casamento. Após a primeira surpresa e a

pena sincera que senti, de um amigo que, apesar de tudo, me havia testemunhado tanta solicitude, uma profunda calma toma conta de meu espírito, que andava agitado, há vários meses, por ameaças iminentes.

Incapaz de ocultar meu justificado egoísmo, dou livre curso a meus sentimentos:

— Horrível, mas afinal de contas a notícia me alivia! Quando penso no perigo de que acabo de escapar!

O móvel do crime? É possível que a esposa legítima tivesse ciúmes da ilegítima, os gastos causados por esta última... Pode ser mesmo...

— Quê?

— Seus instintos sanguinários, tendo malogrado em Paris, talvez buscassem uma segunda oportunidade algures, não importa onde.

Em meu íntimo, pergunto: Será possível que minhas ardentes preces tenham desviado o punhal e de tal forma que veio ferir o assassino em pleno coração?

Não me aprofundo nesse assunto, e como um vencedor generoso, proponho:

— Salvemos pelo menos literariamente o nosso amigo. Farei um artigo sobre suas qualidades de escritor, você desenha um retrato simpático dele, e oferecemos nossos trabalhos à *Revue Blanche*.

No ateliê do dinamarquês — o cão não está mais de guarda! — contemplamos um retrato de Popoffsky pintado dois anos antes. Não passa da cabeça cortada por uma nuvem, acima da qual há ossos mortuários como nos epitáfios. A cabeça cortada nos faz estremecer, e meu sonho do dia 13 de maio me obceca como um fantasma do outro mundo.

— Onde lhe veio a ideia dessa degolação?

— Difícil dizer, mas pairava uma fatalidade sobre esse homem de espírito fino, com algo de gênio factício, que aspirava à glória suprema, sem estar preparado para pagar-lhe o preço. A vida só nos permite uma escolha: a glória ou a volúpia.

Você descobriu isso, afinal?

23 de junho. Apanhei do chão um alfinete dourado, com uma pérola falsa. Do banho em que faço a síntese do ouro, pesquei uma peça em forma de coração.

À noite, passeando pela rua de Luxemburgo, vejo ao fundo da primeira aleia à direita, acima das árvores, uma corça desenhada no

céu. Admiro-a, pois é bela tanto em sua modelagem quanto na cor, e ela me faz sinal com a cabeça na direção sudeste (o Danúbio!).

Nestes últimos dias, após a catástrofe do russo, uma nova inquietação me aflige. Parece-me que tramam contra mim algures, e confesso ao pintor dinamarquês que sinto o ódio do russo aprisionado me fazendo sofrer como se fosse um eflúvio elétrico.

Pressinto às vezes que minha permanência em Paris. está próxima de findar e que novas peripécias me esperam.

O galo da cruz de Notre-Dame-des-Champs parece bater as asas como se quisesse voar na direção norte.

Pressentindo a iminência da partida, apresso-me em terminar meus estudos no Jardin des Plantes.

No interior do cadinho de zinco em que faço minhas sínteses de ouro por via úmida, formou-se uma paisagem deixada pela evaporação dos sais de ferro. Interpreto-a como um presságio, mas esforço-me em vão por adivinhar a localização dessa paisagem extraordinária. Colinas plantadas de coníferas, principalmente abetos, entre os montículos, planícies com árvores frutíferas, campos de trigo, tudo indicando a proximidade de um rio. Uma das colinas, que tem precipícios formados por rochas estratificadas, está coroada pelas ruínas de um castelo.

Não a reconheço ainda, mas estou certo de em breve o fazer.

25 de junho. Convidado à casa do mentor do ocultismo científico, diretor da revista *Initiation*. Ao chegarmos, o doutor e eu, em Marolles-en-Brie, somos recebidos com três notícias desagradáveis: uma doninha havia atacado os patos, a empregada estava doente, e a terceira não me ocorre.

À noite, ao regressarmos a Paris, leio no jornal a história da casa mal-assombrada, de Valence-en-Brie, que acabaria célebre.

Brie? Muito desconfiado, fico com receio que os hóspedes de meu hotel desconfiem de minha excursão a Brie e me acusem de haver preparado essa mistificação, ou melhor, feitiçaria, graças aos meus conhecimentos de alquimia.

Comprei um rosário. Por quê? É bonito e o Maligno teme a cruz. Ademais, não procuro explicar os motivos de meus atos. Ajo ao acaso: a vida é mais idiota ainda!

Produziu-se uma reviravolta no caso Popoffsky. Seu amigo dinamarquês começa a refutar a possibilidade do crime, alegando que a promotoria desmentiu os autos de acusação. Por isso, nosso artigo foi posposto, e a antiga frieza entre nós voltou. Ao mesmo tempo em que o cão monstruoso reaparece: preciso tomar cuidado.

À tarde, no momento em que escrevia em meu quarto, diante da janela, desabou uma tempestade. As primeiras gotas da chuva respingaram sobre o manuscrito e o enxovalharam de tal forma que a palavra *Alp*²¹ se transformou numa mancha, que tinha a forma da cara de um gigante. Guardo esse desenho que se assemelha ao deus das tempestades dos japoneses, tal como vem representado na *Atmosphère* de Camille Flammarion.²²

28 de junho. Vi minha mulher em sonho: faltavam-lhe os dentes da frente e ela me presenteava com uma guitarra que se assemelhava às canoas do Danúbio.

Nesse mesmo sonho, ameaçava-me de prisão.

De manhã, recolhi do chão na rua d'Assas um pedaço de papel com as cores do arco-íris.

À tarde, triturei mercúrio, estanho, enxofre e clorato de amoníaco sobre um cartão: quando retirei a massa, o cartão retinha a imagem de um rosto perfeitamente igual ao de minha mulher no sonho da noite precedente.

1º de julho. Espero uma erupção, um tremor de terra, um raio, sem saber ao certo em que lugar. Nervoso como um cavalo à aproximação dos lobos, farejo o perigo, preparo minhas malas para a fuga, sem, contudo, poder mover-me.

O russo teve prisão relaxada por falta de provas: seu amigo dinamarquês tornou-se meu inimigo. Os frequentadores da leiteria me amofinam. O último jantar do grupo foi servido no pátio por causa do calor, a mesa armada entre a lata de lixo e a porta da privada. Em cima da lata puseram o quadro de meu ex-amigo americano, como vingança por ter partido sem pagar o que devia. Junto à mesa, os russos colocaram a estatueta de um guerreiro armado com a foice tradicional. Para me meter medo! Um rapazelho da casa vai ao mic-tório às minhas costas com a intenção evidente de me incomodar. O pátio, estreito como um poço, não permite que o sol penetre por cima dos muros muito altos. As mulheres da vida, que moram nas vizinhanças, abriram as janelas e atiram sobre nós uma saraivada de imundícies; as garçonetes trazem restos de cozinha para despejar no latão de lixo. — É o inferno! E meus dois vizinhos de mesa, pederastas confessos, mantêm uma conversa desagradável, com intenção de provocar-me.

Por que estou aqui? A solidão me força a procurar os seres humanos, a escutar vozes de gente.

²¹*Alp*, em alemão, significa “demônio”, ou “pesadelo”. [N. do T.]

²²Camille Flammarion (1842–1925) foi astrônomo, autor de obras de ocultismo, e um dos adeptos de primeira hora do espiritismo de Allan Kardec, de quem foi amigo. [N. da E.]

Então, no ápice de minhas torturas morais, descubro uns amores-perfeitos que florescem numa exígua platibanda. Agitam as corolas como para me prevenir de um perigo, e um deles, que lembra um rosto de criança, com seus grandes olhos profundos e brilhantes, faz-me um sinal:

— Vá-se embora!

Levanto-me, pago a conta e, ao sair, o rapazelho se despede de mim com injúrias dissimuladas que me revoltam o coração sem provocar minha ira.

Sinto piedade de mim mesmo, e vergonha pelos outros.

Absolvo os culpados, considerando-os demônios que não fazem mais do que cumprir seu dever.

Contudo, a desgraça da providência é por demais evidente e, ao regressar ao hotel, começo a examinar meu Deve e Haver. Até aqui tive força de não me dobrar, não dar razão aos outros; mas agora, esmagado pela mão do invisível, tento admitir meu erro, e, examinando minha conduta nas últimas semanas, o medo se apodera de mim. A consciência me põe a nu, sem reservas, impiedosamente.

Pequei por orgulho, *hybris*, o único vício que os deuses não perdoam. Encorajado pela amizade do dr. Papus, que havia aprovado minhas pesquisas, imaginei haver encontrado o enigma da esfinge. Êmulo de Orfeu, era meu papel revivificar a Natureza, morta pela mão dos sábios.

Consciente da proteção das potências, eu me gabava de não poder ser vencido por meus inimigos, a tal ponto que ultrapassava as regras mais comezinhas da modéstia.

Aqui se oferece o momento favorável de intercalar a história do misterioso amigo, que veio desempenhar papel preponderante em minha vida, como mentor, consolador, punidor, além de provedor de meios de subsistência, durante as misérias intermitentes por que passei. Em 1890, ele me endereçou uma carta a propósito de um livro que eu havia publicado. Nele encontrara pontos de contato entre as minhas ideias e as dos teósofos, e perguntava a minha opinião sobre a doutrina oculta e sobre a sacerdotisa de Ísis, mme. Blavatsky.²³

O tom presunçoso de sua epístola me desagradou, o que não consegui dissimular em minha resposta. Quatro anos mais tarde, publico *Antibarbarus* e, no momento mais crítico de minha vida, recebo desse desconhecido uma segunda carta, em estilo elevado, quase profético,

²³Elena Petrovna Balavatskaya (1831-1891), fundadora da Sociedade Teosófica, é autora de numerosa obra de divulgação mística. [N. da E.]

na qual predizia para mim um futuro dorido e glorioso. Nela me expunha ainda os motivos dessa retomada da correspondência, determinado pela premonição de que eu passaria nessa época por uma crise espiritual, quando uma palavra de consolo talvez me fosse necessária. No fim, oferecia-me seu apoio, do qual declinei, cioso de minha independência por mais miserável que fosse.

No outono de 1895, fui eu quem retomei a correspondência e pedi sua ajuda para editar meus escritos sobre história natural. A partir desse dia, mantivemos pelo correio relações bastante amigáveis, íntimas mesmo, com exceção de curta ruptura causada por sua incontinência de linguagem, ao se arrogar o direito de instruir-me sobre assuntos banais, ou por me pregar sermões em termos orgulhosos sobre minha falta de modéstia.

Contudo, após as reconciliações, eu lhe dava ciência de todas as minhas observações, revelando-lhe meus segredos sem qualquer prudência. Confessava-me a esse homem a quem jamais tinha visto, e sofria de sua parte as mais severas advertências, pois que o tomava mais como a uma ideia do que como a uma pessoa: era para mim um mensageiro da Providência, um Paracleto.

Ora, havia em nossas opiniões duas diferenças capitais que acarretavam discussões muito vivas, sem, contudo, degenerar em querelas amargas. Como teósofo, pregava o Karma, ou seja, a soma abstrata dos destinos humanos, compensando-se por chegar a uma espécie de Nêmesis. Era, portanto, um mecanicista e um epígono da escola dita materialista. Quanto a mim, via as potências como uma ou várias pessoas concretas, vivas, individualizadas, dirigindo o curso do mundo e a vida dos homens conscientemente, hipostaticamente, como dizem os teólogos.

A segunda divergência dizia respeito à abnegação e à mortificação do Eu, que me parecia e ainda me parece uma loucura.

Tudo o que sei — e é tão pouco! — deriva do Eu, como ponto central. A cultura desse Eu, não seu culto, se afirma, pois, como o objetivo supremo e final da existência. Minha resposta, definitiva e perpétua a essas suas objeções, foi assim formulada: a mortificação do Eu é um suicídio.

Além do mais, diante de quem curvar-me? Diante dos teósofos? Jamais! Diante do Eterno, das potências, da Providência? Cedo aos meus maus instintos, sempre e todos os dias, tanto quanto possível. Meu dever é lutar pela conservação de meu Eu contra todas as influências impostas pela ambição de uma seita ou de um partido, dever esse imposto pela consciência que me deu a graça de meus protetores divinos.

Contudo, por consideração às qualidades desse homem invisível, que amo e admiro, tolero sua arrogância no momento em que ele me trata como inferior. Respondo-lhe sempre, sem nunca esconder minha repugnância pela teosofia.

Por fim, por ocasião da aventura Popoffsky, ele chegou a uma linguagem tão arrogante, e sua tirania tornou-se tão insuportável, que cheguei a temer me considerasse louco. Chamava-me de Simão Magnus, um praticante de magia negra, e recomendou-me a mme. Blavatsky; retruco fazendo-lhe saber que não preciso de nenhuma sra. B. e que *ninguém tem algo a ensinar-me*. Com que me ameaça então? Diz que sabe o que fará para reconduzir-me ao bom caminho, com auxílio de potências mais fortes que as minhas. Então lhe peço que não se meta em meu destino, tão bem guardado pela mão dessa providência que sempre me guiou. E, para ilustrar meu pensamento com um exemplo, conto-lhe a seguinte história, extraída de minha vida tão rica em incidentes providenciais, não sem antes preveni-lo de que receio, desvendando meu segredo, atrair sobre mim a vingança da própria Nêmesis.

Isso se passou há cerca de dez anos, quando estava em meio a uma carreira literária então estrepitosa, no momento em que investia contra o movimento feminista, que todos apoiavam na Escandinávia, com exceção de mim. Havia-me deixado levar pela excitação do combate e ultrapassei os limites da decência, a ponto de meus compatriotas me julgarem louco.

Residia por essa época na Baviera, com minha primeira mulher e meus filhos, quando um amigo da juventude me escreveu convidando-me a passar um ano em sua companhia, com meus filhos. Nenhuma referência era feita à minha mulher.

O caráter da carta inspirou-me suspeitas, por causa do estilo empolado, cheio de rasuras e correções que demonstravam a incerteza do missivista quanto às razões do convite. Suspeitando embuste, declinei da oferta em termos vagos e amáveis.

Dois anos mais tarde, tendo-se consumado o meu primeiro divórcio, resolvi autoconvidar-me a ir sozinho visitar meu amigo, que residia numa ilha do Báltico, onde exercia o cargo de fiscal de alfândega.

A acolhida foi cordial, mas havia uma atmosfera de mentira e equívoco, e ele falava comigo num tom de comissário de polícia. Após uma noite de reflexões, as coisas se tornaram claras para mim. Aquele homem, cujo amor-próprio eu havia ferido em um de meus romances, queria-me mal, apesar da simpatia que demonstrava por mim. De natureza despótica, quis torcer meu destino, domar meu espírito, subjugar-me e, com isso, provar sua superioridade sobre mim.

Pouco rigoroso na escolha dos meios, tortura-me durante uma semana, envenena-me com suas calúnias, fábulas inventadas de propósito, mas o faz com tamanha inabilidade que fico na convicção de que o embuste preparado no passado tinha como único objetivo o de me fazer internar como louco.

Deixo-me levar sem a menor resistência, confiante em minha boa estrela, para livrar-me dele no devido tempo.

Minha aparente submissão faz com que o algoz tome afeição por mim e, como vive isolado no meio do mar, detestado por seus vizinhos e subordinados, cede à necessidade da confiança. Com incrível ingenuidade para um homem de cinquenta anos, conta-me que no ano anterior a irmã ficara louca e, num acesso momentâneo, pusera fogo em todas as suas economias.

No dia seguinte, novas confidências: fico sabendo que o irmão está internado no continente, num asilo de alienados.

Pergunto-me: será por essa razão, e a fim de se vingar de seu destino, que deseja fazer-me internar?

Depois de deplorar seus infortúnios e granjear completamente sua afeição, consegui evadir-me alegando que ia alugar uma casa na ilha vizinha, e fui ao encontro de minha família. Passado um mês, recebo uma carta do amigo que, abatido pela dor, vem me chamar em socorro, pois o irmão dera um tiro na cabeça num dos ataques de loucura. Consolo-o, a ele que foi meu algoz, e, para cúmulo da história, a mulher, aos prantos, confessa-me que espera há tempos venha o marido a ter a mesma sorte dos irmãos.

Um ano se passa, e os jornais noticiam o suicídio do irmão mais velho de meu amigo, em circunstâncias que provam alienação mental.

Em suma, três raios vieram arrebentar sobre a cabeça desse homem que quis brincar com a tempestade!

“Que coincidência!” — poderão dizer. Tanto melhor! Mas uma coincidência funesta, pois todas as vezes que contei essa história fui castigado por ela.

Os grandes calores de julho chegaram: a vida é intolerável: tudo tem mau cheiro, e as cem privadas mais que tudo. Espero uma catástrofe sem saber qual seja.

Numa rua, apanho do chão um pedaço de papel onde está escrita a palavra *fuinha*. Em outra rua, outro papel parecido traz, escrita com a mesma caligrafia, a palavra *abutre*. *Popoffsky* parece-se perfeitamente com uma *fuinha* e sua mulher com um *abutre*. Teriam chegado a Paris para matar-me? Ele, o assassino sem-vergonha, é capaz de tudo, já que assassinou mulher e filhos.

Leio um delicioso livreto, *A alegria de morrer*,²⁴ que me dá o desejo de deixar este mundo. Para explorar a fronteira entre a vida e a morte, deito-me na cama, destampo o frasco de cianureto de potássio, que desprende seu odor mortal. Ei-lo que se aproxima de mim, o homem da foice: é delicado e tem ares voluptuosos; mas, no último instante, sempre chega alguém ou acontece alguma coisa de imprevisto: o garçom do hotel sob um pretexto qualquer, uma vespa que entra pela janela.

As potências recusam-me a única alegria, e submeto-me diante de sua vontade.

Nos começos de julho, o hotel se esvazia com os estudantes que partem em férias.

Eis por que a chegada de um estrangeiro, no quarto vizinho, excita-me a curiosidade. O desconhecido não fala nunca; parece sempre ocupado em escrever, por trás da divisória que nos separa. Numa atitude estranha, recua todas as vezes que eu aproximo minha cadeira da parede; repete meus movimentos, como se quisesse me irritar com isso.

A coisa continua por três dias. Depois, percebo que, quando vou me deitar, alguém se deita no quarto que está do lado de minha mesa; mas, estando deitado, ouço-o levantar-se e ir para o outro quarto, ocupando o leito vizinho do meu. Escuto-o, estendido paralelamente a mim: folheia um livro, depois apaga a lâmpada, respira, vira de lado e dorme.

Um silêncio absoluto reina no quarto do lado oposto. Logo, ele ocupa ambos os quartos. É desagradável ser assediado pelos dois lados.

Só, inteiramente só, janto com o prato trazido numa bandeja a meu quarto, e como tão pouco que o garçom se compadece de mim. Há uma semana que não ouço minha própria voz, e, por falta de exercício, o som começa a desaparecer. Estou inteiramente sem dinheiro: fazem-me falta os cigarros e os selos postais.

Então, num esforço supremo, concentro minha vontade. *Quero* fazer ouro, pela via seca ou pelo fogo. Consigo dinheiro, o forno, as tenazes, o carvão, o fole e as pinças.

O calor é intenso, e, nu até a cintura, como um ferreiro, suo diante do fogo aceso. Mas os pardais fizeram ninho na chaminé da lareira, e a fumaça do carvão volta para o meu quarto. Irrito-me após a primeira tentativa, por causa das dores de cabeça, e da inutilidade de

²⁴*La Joie de mourir, consolation à tous ceux qui pleurent un être tendrement aimé* (A alegria de morrer, consolo a todos aqueles que prateiam o ser amado com ternura), de A.-E. Badaire (Paris: Chamuel, 1894). [N. da E.]

minhas operações, já que tudo deu errado. Depois de haver refundido a massa três vezes ao fogo da forja, olho para o interior do cadinho. O bórax formou uma caveira, com olhos luzentes que me penetram na alma, como uma ironia sobrenatural.

Nenhum grão de metal, apesar de tudo! Então renuncio a novas experiências.

Agora, sentado na poltrona, abro a Bíblia e leio ao acaso: “Não refletem, nem consideram, nem têm o bom senso de dizer: Eu queimei no fogo metade desta madeira, e cozi pães sobre as brasas; cozi carnes e comi-as, e então de seu resto hei de fazer um ídolo? Hei de prostrar-me diante de uma árvore? Uma parte deste pau está já feita em cinza; sem embargo disso, o seu coração insensato adorou a outra parte, e ele não salvará a sua alma, dizendo: É sem dúvida uma mentira o que está na minha mão. ...Eis o que diz o Senhor, que te remiu e que te formou no ventre de tua mãe: Eu sou o Senhor, que faço todas as coisas, que só por mim estendi os céus, e firmei a terra, sem que ninguém me ajudasse. *Eu faço baldar os prognósticos dos adivinhos, e torno furiosos os agoureiros. Eu faço recuar os sábios, e converto sua ciência em loucura*”. Duvido, pela primeira vez, de minhas pesquisas científicas! Se isto é uma loucura, ai de mim, terei sacrificado a felicidade de minha vida, de minha mulher e de meus filhos, por uma simples quimera!

Maldito de mim, insensato! Alarga-se o abismo entre minha família e este instante que passa! Um ano e meio, tantos dias e tantas noites, tantas dores e sofrimentos, para nada!

Não, isso não pode ser! Não há de ser!

Perdido numa floresta negra? Não, o anjo da luz guiou-me pelo bom caminho, para a ilha dos Afortunados, mas agora é o demônio que me tenta! ou que me pune!

Afundo-me na poltrona: um torpor inusitado pesa sobre meu espírito; parece-me que eflúvios magnéticos chegam até mim vindos do outro lado da divisória; o sono entorpece-me os membros. Reunindo forças, ergo-me para sair. Então, passando pelo corredor, ouço vozes que sussurram no quarto vizinho à minha mesa.

Por que murmuram? Para não se fazerem ouvidos por mim.

Desço a rua d’Assas e entro no Jardim de Luxemburgo, arrasto as pernas, sinto-me paralisado até a cintura, deixo-me cair sobre um banco, por trás de Adão e sua família.

Estou envenenado! Eis a primeira ideia que me ocorre. É Popoffsky, que matou a mulher e os filhos com gás deletério, e já chegou aqui. Foi ele quem injetou uma corrente de gás através da parede, segundo

a célebre experiência de Pettenkofer.²⁵ Que devo fazer? Ir ao comissariado de polícia? Não! Pois se faltam provas, acabarão por me prenderem como louco.

*Vae soli!*²⁶ Infeliz do homem solitário, um passarinho no telhado! Nunca senti tão intensamente a miséria de minha existência e choro como uma criança abandonada, que tem medo das trevas.

À noite, receio permanecer à mesa de trabalho, temeroso de um novo atentado. Meto-me na cama, sem ousar dormir. É noite e a lâmpada está acesa. Na parede, em frente à minha janela, vejo desenhar-se a sombra de uma figura humana. Homem ou mulher, não saberia dizê-lo, mas tive a impressão de que se tratava de mulher.

Quando me ergo para observar, a colina se baixa com um ruído seco. Em seguida, ouço o desconhecido entrar no quarto vizinho à minha cama, e o silêncio se faz.

Durante três horas, permaneço desperto, privado de sono que, de hábito, não se faz esperar.

Então uma sensação alarmante desliza-me através do corpo; sou vítima de uma corrente elétrica que flui entre os dois quartos vizinhos. A tensão vai aumentando, e, malgrado a resistência, abandono a cama, obcecado por esta ideia:

— Vão me matar! Não quero ser morto!

Saio à procura do garçom em seu cubículo ao fim do corredor. Mas, aí, não o encontro. Concluo que desapareceu, afastou-se, escondeu-se, cúmplice tácito, vendido!

Desço as escadas e atravesso o corredor, para despertar o dono do hotel.

Com uma presença de espírito de que me não me acreditava capaz, pretexto uma indisposição causada pelas emanções de produtos químicos, e peço-lhe que me arranje outro quarto, onde possa passar a noite.

Por um acaso arquitetado pela cólera da providência, o único quarto disponível se localiza precisamente abaixo do meu inimigo.

Aí, sozinho, abro a janela e respiro o ar puro de uma noite estrelada. Por cima dos telhados da rua d'Assas e da rua Madame, brilham a

²⁵Max Joseph von Pettenkofer (1818-1901), químico, higienista e médico alemão. [N. da E.]

²⁶Em latim, no original: “Ai daqueles que estão sós”. Alusão ao Eclesiastes 4, 10: “Porque se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas ai do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante”. Tradução de João Ferreira de Almeida. [N. da E.]

Grande Ursa e a Estrela Polar.

— Para o Norte então! *Omen accipio!*²⁷

E, baixando as cortinas, ouço acima de mim meu inimigo, que sai da cama e deixa cair um objeto pesado numa mala, que em seguida fecha a chave.

Por conseguinte, oculta alguma coisa; talvez uma máquina elétrica!

No dia seguinte, domingo, faço as malas, pretextando uma excursão à beira-mar.

Chamo um cocheiro: estação Saint-Lazare; mas, ao chegar ao Odéon, digo-lhe para levar-me antes à rua de la Clef [da chave], junto ao Jardim de Luxemburgo. Ali permanecerei incógnito, para acabar meus estudos, antes de regressar à Suécia.

Inferno

Afinal houve uma pausa em meus tormentos. Instalado numa poltrona do patamar do pavilhão, costumo passar horas inteiras observando as flores do jardim e refletindo sobre o passado. A calma que se seguiu à minha fuga prova à saciedade que eu não fora abatido por doença, mas sim perseguido por meus inimigos. Durante o dia trabalho e durmo tranquilamente à noite. Liberto da sordidez dos ambientes em que ultimamente vivia, sentia-me rejuvenescido contemplando as malvas-rosas, essas plantas da minha juventude.

O Jardin des Plantes, essa maravilha desconhecida pelos parisienses, havia-se tornado para mim um parque privativo. É como ter a Criação inteira, reunida no interior desses muros, como uma Arca de Noé, o Éden reconquistado, no qual podia errar sem perigo, mesmo em meio a animais ferozes; minha felicidade era indizível. Tendo os minerais como ponto de partida, passo pelos reinos vegetal e animal até chegar ao Homem, atrás do qual vislumbro o Criador. O Criador, o grande artista que Se aperfeiçoa ao criar, ora faz esboços que rejeita, ora retoma ideias abortadas, aperfeiçoando e multiplicando as formas primitivas. Certo, tudo é obra de Sua mão. Às vezes, faz progressos admiráveis criando novas espécies, e a ciência então crê encontrar lacunas, a falta de elos, julgando que houve o desaparecimento de espécies intermediárias.

Seguro de que estava a salvo de meus perseguidores, envio meu endereço ao Hotel Orfila, para pôr-me em contato com o mundo exterior, e restabelecer minha correspondência interrompida com a fuga.

²⁷Em latim, no original: “Trago um presságio”. [N. da E.]

Mal no entanto havia revelado meu novo paradeiro, a paz interrompeu-se. Começam a acontecer coisas que me inquietam e volto a sentir-me oprimido pela antiga enfermidade. Eis que o quarto do térreo, vizinho ao meu, que estava vago e sem móveis, é subitamente transformado em depósito de objetos cuja utilização permanece para mim inexplicável. Um velho, com olhos maus de urso cinzento, nele deposita caixas vazias, lâminas de ferro e outros objetos indefiníveis.

Ao mesmo tempo, os ruídos da rua de la Grande Chaumiere recomeçam acima de minha cabeça: um arrastar de cabos, um bater constante de martelos, tal como se estivessem preparando a montagem e a instalação de alguma máquina infernal como a dos niilistas.

Em seguida, a dona do hotel, muito simpática no início de minha hospedagem, modifica seu tratamento para comigo, começa a espionar-me, cumprimenta-me de uma forma enervante.

Além disso, no quarto de cima, no primeiro andar, há um novo locatário. O antigo senhor cujos passos silenciosos me eram conhecidos, não mais está lá. Pensionista aposentado, mora nesta casa há muitos anos, e certamente não se mudou: simplesmente deve ter trocado de quarto. Por quê?

A empregada que arruma meu quarto e me serve as refeições tornou-se subitamente calada e lança-me de soslaio olhares compungidos.

Agora, ouço lá em cima uma roda que durante o dia inteiro gira sem parar.

Tenho a firme impressão de estar condenado à morte! Por quem? Pelos russos, os devotos, os católicos, os jesuítas, os teósofos! Por que motivo? Por ser feiticeiro ou praticante de magia negra?

Ou, quem sabe, pela polícia? Como anarquista? É uma acusação bastante prática para expulsar os inimigos pessoais.

No momento em que escrevo, ignoro o que se passou nessa noite de julho, quando a morte se atirou sobre mim, mas sei bem e jamais esquecerei a lição que guardo por toda a vida desse incidente.

Ainda que os detentores do segredo admitissem e reconhecessem ter sido tudo o efeito de uma intriga tramada pela mão do homem, eu não lhes daria ouvidos, pois estou agora convencido de que outra mão mais forte é que a pôs em movimento, sem que soubessem ou quisessem.

Por outro lado, se imaginarmos que não houve intriga, seria neste caso eu, com minha imaginação, que teria criado esses espíritos corretivos para punir-me a mim mesmo. Veremos em seguida quão improvável é tal suposição.

Na manhã do último dia, levanto-me com uma resignação que gostaria de classificar de religiosa; nada me prende mais à vida. Pus meus papéis em ordem, escrevi as cartas necessárias, queimei o que precisava ser destruído.

Em seguida, fui ao Jardin des Plantes, me despedir da Criação.

Os blocos de ferro magnético sueco, que estão diante do museu de mineralogia, saúdam-me com acenos da pátria. Acácia-de-robin, cedro-do-líbano, monumentos de grandes épocas da ciência ainda viva, eu vos saúdo.

Compro pão e cerejas para presentear meu velho amigo o urso Martin, que me conhece pessoalmente, pois sou a única pessoa que lhe oferece cerejas quando desperta ou vai dormir. Levo pão ao elefante-bebê, que me cospe no rosto depois da comida, menino pérfido e ingrato.

Adeus, corvos, abutres, habitantes do céu aprisionados na gaiola de um viveiro infecto, adeus bisão, beemote, demônio aprisionado; adeus, focas, casal bem aparelhado que o amor conjugal consola da perda do Oceano e de seus amplos horizontes. Adeus, plantas, pedras, flores, árvores, borboletas, pássaros, serpentes, todos vós, seres criados pela mão do bom Deus! E vós, homens célebres. Bernardin de Saint-Pierre, Lineu, Geoffrey Saint-Hilaire, Haüy, vós cujos nomes estão escritos com letras de ouro no frontão do templo — adeus! ou antes: até a vista!

Deixo o paraíso terrestre, lembrando-me das palavras de *Séraphita*: “Adeus, pobre terra! Adeus!”.

Ao entrar no jardim do hotel, farejo a presença de alguém que deve ter chegado enquanto estive ausente. Não o vejo, mas sinto-o.

O que aumenta o meu desconcerto é a modificação evidente que se verificou no quarto contíguo ao meu. A princípio, havia uma cobertura estendida numa corda, evidentemente para ocultar alguma coisa. Sobre o pano da chaminé estão empilhadas placas metálicas separadas por travessões de madeira. Por cima de cada pilha, um álbum fotográfico, ou um livro qualquer, ali colocado, segundo tudo indica, para emprestar um ar inocente a essas máquinas infernais, que suponho serem acumuladores.

Para cúmulo de tudo, observo dois operários trepados num telhado, na rua Censier, exatamente em frente à ala onde habito. Não posso discernir o que fazem lá em cima, mas sei que visam a janela de minha varanda, manejando toda uma sorte de objetos que não distingo.

Por que não me decido a fugir? Porque sou orgulhoso demais e acho que devo enfrentar o que for inevitável.

Preparo-me por isso para a noite. Tomo um banho, cuido de lavar bem os pés, pois desde minha infância minha mãe me ensinou que ter os pés sujos era um sinal de desonra.

Faço a barba e perfume a camisa de núpcias, comprada há cerca de três anos, em Viena... O enxoval do condenado à morte.

Leio na Bíblia os salmos de Davi, em que pede que a vingança do Eterno recaia sobre seus inimigos.

Quanto aos salmos da penitência, acho que não tenho o direito de me arrepender, pois não sou eu quem dirige meu destino; jamais pratiquei o mal pelo mal, só o fiz para defender minha pessoa. Arrepender-se é o mesmo que criticar a providência, que nos impôs o pecado como sofrimento a fim de nos purificar pela mortificação que a ação má nos inspira.

O acerto de contas com a vida foi feito: estamos quites! Se pequei, posso jurar que paguei suficientemente a pena! Sem a menor dúvida! Temer o inferno! Mas se atravessasse sem vacilar os mil infernos deste mundo, sentindo que essa caminhada suscitava em mim o desejo ardente de abandonar as vaidades e os falsos prazeres deste mundo que sempre detestei. Nascido já nostálgico do céu, desde criança chorei sobre a sordidez da existência, sentindo-me um estranho e expatriado em meio à minha família e à sociedade.

Desde a infância busquei a Deus, e encontrei o demônio. Quando jovem, carreguei a cruz de Cristo, mas reneguei um Deus que se comprazia em dominar escravos humildes diante de seus algozes.

Ao abaixar as cortinas de minha porta envidraçada, observo no salão particular um grupo de damas e cavalheiros que bebem champanhe. São decerto os estrangeiros que chegaram esta tarde. Mas não estão reunidos simplesmente por prazer, já que todos têm um ar muito sério e discutem, fazem projetos, falam em voz baixa, como se fossem conspiradores. Para o cúmulo de meu tormento, viraram para cá suas cadeiras e apontam com o dedo em direção ao meu quarto.

Às dez horas apago a lâmpada e adormeço, tranquilo, resignado como um agonizante.

Desperto; um relógio de pêndulo soa duas horas, uma porta se fecha e... levanto da cama, como se chupado por uma bomba aspirante que me sugasse o coração. De pé, uma ducha elétrica me cai sobre a nuca e me comprime para baixo.

Visto-me e precipito-me para o jardim, presa das mais horríveis palpitações.

Vestido, penso imediatamente em ir ao comissariado de polícia, requerer uma busca domiciliar.

Ora, como a porta da casa está fechada e a cabine do porteiro também, avanço às apalpadelas, abro a porta à direita e entro na cozinha, onde há uma candeia acesa. Apago-a e permaneço de pé na obscuridade profunda da noite.

O medo faz-me recuperar a consciência, e, guiado pelo pensamento de que se me engano estarei perdido, retorno ao meu quarto.

Arrasto uma poltrona para o jardim e, sentado sob a abóbada estrelada, penso no que se passou.

Uma doença? Impossível, pois estava me sentindo bem, antes de revelar minha identidade. Um atentado? Evidentemente, já que vira os preparativos com meus próprios olhos. Além disso, aqui no jardim, fora do alcance dos inimigos, sinto-me restabelecido e meu coração funciona perfeitamente. Enquanto faço essas reflexões, ouço alguém tossir no quarto contíguo ao meu. Imediatamente, no quarto de baixo, outra tosse responde. Sinais, aparentemente, e semelhantes aos que ouvi na última noite no Hotel Odila. Aproximo-me da porta envidraçada do quarto do andar térreo com a intenção de forçar a fechadura, mas em vão.

Fatigado dessa luta inútil contra os invisíveis, afundo-me na poltrona, onde o sono tem piedade de mim, de modo que adormeço sob as estrelas de uma bela noite de verão e murmúrios de rosas trepadeiras, em meio à suave brisa de julho.

O sol desperta-me e, dando graças à Providência, que me arrancou da morte, arrumo meus poucos pertences numa mala para ir a Dieppe, onde encontrarei abrigo junto a pessoas amigas, que eu havia negligenciado como a todos os demais, mas que eram sempre indulgentes e generosos com os desprotegidos da sorte e os náufragos da vida.

Quando procuro pela dona do hotel, informam-me que ela não pode atender, pretextando uma indisposição. Bem que devia esperar por isso, certo que estava de seu papel de cúmplice.

Ao deixar o hotel, lanço uma maldição sobre a cabeça de meus malfeitores e invoco o fogo do céu contra esse bando de facínoras; com ou sem razão, quem poderá dizer?

Em Dieppe, meus amigos se mostram apavorados quando me veem subir pela pequena encosta da vila das Orquídeas, com minha mala de viagem, carregada de manuscritos.

— De onde está vindo, ó infeliz?

— Venho da morte.

— Foi o que pensei ao ver sua cara de cadáver.

A bondosa e encantadora dona da casa tomou-me pela mão e me levou para a frente de um espelho, onde pude me contemplar. O rosto enegrecido pelo carvão da estrada de ferro, as olheiras profundas, os cabelos emplastados e encanecidos, os olhos esbugalhados, a camisa encardida: eu dava pena.

Quando a amável senhora, que me tratava como uma criança enferma e abandonada, deixou-me só diante do toalete, examinei meu rosto de perto. Havia em seus traços uma expressão que me encheu de horror.

Não era nem da morte nem do vício, era algo diverso. Se já conhecesse Swedenborg, saberia pelo estigma deixado pelo espírito maligno em meu rosto qual era o estado de minha alma e a significação dos acontecimentos das últimas semanas.

Naquele instante, senti vergonha e horror de mim mesmo, e arrependi-me de ter sido ingrato para com aquela família que, outrora, oferecera um porto de salvação, não só a mim como a outros miseráveis náufragos.

As fúrias haviam-me impelido para ali a fim de me penitenciar. Uma bela casa de artistas, um excelente casal, um casamento feliz, com filhos encantadores, com todo o conforto e limpeza, uma hospitalidade sem limites, uma generosidade de opiniões, uma atmosfera de beleza e de bondade que me queima e em meio à qual não me sentia à vontade, tal como um condenado no paraíso. Começo a descobrir então que não passo de um danado.

Diante de meus olhos estende-se tudo o que a vida pode oferecer de beatitude, tudo aquilo que eu havia perdido.

Ocupo uma mansarda que dá para o alto da encosta, onde se situa um asilo de velhos. De tarde, descubro, apoiados no muro de sustentação, dois homens que espionam em direção de nossa casa e que designam com gestos o lugar de minha janela. A ideia de que sou perseguido por inimigos eletricitas obceca-me de novo.

Estamos na noite de 25 para 26 de julho de 1896, meus amigos fizeram o possível para me tranquilizar; percorremos juntos todas as mansardas próximas da minha, até mesmo o sótão, para me provar que ninguém estaria escondido num canto suspeito. Mas, ao abrir a porta de um quarto de despejo, um objeto inofensivo em si me causa impressão deprimente. Trata-se de um urso branco utilizado como tapete; mas a goela arreganhada, os caninos ameaçadores, os olhos brilhantes me excitam. Por que será que esse animal se achava precisamente ali, naquele exato momento?

Sem trocar de roupa, durmo vestido sobre o leito, disposto a esperar o soar fatal das duas badaladas.

Espero até a meia-noite, ocupado em ler. Passa-se uma hora, e todos na casa dormem tranquilamente. Enfim soam as duas horas! Nada acontece! Então, num acesso de arrogância, para desafiar as forças invisíveis, e talvez até para fazer uma experiência de física, levanto-me, abro ambas as janelas, acendo duas velas. Sentado diante dos castiçais e oferecendo-me como alvo, o peito aberto, provooco os desconhecidos.

— Aqui me tendes, imbecis!

Então como que um eflúvio elétrico se fez sentir em mim, a princípio fraco. Olho para a bússola preparada como testemunha; mas nela não há qualquer traço de desvio e, por consequência, de eletricidade.

Ora, a tensão aumenta, meu coração bate fortemente; resisto, mas, com a rapidez do raio, um fluido inunda meu corpo, afoga-me, sufoca-me e me suga o coração.

Precipito-me escada abaixo para chegar ao salão do andar térreo, onde me haviam preparado um leito provisório, em caso de necessidade. Ali deitado após cinco minutos, reflito. Será eletricidade radiante? Não, senão a bússola teria acusado. Um mal-estar causado pelo receio das duas horas? Também não, já que não me faltou coragem para afrontar os ataques. Por que então fui levado a acender as velas que atraíram o fluido desconhecido de que fui vítima?

Sem respostas, num labirinto sem saída, esforço-me por dormir; mas então uma descarga me atinge como um ciclone, arranca-me da cama, e a caça recomeça. Escondo-me por trás da parede, coloco-me sob o umbral da porta, diante das lareiras. Por toda parte, onde quer que esteja, as fúrias me encontram. A angústia moral vem à tona, o pânico toma conta de mim, a propósito de tudo e de nada, embora eu fuja de um quarto para outro, indo refugiar-me na varanda, onde fico agachado.

A manhã amarelo-cinza e as nuvens cor de sépia revestem-se de formas bizarras, monstruosas, que aumentam meu desespero. Busco o ateliê de meu amigo pintor e, deitado no tapete, fecho os olhos. Cinco minutos depois, sou acordado por um barulho enervante. Um camundongo observa-me com a evidente intenção de se aproximar. Espanto-o: ele volta com outro. Meu Deus, estarei com *delirium tremens*, sem haver abusado de vinho nestes últimos três anos? (Na manhã seguinte, certifiquei-me da existência de ratos no ateliê. Coincidência então, mas preparada por quem e com que fim?)

Troco de lugar e deito-me no tapete do vestibulo. O sono misericordioso mergulha em meu espírito torturado e perco a consciência da dor, durante uma meia hora talvez.

Um grito distintamente articulado: *Alp*, me desperta em sobressalto.

Alp! é o nome em alemão do pesadelo ou do incubo.

Alp! foi o nome desenhado pelas gotas de chuva no meu papel escrito no Hotel Orfila.

Quem foi que gritou? Ninguém, pois todas as pessoas da casa estão dormindo. Brincadeira de demônios! Metáfora poética que encerra talvez toda a verdade.

Torno a subir as escadas até a mansarda; as velas se consomem; o silêncio reina.

Então soa o *Angelus*: é o dia do Senhor.

Tomo então o breviário romano e leio: *De profundis clamavi ad te, Domine!* Depois, consolado, deixo-me cair sobre a cama como morto. Domingo, 26 de julho de 1896. Um ciclone devasta o Jardin des Plantes. Os jornais noticiam detalhes que me interessam de maneira especial, sem que saiba dizer por quê. É hoje o dia em que o balão de André²⁸ fará sua subida para o Polo Norte; mas os prognósticos são de mau augúrio. O ciclone devastou alguns balões que haviam subido de locais distintos, e vários aeronautas pereceram. Elisée Reclus²⁹ quebrou a perna. Igualmente, em Berlim, alguém chamado Pieska suicidou-se em circunstâncias extraordinárias, cortando o ventre à maneira japonesa: um drama sangrento.

No dia seguinte, deixo Dieppe, desta vez bendizendo a casa cuja merecida felicidade assombrei com as minhas angústias.

Rejeitando mais uma vez a ideia de uma intervenção das potências espirituais, acreditava-me vitimado por alguma enfermidade nervosa. Por isso voltei à Suécia, para procurar um médico amigo.

Como lembrança de Dieppe, trago uma pedra comigo, uma espécie de minério de ferro, de forma trifoliada como um vitral de ogiva, e trazendo gravada a cruz-de-malta. Deu-me um menino que a havia encontrado na praia. Contou-me que essas espécies de pedras caem do céu e são em seguida levadas a terra pelas ondas.

(Na costa da Bretanha, os ribeirinhos recolhem, após as tempestades, pedras em forma de cruz que parecem de ouro. Trata-se de um mineral chamado estarolita.)

A cidadezinha está situada à beira-mar, no sul da Suécia: antigo abrigo de piratas e contrabandistas, guarda os traços exóticos dos quatro cantos do mundo, ali deixados por marinheiros circumnavegadores.

²⁸Ver nota 1 do capítulo vii. [N. da E.]

²⁹Elisée Reclus (1830-1905) foi um geógrafo e anarquista francês. [N. da E.]

É por isso que a casa de meu amigo médico possui o aspecto de um templo budista. As quatro alas da construção, de um andar apenas, circunscrevem um pátio quadrangular no meio do qual se encontra uma edificação em forma de cúpula, que lembra o túmulo de Tamerlão em Samarcanda. A estrutura e a cobertura da cumeeira de telhas chinesas evocam o Extremo Oriente. Uma tartaruga apática passeia pelo chão e se perde no meio das ervas num nirvana de contemplação, prolongado ao infinito.

Uma latada de rosa-de-bengala decora o muro exterior da ala ocidental, onde estou sozinho. Para alcançar os dois jardins, passa-se por outro pátio, onde há um castanheiro e onde ciscam galinhas negras sempre irritadas: é uma espécie de corredor escuro e estreito.

No jardim florido, há um pavilhão revestido de aristolóquias, em forma de pagode.

O mosteiro, que compreende inumeráveis peças, é habitado por um só e único indivíduo, o diretor do hospital da comunidade. Viúvo, solitário, seguiu com independência a rude escola da vida e contemplava os homens com esse desprezo robusto e nobre que nos dá o conhecimento profundo da inutilidade relativa de tudo, inclusive do próprio eu.

A entrada desse homem no cenário de minha vida deu-se de forma tão imprevista que mais parece um desses efeitos teatrais.

Em nossa primeira entrevista após minha chegada de Dieppe, fixou-me com um olhar escrutador e de repente:

— Que tens? Melancolia! Bom! Mas vejo mais que isso. Tens um olhar mau, que não conhecia em ti. Que foi? Deboches, vícios, ilusões perdidas, religião? Conta-me tudo, meu velho!

Mas nada lhe conto, pois a primeira ideia que me vem ao espírito suspeito é a de que ele está com prevenção contra mim, que recebeu admoestações a meu respeito, soube que estive internado.

Pretexto nervosismo, insônias, pesadelos, e passamos a falar de outras coisas.

Instalado em meu pequeno apartamento, observo imediatamente a cama de ferro americana com os quatro pés terminados por bolas de latão, que parecem condutores de um aparelho elétrico. Acrescenta-se a isso o colchão elástico, composto de molas de cobre, análogas às espirais da bobina de Rumkhorff, e imaginei minha fúria diante daquele acaso diabólico. Impossível solicitar uma troca de cama, sob pena de parecer maníaco. Para ter certeza de que não havia nenhum aparelho escondido por cima de meu quarto, subi até o sótão. Para cúmulo do azar, lá em cima havia apenas um objeto, uma enorme tela

de fio de ferro, retorcida e colocada exatamente por cima de minha cama. Sem dúvida um acumulador, pensei comigo mesmo. Em caso de tempestade, o que é bem frequente aqui, a rede de ferro atrairá o raio e eu repousarei sobre o condutor; mas nada ousou dizer. Nesse mesmo tempo, o ruído de uma máquina me incomoda. Um zumbir nas orelhas me persegue desde minha partida do Hotel Orfila, algo assim como a trepidação de uma roda hidráulica.

Duvidando da realidade desse ruído, pergunto-me o que seria. — A prensa da tipografia que funciona ao lado.

Tudo se explica perfeitamente, e no entanto essa simplicidade de meios me transtorna, me amedronta.

E eis que chega a noite aterradora. O céu está encoberto, o ar pesado; pressente-se uma tempestade. Não ousou deitar-me, e passo horas a escrever cartas. Vencido pelo cansaço, dispo-me e enfio-me nos lençóis. Um silêncio horrível reina em toda a casa assim que apago a vela. Sinto que alguém nas sombras me espreita, me roça, me apalpa o coração e o suga.

Sem mais, salto da cama, abro a janela e corro para o pátio; mas não vejo as roseiras e minha camisa não me protege devidamente contra o flagelo dos espinhos. Arranhado, a sangrar, atravesso o pátio e, descalço, com os pés castigados pelos seixos, feridos pelos cardos e urtigas, escorregando em objetos desconhecidos, chego à porta da cozinha que dá para o apartamento do médico. Bato! Ninguém responde: — Só então percebo que está chovendo. Oh! miséria das misérias! Que fiz para merecer tais torturas? Sem dúvida é o inferno! *Miserere! miserere!*

Torno a bater! de novo!

É de fato estranho que não apareça ninguém quando me atacam. Sempre os álibis: deve ser um conluio do qual todos são cúmplices!

Por fim, a voz do médico:

— Quem está aí?

— Sou eu, me sinto mal! Abre senão eu morro!

Ele abre.

— Que aconteceu?

Começo a contar-lhe minha história a partir do atentado da rua de la Clef, que atribuo a inimigos eletricitistas...

— Cala-te, infeliz; estás sofrendo de alguma doença mental.

— Alto lá! Examine meu intelecto; leia o que escrevo todos os dias, e o que sai na imprensa com meu nome...

— Silêncio! Não digas nada a ninguém! Há nos tratados de doenças mentais inúmeras referências a essas histórias de eletricitas!

— Diga uma! Dou tanta importância a esses tratados que, por ter a consciência tranquila, amanhã mesmo irei me submeter a exames no asilo de Lund!

— Então, estarás perdido! Não digas mais nada, e vem te deitar aqui ao lado!

Insisto e exijo que me ouça. Recusa-se, de nada quer saber.

Ficando a sós, pergunto-me: será possível que um amigo, um homem de caráter, que permaneceu acima dos vis tráficos deste mundo, tenha encerrado uma carreira honrada por ceder à tentação? Mas tentação de quê? Não consigo encontrar resposta, mas as suposições se multiplicam.

Every man his price, cada homem tem seu preço! No caso presente deve ter sido necessária uma soma considerável, em proporção com a virtude do homem. — Mas com que fim! Uma vingança ordinária não pagaria o preço! É necessário que haja um interesse imenso envolvido no caso! Sem dúvida! Ah! é isso! Sou capaz de fazer ouro, o médico admitiu-o ou quase, mas agora nega haver repetido as experiências que lhe havia comunicado por carta. Negou-o e, no entanto, esta noite, encontrei indícios do que sua própria mão deixou rolar pelo chão do pátio. Logo, mentiu-me!

Além do mais, alongou-se, nessa mesma noite, a propósito das consequências funestas para a humanidade, se a fabricação do ouro se confirmasse. Bancarrota universal, desordem generalizada, anarquia, fim do mundo.

— Tinham que acabar com o inventor! — foram suas palavras finais.

Ficando, em seguida, ao corrente da situação pecuniária de meu amigo, aliás bastante modesta, admirei-me que planejasse adquirir brevemente a propriedade onde mora. Endividado, sem dinheiro, ainda sonha em se tornar proprietário.

Tudo concorre para fazer-me suspeitar do bom amigo.

Mania de perseguição! Seja: mas o artista que forjou os elos desses silogismos infernais, onde está?

— Será preciso acabar com ele! — Eis o último pensamento que posso fixar no tormento em que me encontro, até poder dormir quase ao raiar do dia.

Começamos um tratamento com banhos de água fria, e mudei de quarto de dormir; agora as noites são mais tranquilas, apesar de algumas recaídas.

Numa delas, o doutor, vendo o breviário em cima da mesinha-de-cabeceira, perguntou-me excitado:

— Então insistes nessa religião! Isso é mais sintoma, compreendes?

— Ou uma necessidade, como as outras!

— Alto lá! Não sou ateu, mas acho que o Todo-poderoso não quer mais aquelas intimidades de antigamente. Acabaram-se as bajulações para com o Eterno, e acho certo o princípio maometano que pede ao seu Deus apenas resignação para poder carregar o fardo da existência.

Grandes palavras, das quais extraio alguns grãos de ouro.

Acaba por privar-me do breviário e da Bíblia.

— Lê coisas indiferentes, de interesse secundário, história universal, mitologia, e não insistas em sonhos vãos. Principalmente: cuidado com o ocultismo, a ciência do abuso. É proibido bisbilhotar os segredos do Criador, e desgraçados daqueles que os descubrem!

Quando lhe objeto que em Paris fundaram uma escola ocultista, ele atoa:

— Pobres deles!

À noite, traz-me a *Mitologia germânica*, de Victor Rydberg, mas sem pensamentos preconcebidos, estou certo.

— Toma lá estas histórias que fazem dormir. O efeito é mais eficaz que o sulfonal.

Se meu amigo soubesse que estopim estava acendendo, certamente teria preferido...

A *Mitologia*, em dois volumes, ao todo mil páginas, abre-se em minhas mãos, por assim dizer sozinha, e meus olhos se fixam imediatamente sobre as seguintes linhas, que se gravaram em minha memória com letras de fogo:

“Segundo a lenda, Bhrigu, instruído por seu pai, encheu-se de orgulho e imaginou-se capaz de superar o mestre. Este o enviou aos infernos, onde ele devia, para humilhar-se, assistir a mil espetáculos horríveis sobre os quais nada havia aprendido.”

Era então isso, o orgulho, a presunção, *hybris*, punido por meu pai e mestre. E eu me encontrava no inferno, atirado ali pelas potências. Quem seria, pois, meu mestre? Swedenborg?

Continuo a folhear o livro miraculoso.

“Compara-se a essa fábula o mito germânico dos *campos de espinhos que flagelam os pés dos injustos...*”

Basta! Basta! Também os espinhos! É demais!

Não há dúvida, estou no inferno! E, de fato, a realidade confirma de forma tão plausível esta fantasia, que acabo por dar-lhe fé.

O doutor parece-me oscilar entre sentimentos diversos. Ora está preocupado, olha-me de viés e trata-me com uma brutalidade humilhante; ora, ele próprio infeliz, trata de mim e consola-me como uma criança doente. Outras vezes, exulta por poder espezinhar um homem de méritos que outrora estimava. Então, banca o carrasco e me admoesta. — É preciso trabalhar, suprimir a ambição exagerada; é preciso cumprir o dever para com a pátria e a família. Abandonar a alquimia, que é uma quimera, e deixar a ciência aos sábios profissionais que entendem do assunto...

Um dia, veio propor-me que escrevesse para um dos jornais menos categorizados de Estocolmo.

— Pagam bem!

Repliquei-lhe que não tinha necessidade de escrever artigos para o último dos jornais suecos, quando o jornal mais importante de Paris e do mundo aceitava meus artigos.

A esse ponto, mostrou-se cético e tratou-me de brincalhão, embora tenha lido os artigos que publiquei no *Le Figaro* e arranjou para que um dos principais fosse transcrito no *Gil Blas*.

Não lhe queria mal: estava apenas desempenhando o papel que lhe havia imposto a providência.

Forcei-me para dominar um ódio que surgia em mim contra esse demônio improvisado, e maldisse o destino que se comprazia em desnaturar meus sentimentos transformando-os em ingratidão para com um amigo generoso.

Há coisas insignificantes que no entanto renovam sem cessar minhas suspeitas sobre as intenções malévolas do doutor.

Num dia destes, colocou na varanda que dá para o jardim uma porção de serrotes e martelos inteiramente novos, sem qualquer propósito. Pôs também duas espingardas e um revólver em seu quarto de dormir e, no corredor, outra coleção de achas, grossas demais para servir ao uso doméstico. Por que demoníaco azar esses apetrechos de tortura foram expostos aos meus olhos, causando-me inquietação, principalmente por causa de sua inutilidade e de sua natureza tão insólita?

As noites agora se tornaram bastante tranquilas para mim, ao passo que o doutor começou a fazer caminhadas alarmantes. Fui despertado por um disparo de fuzil, no meio da noite mais negra. Discreto, finjo que nada ouvi. Pela manhã, ele explica o acontecido, alegando

que um bando de pegas atacou o jardim e estava lhe atrapalhando o sono.

Noutra noite, é uma das empregadas da casa que emite gritos roucos às duas horas da manhã. Noutra noite, é o próprio doutor quem geme, invocando o “Senhor Sabaoth”.

Estarei numa casa mal-assombrada? Quem me terá mandado para cá?

Não posso deixar de sorrir ao observar que o pesadelo que me obcecava domina agora meus carcereiros. Mas a alegria ímpia é logo punida. Um ataque horrível me surpreende, sou acordado por uma síncope, ouvindo palavras que anotei em meu diário. Uma voz desconhecida exclamava: “Luthard, o droguista”.

Droguista! Será que vão me envenenar lentamente com alcalóides que provocam o delírio, como a hiosciamina, o haxixe, a digitalina, a estramonina?

Nada sei, mas desde então as minhas suspeitas redobraram.

Não ousarão me matar, querem apenas me enlouquecer por meio de artifícios, depois fazer com que eu desapareça para sempre entre as quatro paredes de um hospício. As aparências depõem ainda mais contra o doutor. Descubro que aperfeiçoou minha síntese do ouro, de modo que sabe agora ainda mais que eu. Além disso, tudo aquilo que diz no momento seguinte contradiz e diante de suas mentiras minha fantasia toma a brida nos dentes e avança para além dos limites da razão.

No dia 8 de agosto, faço um passeio pelas vizinhanças. Um poste telegráfico à beira da estrada emitia um ruído estranho: aproximo-me, aplico-lhe o ouvido e fico como enfeitiçado. Junto do poste uma feradura havia caído por acaso. Recolho-a como sinal de bom augúrio e levo-a para casa.

10 de agosto. À noite, despeço-me do doutor, cuja conduta, nestes últimos dias, me inquieta mais que nunca. Misteriosamente, parece lutar consigo mesmo: tem o rosto lívido, os olhos mortiços. Durante o dia inteiro está a cantar ou a assoviar; uma carta que recebeu deve tê-lo impressionado vivamente.

De tarde, depois de praticar uma operação, volta a casa com as mãos ensanguentadas, trazendo consigo um feto de dois meses. Tem o aspecto de um açougueiro e fala de forma repugnante sobre a mulher que acaba de partejar.

— Eliminar os fracos e proteger os fortes! Chega de pieguice que degenera a humanidade!

Tive-lhe horror, e após o “boa-noite” que trocamos à porta que separa os nossos quartos, continuo a observá-lo. A princípio, ele sai para o jardim, sem que eu possa descobrir o que pretende. Depois, entra pela varanda vizinha ao meu quarto e lá fica parado. Maneja um objeto bastante pesado e enrola uma mola que não faz seguramente parte de um relógio. Tudo se passa de maneira secreta, índice de dissimulações e de manobras escusas.

Semidespido, de pé e imóvel, retendo a respiração, aguardo o efeito desses preparativos misteriosos.

Então, através da divisória ao lado da cama, o eflúvio habitual e bem conhecido se irradia, atinge-me o peito e vai em busca do coração. A tensão aumenta... tomo minhas vestes, esgueiro-me pela janela e vou me vestir longe, do outro lado da porta.

E eis-me novamente na rua, ao relento, deixando para trás o último refúgio, o único amigo. Sigo em frente, sem destino, depois, dando conta de mim, dirijo-me ao médico da vila. Toco a campainha e fico à espera, enquanto preparo na mente uma explicação que não comprometa meu amigo.

Por fim, o médico aparece. Peço desculpas por uma visita tão tardia: mas as insônias e as síncope, para um doente que perdera a confiança em seu médico etc. O excelente amigo, cuja hospitalidade eu havia aceitado, estava me tratando como doente de cisma e não queria dar-me ouvidos.

Então, e como se estivesse à espera de minha visita, o médico oferece-me uma cadeira, um charuto e um copo de vinho.

É um verdadeiro alívio para mim ser tratado e reconhecido como pessoa bem-educada, depois de haver sido maltratado como um idiota qualquer. Ficamos duas horas a conversar, e o médico se revela a mim como um teósofo a quem tudo posso confiar sem me comprometer.

Por fim, pouco depois da meia-noite, levanto-me para ir à procura de um hotel. O médico aconselha-me a voltar para a casa de meu amigo.

— Em absoluto! Ele seria capaz de me matar!

— Mas poderei acompanhá-lo até lá.

— Nesse caso, iremos ambos enfrentar o fogo do inimigo. Mas ele jamais me perdoará.

— Não importa. Vamos na mesma.

Dessa forma, retorno pelo mesmo caminho e, encontrando fechada a porta, bato.

Quando, após um minuto, meu amigo vem abri-la, toca-me a vez de me mostrar penalizado. Ele, o cirurgião, acostumado a fazer sofrer sem sinais de compaixão, o profeta do assassinato premeditado, tem um ar deplorável, pálido como um cadáver; treme, balbucia, e, à vista do médico que está por trás de mim, deixa-se abater, presa de um terror que me espanta mais que todos os horrores precedentes.

Será possível que esse homem premeditasse um assassinato e estivesse horrorizado ao ver a sua vítima? Não, certamente não, e afasto a ideia como ímpia.

Após frases insignificantes e, de minha parte, palavras quase brincalhonas, separamo-nos para ir dormir.

Há na vida incidentes tão horríveis que a alma se recusa a fixá-los no momento do impacto. A impressão, no entanto, perdura e não tarda em se reproduzir com força irresistível.

Assim é que, de volta à minha casa, vem-me de repente à lembrança uma cena que se passou no salão do doutor durante a visita da noite.

O doutor sai para buscar o vinho: enquanto isso, a sós, observo um armário de almofadas cuja madeira não sei ao certo se era nogueira ou olmo trabalhado. Como acontece, as fibras da madeira haviam desenhado figuras. Lá estava uma cabeça de bode, de traço magistral, e imediatamente lhe volvei as costas. O próprio Pã, que mais tarde a Idade Média transformou em Satã: era ele mesmo! Limito-me aqui a contar o fato: o médico, proprietário do armário, prestaria um bom serviço às ciências ocultas se mandasse fotografar a almofada. O Dr. Marc-Haven, em *L'Initiation* (de novembro de 1896) tratou desses fenômenos, bastante comuns em todos os reinos da natureza, e recomendando ao leitor observar bem a figura desenhada sobre a carapaça dos caranguejos.

Em consequência dessa aventura, uma hostilidade manifesta surgiu entre mim e o doutor. Dá-me a entender que sou inconveniente, que minha presença ali é perfeitamente dispensável. Respondo-lhe que estou prestes a instalar-me num hotel, enquanto espero cartas urgentes. Então, ele faz-se de ofendido.

Na verdade, não posso mudar-me pois careço de dinheiro e além disso pressinto uma mudança iminente em meu destino.

Acresce que me sinto restabelecer, que a saúde me volta, pois durmo tranquilamente à noite e trabalho de dia.

A desgraça da Providência parece ter-se adiado, e meus esforços coroam-se de êxito. Se tomo ao acaso um livro na biblioteca do doutor, acho sempre nele uma explicação procurada. Assim, por exemplo,

num velho volume de química, encontro o segredo de minha fabricação do ouro, de modo que posso provar pela metalurgia, com cálculos e analogias, que fabriquei ouro, e que sempre se fabricou ouro quando se pensava extraí-lo dos minerais.

Um artigo que escrevi sobre a matéria foi enviado a uma revista francesa que o publicou imediatamente. Apresso-me em mostrá-lo ao doutor, que, não podendo negar o fato, demonstra sua má vontade para comigo.

Então, sinto-me forçado a admitir que esse homem não é mais meu amigo, já que meus sucessos o fazem sofrer.

12 de agosto. Compro um álbum na livraria. É uma espécie de pasta de couro trabalhada e dourada, com uma gravação de luxo. O desenho chama minha atenção, e coisa singular — constitui um presságio cuja interpretação será dada em seguida. É uma composição artística que representa: à esquerda, a lua em seu primeiro quarto crescente, cercada por uma rama florida; três cabeças de cavalo (*trijugum*) saem da lua; em cima está um ramo de louro, embaixo três cabras (três vezes três), à direita um sino do qual brotam florões, uma roda em forma de sol etc.

13 de agosto. Chegou o dia previsto pela pêndula do bulevar Saint-Michel. Espero um acidente qualquer, mas em vão, embora esteja certo de que, em algum lugar, algo se terá passado, cujos resultados me serão comunicados em breve.

14 de agosto. Na rua, apanho do chão uma folha de calendário de escritório que traz impressa em grandes caracteres: 13 de agosto (a data da pêndula). Embaixo, em letras minúsculas: “Nunca faça às ocultas o que não possas fazer em público”. (A magia negra!)

15 de agosto. Carta de minha mulher. Apieda-se de minha situação; continua a amar-me e espera, pelo bem de nossa filha, que minhas condições melhorem. Os pais dela, que antigamente me odiavam, já não se mostram insensíveis aos meus sofrimentos, e convidam-me a ver minha filha, este anjo que vive no campo, em casa de seus avós.

É um chamado à vida! Minha filha para mim está acima de tudo, até mesmo da esposa. Beijar a pobrezinha inocente a quem desejei fazer mal, pedir-lhe perdão, alegrar-lhe a existência por meio de pequenos cuidados de um pai ávido de prodigalizar afetos, dos quais foi avaro durante anos e anos! Começo a renascer, desperto finalmente de um sonho mau, e compreendo a benevolência do Mestre severo, que me puniu com mão dura e inteligente. Agora, compreendo as palavras obscuras e sublimes de Jó: “Oh, feliz do homem a quem Deus castiga!”.

Feliz de fato, pois que com os “outros” ele nem se importa.

Não sei se lá, no Danúbio, vou encontrar minha mulher, mas isso me é

quase indiferente, pela indefinível incompatibilidade de gênios; contudo, preparo minha peregrinação, suficientemente cômico de que será uma viagem de penitência e sabendo que novos calvários me estarão reservados.

Trinta dias de torturas, até que finalmente se abrem as portas da câmara ardente. Deixo meu amigo e carrasco, sem rancores. Ele não foi para mim senão o flagelo da providência.

Oh! Feliz do homem a quem Deus castiga!...

Beatriz

Um carro de praça levou-me da estação de Stettin à de Anhalt, em Berlim. Esse percurso de meia hora pareceu-me a travessia de uma sebe de espinhos, tantas eram as lembranças que me afligiam o coração. Logo de início, passo pela rua em que meu amigo Popoffsky morava com sua primeira mulher, desconhecido ou antes ignorado, combatendo as misérias e as paixões. Agora a mulher estava morta, o filho também, numa tragédia naquela casa ao lado; nossa amizade se havia transformado num ódio atroz.

Aqui, à direita, a cervejaria dos artistas e escritores, teatro de tantas orgias intelectuais e amorosas.

Mais à frente, a Cantina Italiana, onde encontrei minha amada de então, há três anos: foi ali que transformamos em vinho Chianti meus primeiros direitos autorais, conseguidos na Itália.

Além, a Schiffbauerdamm com a pensão Fulda, onde nos hospedamos como recém-casados. Aqui, o meu teatro, minha livraria, meu alfaiate, minha farmácia.

Que instinto fatal leva o condutor a me passear por essa *via dolorosa* pavimentada de lembranças sepultas, e, nesta hora noturna, ressuscitadas como almas do outro mundo. Não consigo explicar a razão por que toma de propósito esta ruela, onde se situa o bar a que costumávamos ir, o Cochonnet Noir, célebre no passado por ter sido local predileto de Heine e Hoffmann. O proprietário lá está à porta, de pé sob a monstruosa cabeça de leitão que lhe serve de insígnia. Está olhando em minha direção sem me ver! E, numa fração de segundo, o lustre no interior envia raios coloridos através das centenas de garrafas dispostas na vitrine e faz-me reviver um ano de minha vida, o mais rico de alegrias e sofrimentos, em amizade e amor. Ao mesmo tempo, sinto profundamente que tudo isso se acabou e que deve permanecer sepulto, dando lugar ao porvir.

Após passar a noite em Berlim, desperto pela manhã e vejo, por cima dos telhados, uma luminosidade róseo-encarnada, saudando-me na

parte oriental do céu. Lembro-me, então, de ter observado essa cor rosada em Malmö, na véspera de minha partida. Deixo Berlim, que se tornou minha segunda pátria, onde transcorreu minha *seconda primavera*, segunda e última. Na estação de Anhalt deixo, com minhas lembranças, toda esperança de renovar uma primavera e um amor que não regressarão jamais, jamais!

Após pernoitar em Tabor, onde a luminosidade rósea me persegue, desço em direção ao Danúbio pela floresta da Boêmia. Lá termina a estrada de ferro, e é de carro que penetro nessas terras baixas que seguem o Danúbio até Grein; avanço entre macieiras e pereiras, campos de trigo e prados verdes. Descubro, então, ao longe, numa colina na outra margem do rio, a igreja que jamais visitei, mas que constitui o ponto culminante da paisagem que se estende diante da casinha onde nasceu minha filha, num mês de maio inesquecível, há dois anos. Percorro cidades, passo por vilas e mosteiros, e, ao longo do caminho, vejo inumeráveis capelas votivas, calvários, ex-votos, monumentos evocativos de acidentes, quedas de raios ou mortes repentinas. E, sem sombra de dúvida, sei que ao fim desta peregrinação me esperam, lá embaixo, ao longe, as doze estações da Via Sacra.

O crucificado, com sua coroa de espinhos, saúda-me a cada cem passos, encoraja-me e convida-me à cruz e aos sofrimentos.

Para mortificar minha carne, comecei então a convencer-me de que minha esposa não estaria lá, fato, aliás, que já sabia. E, agora que ela não estava ali para desanuviar as tempestades familiares, era fatal que eu viesse a sofrer as represálias dos velhos parentes que em circunstâncias tão desagradáveis deixei sem mesmo lhes dizer adeus. Chego, portanto, disposto a ser punido, a fim de obter a paz, e, ao passar pelo último vilarejo e pelo último crucifixo, pressinto meus suplícios de condenado.

Eu havia abandonado um ser recém-nascido, com seis semanas de vida, e agora encontro uma bela menina de dois anos e meio. No primeiro instante, escruta-me até o fundo da alma, com ar sério mas não severo, aparentemente para ver se venho por causa dela ou de sua mãe. Convencida, deixa-se beijar e envolve-me o pescoço com seus bracinhos finos.

É como o despertar à vida terrestre do dr. Fausto; mais doce e mais puro: não deixo de segurar a filhinha nos braços e de sentir bater seu coraçãozinho contra o meu. Amar um filho é para o homem um processo de efeminação, é abdicar do macho e provar, como disse Swedenborg, do amor assexuado dos celestiais. Aqui começa minha educação para o céu. Mas: antes, vamos à expiação!

A situação, em duas palavras: minha mulher está morando com a

irmã casada, porque a avó, de posse da herança, jurou que dissolveria nosso casamento, tanto me odeia por minha ingratidão e por muitas outras coisas. Sou bem-vindo junto à criança que jamais deixou de ser minha, e hóspede de minha sogra por tempo indefinido. Aceito a situação que me é imposta, e com prazer. Minha sogra perdoou-me tudo, com esse espírito conciliador e submisso da mulher profundamente religiosa.

1º de setembro de 1896. Moro no quarto em que minha mulher passou estes dois anos de separação. Foi aqui que sofreu, enquanto eu me submetia aos meus suplícios parisienses. Pobre, pobre mulher! Seria a punição dos crimes que cometemos ao brincar com o amor?

À noite, ao jantar, eis o que ocorre. Para ajudar minha filha, que ainda não sabe comer sozinha, tomo-lhe a mão, com toda a delicadeza, na intenção mais amável possível. Ela dá um grito, retira a mão e me lança um olhar cheio de horror. Quando a avó lhe pergunta o que foi, responde-lhe:

— Fez dodói.

Aturdido, não consegui proferir palavra. Será que por ter feito bastante mal voluntariamente, cheguei agora a fazê-lo sem querer?

À noite, sonho com uma águia que me esmaga a mão, como castigo por um crime desconhecido.

De manhã, minha filha vem me ver, terna, amorosa, acariciante. Toma café comigo e se acomoda à minha mesa de escrever, onde lhe mostro alguns livros ilustrados.

Já somos bons amigos, e minha sogra mostra-se muito satisfeita com minha ajuda para a educação da menina.

À noite, vou vê-la deitar-se e ouvir meu anjo rezar suas orações. Ela é católica, e, quando me exorta a rezar e a fazer o sinal-da-cruz, fico sem resposta, pois sou protestante.

2 de setembro. Alarme geral. A mãe de minha sogra, à margem do rio, a alguns quilômetros daqui, quer expedir uma ordem de expulsão contra mim. Quer que eu me vá imediatamente e ameça deserdar a filha em caso de desobediência. A irmã de minha sogra, mulher corajosa, separada do marido, convida-me, por sua vez, para ir morar em sua casa, na cidade vizinha, enquanto espero a tempestade acalmar. Vem procurar-me com essa intenção para levar-me à sua casa. Subimos por uma estrada de montanha uns dois quilômetros; ao chegarmos ao alto, vislumbramos embaixo um vale circular, afundado entre inúmeras colinas, erizado de pinheiros, semelhando crateras de vulcões. No centro desse funil está situada a cidadezinha com sua igreja, e, no alto da montanha escarpada, o castelo em estilo de burgo da Idade Média; espalhados aqui e ali, os campos e prados, banhados

por um regato que se afunda numa garganta abaixo do castelo.

Imediatamente, emocionado com a visão daquela paisagem estranha, única em seu gênero, veio-me a ideia de que já a havia visto antes; mas onde? Onde?

No cadinho de zinco do Hotel Orfila! Desenhada pelo óxido de ferro. Era a mesma paisagem, sem contestação!

Minha *tia* desce comigo à cidade, onde dispõe de um apartamento de três peças, num enorme edifício, que abriga igualmente uma padaria, um açougue e um cabaré. O prédio possui para-raios, pois no ano passado uma centelha incendiou o sótão. Quando a boa *tia*, sinceramente caridosa, como a irmã, faz-me entrar no quarto que me era destinado, paro diante do portal, emudecido como diante de uma visão. As paredes estão pintadas de rosa, róseas como as auroras que tanto me obcecaram durante minha viagem. As cortinas são igualmente cor-de-rosa, e as janelas, guarnecidas de flores, deixam entrar uma luz colorida. Reina aqui limpeza absoluta, e a cama antiga, com dossel sustentado por quatro colunas, é um leito de virgem. Todo o quarto, com seu mobiliário especial, constitui um poema, inspiração de uma alma que veio só a meias sobre a terra. O Crucificado não está presente, mas há a Virgem Maria, e uma pia de água-benta guarda a entrada contra os maus espíritos.

Apodera-se de mim um sentimento de vergonha, receio conspurcar essa fantasia de um coração puro que ergueu este templo à Virgem Mãe, sobre o túmulo de seu único amor sepultado há mais de dez anos. E, em frases mal cosidas, procuro declinar da oferta tão generosa.

Mas a boa senhora insiste:

— Vai-lhe fazer bem sacrificar seu amor terrestre ao amor de Deus, e à afeição que você tem pela criança. Acredite no que lhe digo: este amor sem espinhos conservará a paz de seu coração, a serenidade de seu espírito, e, sob a proteção da Virgem, você terá noites de sono tranquilo.

Beijei-lhe a mão em sinal de reconhecimento pelo sacrifício que me propiciou, e, com uma compunção de que não me acreditava capaz, aceitei de bom grado a oferta, na certeza de que seria agraciado pelas potências, que pareciam haver suspendido os castigos destinados à minha punição.

Mas, sob um pretexto qualquer, reservo-me o direito de dormir uma última noite em Saxen e tratar da mudança no dia seguinte. Volto então para a minha filha, acompanhado da tia. Na rua da cidadezinha, percebo que o fio condutor do para-raios está fixado exatamente por cima de meu leito.

Que coincidência diabólica; que tem para mim o efeito de uma perseguição pessoal!

Da mesma forma, observo que a única vista diante de minhas janelas é um asilo de pobres, que abriga ex-criminosos e enfermos, alguns agonizantes. Triste sociedade, sombrio futuro diante dos olhos.

De volta a Saxen, preparo minhas coisas para a partida. É com pesar que deixo a casa de minha filha, tão cara para mim. A crueldade da velha avó, que conseguiu me separar de minha mulher e de minha filha, excita-me a indignação e, num acesso de cólera, ergo o punho contra seu retrato pintado a óleo, que pende acima de meu leito. Uma surda maldição acompanha esse gesto.

Duas horas mais tarde, uma terrível tempestade abate-se sobre a cidade; os raios se cruzam, a chuva cai pesadamente do céu enegrecido.

Na manhã seguinte, ao chegar a Klam, onde o quarto rosado me espera, observo uma nuvem em forma de dragão, que sobrepara a casa da *tia*. Fiquei sabendo que haviam caído raios numa cidade vizinha, incendiando casas, e que as chuvas devastaram o distrito, destruindo molhos de feno e arrastando pontes do regato.

No dia 10 de setembro, um ciclone devastou Paris, em circunstâncias bastante estranhas! A princípio, em meio a uma calma absoluta, o vento começou a soprar por trás de Saint-Sulpice, no Jardim de Luxemburgo, avançou pelo teatro do Châtelet e da Chefatura de Polícia, e foi abater-se sobre o hospital Saint-Louis, depois de haver derrubado cinquenta metros de gradis de ferro. A propósito desse e do ciclone do Jardin des Plantes, meu amigo, teósofo, me pergunta:

“O que é um ciclone? Lâminas de ódio, ondulações passionais, emissões espirituais?”.

Depois, acrescenta: “Os seguidores de Papus estariam conscientes de suas manifestações?”. E, coincidência superior às coincidências, numa carta que cruzou com a de meu amigo, eu lhe faço essa pergunta direta e precisa, em sua qualidade de iniciado nos mistérios hindus:

— Os sábios hindus podem *produzir* ciclones?

Comecei então a suspeitar que os adeptos da magia negra estariam a me perseguir por causa de meu ouro ou de minha recusa obstinada em participar a qualquer título de suas sociedades secretas. A leitura da *Mythologie germanique* de Rydberg e do *Waerend och Wirdane* de Hyltén-Cavallius me havia ensinado que os feiticeiros se comprazem em aparecer num golpe de vento curto ou violenta pancada de chuva.

Cito isto para elucidar meu estado de espírito dessa época quando ainda não conhecia as doutrinas de Swedenborg.

O santuário está preparado, branco e róseo, e o Santo vai morar com seu discípulo, vindo de seu país natal comum para fazer reviver a memória do homem mais bem dotado dos tempos modernos.

A França havia enviado Ansgar³⁰ para batizar a Suécia; mil anos mais tarde, a Suécia enviou Swedenborg para rebatizar a França, por intermédio de Saint-Martin,³¹ seu discípulo. A ordem martinista, que tem sua importância na formação da nova França, não diminuirá o significado destas palavras e menos ainda a significação dos mil anos deste milênio.

Swedenborg

Minha sogra e a tia de minha mulher são irmãs gêmeas de semelhança perfeita, tendo os mesmos caracteres, os mesmos gostos e as mesmas antipatias, a tal ponto que cada qual tem o ar de ser a sócia da outra. Quando falo a uma delas na ausência da outra, a ausente fica logo sabendo, de sorte que posso continuar as confidências com qualquer das duas, sem maiores preâmbulos. Eis a razão por que as confundo neste relato, que não é um romance com pretensões de estilo e composição literária.

Quando na primeira noite lhes conto sinceramente minhas aventuras inexplicáveis, minhas dúvidas, meus tormentos, logo, com um ar de satisfação, ambas exclamam ao mesmo tempo:

— Você está chegando a um estágio pelo qual já passamos.

Partindo da mesma indiferença em matéria de religião, elas haviam estudado as ciências ocultas: a partir desse momento começaram as noites sem dormir, os incidentes misteriosos acompanhados de angústias mortais, e finalmente as crises noturnas, os acessos de loucura. As fúrias invisíveis perseguem a caça até o porto da salvação: a religião. Mas, antes de chegar a ele, o anjo da guarda se revela, nada mais nada menos que na figura de Swedenborg. Supõem, sem razão, que conheço a fundo o meu compatriota, e, surpresas com minha ignorância, as boas senhoras me dão, mas não sem hesitações, uma velha tradução alemã.

— Vamos, leia, e não tenha medo!

— Medo? De quê?

³⁰Ansgar ou Anschaire, beneditino de origem francesa (801-865), que evangelizou a Suécia. [N. do T.]

³¹Louis-Claude de Saint-Martin (1743-1803), teósofo francês e um dos propagadores da Ordem Martinista, seita cristã de orientação mística e esotérica. [N. do T.]

Só em meu quarto róseo, abro o alfarrábio ao acaso e leio. Deixo ao leitor adivinhar que sensações tive quando meus olhos caíram sobre uma descrição do inferno e nela reconheço a paisagem de Klam, a paisagem de meu banho de zinco desenhada como *d'après nature*. O vale afunilado, os montículos de pinheiros, as florestas sombrias, a garganta com o regato, o vilarejo, a igrejinha, a casa dos pobres, os montes de esterco, os charcos, os chiqueiros, tudo estava lá.

O inferno? Mas se fui criado no mais profundo desprezo pelo inferno que me ensinaram a considerar como uma fantasia relegada ao monturo dos preconceitos! Mesmo assim, não posso negar que há uma diferença, estando a novidade na interpretação das penas ditas eternas: já estamos no inferno. A terra é o inferno, a prisão construída por uma inteligência superior, de tal modo que não podemos dar um passo sem arranhar a felicidade dos demais, e esses não podem permanecer felizes sem nos fazer sofrer.

Foi assim que Swedenborg, talvez sem sabê-lo, pintou a vida terrestre, querendo representar o inferno.

O fogo do inferno é o desejo de realização; as potências despertam esse desejo e permitem aos condenados obter o objeto de seus anseios. Mas, quando o fim é atingido e as aspirações satisfeitas, tudo parece sem valor, e a vitória é nula! Vaidade das vaidades e tudo é vaidade. Então, após a primeira desilusão, as potências sopram o fogo do desejo e da ambição, e já não é o apetite insatisfeito que mais atormenta, é a avidez satisfeita que inspira o desgosto de tudo. Da mesma forma, o Demônio sofre pena infinitamente infinita, porquanto obtém de imediato tudo quanto deseja, de modo que já não sente prazer em nada.

Comparando a descrição do inferno de Swedenborg com os tormentos da mitologia germânica, encontro uma correspondência evidente: quanto a mim, pessoalmente, o simples fato de esses dois livros me haverem monopolizado, ao mesmo tempo, constitui o essencial. Estou no inferno e a danação pesa sobre mim. Examinando o passado, vejo minha infância já organizada como uma casa de detenção, uma câmara ardente, e, para explicar as torturas infligidas a uma criança inocente, só resta recorrer à suposição de uma preexistência da qual somos rejeitados aqui na terra, para expiar as consequências de faltas de que já não temos lembrança.

Por uma docilidade de espírito bastante frequente em mim, soterrei nas profundezas da alma as sensações que a leitura de Swedenborg me despertaram. Mas as potências não me concedem descanso.

Num passeio pelas imediações da cidadezinha, o pequeno regato conduziu-me à garganta que se acha entre as duas montanhas e que é chamada de Schluchtweg. A entrada, à qual os rochedos tombados

dão um aspecto verdadeiramente sublime, atraindo-me de maneira especial. A parte perpendicular da montanha, sobre a qual se assenta o castelo em ruínas, se precipita para formar a porta do declive onde o regato entra na calha do moinho. Por um capricho da natureza, a rocha lembra uma cabeça com turbante, semelhança que nenhum dos habitantes pode contestar.

Bem embaixo, o paiol do moleiro se apoia no paredão da montanha. Na tranca da porta do paiol está pendurado um chifre de bode que contém graxa para as rodas da charrete; ao lado, uma vassoura está encostada à parede.

Embora tudo isso pareça natural e conforme, pergunto-me que demônio teria colocado precisamente ali, e de propósito nesta manhã em meu caminho, estes dois atributos da feitiçaria.

Contrafeito, continuo pelo caminho úmido e sombrio: uma construção de madeira faz-me deter pelo seu aspecto insólito. Uma caixa longa e baixa com seis portas de forno... sim, de forno!

Ó Deuses, onde estamos?

Horrorizado pela imagem do inferno de Dante, com seus caldeirões onde os pecadores são cozidos vivos... e as seis portas de forno!

Um pesadelo? Não, a simples realidade que se apresenta com um fedor terrível, uma torrente de lavagem, um coro de grunhidos saindo do chiqueiro.

O caminho estreita-se, estrangulando-se em forma de corredor entre a montanha e a casa do moleiro, precisamente embaixo da cabeça de turbante.

Continuo, mas ao fundo descubro um enorme cão dinamarquês, com pele de lobo, e muito parecido com o monstro que guardava a porta do ateliê da rua de la Santé, em Paris.

Recuo dois passos; mas lembro-me da divisa de Jacques Coeur: “Nada é impossível a um coração intrépido”, e penetro no abismo. O cérbere faz de conta que não me percebe, e continuo a avançar, agora entre duas fileiras de casas baixas e sombrias. Uma galinha preta sem cauda e com crista de galo; depois, uma mulher, bonita, de longe, e tendo na frente uma marca em forma de crescente cor de sangue; mas, vista de perto, não tem dentes e parece feia.

A queda d'água e o moinho fazem um ruído que semelha o zumbido que me perseguia desde minhas primeiras inquietações em Paris. Os filhos do moleiro, brancos como falsos anjos, dirigem as rodas da máquina, como carrascos, e a grande roda de cochos executa seu trabalho de Sísifo, fazendo a água correr indefinidamente.

Em seguida, é a forja com os ferreiros nus e negros, armados de tenazes, pinças, marretas, entre o fogo e as fagulhas, o ferro rubro e o chumbo derretido: num estrépito que fez meu cérebro balançar em seu pedestal e o coração saltar-me na carcaça.

Depois, a serraria e o golpeão que arreganha seus dentes, triturando nos cavaletes troncos gigantes, enquanto o sangue incolor da ferragem jorra sobre o solo viscoso.

O caminho estreito continua ao longo do regato, devastado pelas chuvas torrenciais e o ciclone; a inundação escondeu os seixos pontiagudos, que machucam os pés escorregantes, sob uma camada de lama verde-gris. Quero atravessar o curso d'água, mas a pinguela foi arrastada pelas águas, e me detenho à beira de um precipício em que a rocha proeminente ameaça cair sobre uma Virgem Maria cujos frágeis e divinos ombros parecem sustentar sozinhos a montanha resvalante.

Volto pelo mesmo caminho, mergulhado em reflexões sobre essa combinação de acasos que, tomados em conjunto, compõem um grande Todo, maravilhoso sem ser sobrenatural.

Passam-se oito dias e oito noites tranquilas no quarto cor-de-rosa. Volta-me a paz ao coração, na visita quotidiana à filha amorosa que me ama, e é amada, e junto a essa família que cuida de mim como se fosse uma pobre criança mimada.

A leitura de Swedenborg ocupa-me boa parte do dia; sinto-me esmagado pelo realismo de suas descrições. Nele encontro tudo, todas as minhas observações, sensações, ideias, de tal forma que suas visões me parecem ter sido vividas, verdadeiros documentos humanos. Não se trata de acreditar nelas cegamente, basta ler e comparar com as próprias experiências vividas.

Contudo, o livro de que aqui disponho não passa de um extrato, e os enigmas principais da vida espiritual só iriam ser resolvidos bem mais tarde, quando a obra original, *Arcana Coelestia*,³² me chegou às mãos.

Apesar disso, entre os escrúpulos despertados pela convicção de que existe um Deus que castiga, algumas linhas de Swedenborg me consolam e logo me encontro predisposto a me desculpar e a orgulhar-me.

Nessa mesma noite, confessando-me à minha sogra, pergunto-lhe:

— Acha que eu sou um danado?

³²*Arcana Coelestia*, obra exegética de Swedenborg, foi publicada em nove volumes, em Londres, e postula as etapas da vida da alma, como uma correspondência aos dias da criação descritos no Gênesis, e seus desdobramentos no Êxodo. Para uma tradução desta obra, ver Emanuel Swedenborg, *Arcana Coelestia e Apocalipse Revelata*, trad. John L. O'Kuinghttons Rodríguez, São Paulo: Hedra, 2008. [N. da E.]

— Não, embora nunca tenha visto um destino de homem igual ao seu. Mas você ainda não encontrou o bom caminho que o conduzirá ao Senhor.

— Lembra-se de Swedenborg e de seus princípios do céu? Inicialmente: a sede de dominar, com um fim superior. Ora, meu espírito dominador jamais aspirou às honrarias e ao poder outorgados pela sociedade. Depois: o amor à fortuna e ao dinheiro, por utilidade pública. Bem sabe que desprezei os ganhos e o dinheiro. Se faço ouro ou se virei a fazê-lo, jurei às potências que o proveito, se houver, será utilizado em obras humanitárias, científicas e religiosas. Finalmente: o amor conjugal. Terei necessidade de dizer que desde a minha juventude, minha afeição pelas mulheres se concentrava sempre em torno da ideia do casamento, da família e da esposa? Uma ironia do destino, que não posso explicar, é que a vida me tenha reservado a sorte de casar com a viúva de um homem vivo; quanto às irregularidades da vida de rapaz, elas não vêm ao caso.

A velha, após um momento de reflexão:

— Não posso negar suas palavras, e a leitura de seus escritos demonstra um espírito de altas aspirações, mas sem poder alcançá-las apesar de tudo. Sem dúvida você expia pecados cometidos em outra encarnação, antes de ter nascido. Deve ter sido um grande assassino de homens numa vida anterior, e será por isso que sofrerá os transe da morte mil vezes, antes de morrer, até que a expiação esteja consumada. Agora que é devoto, mãos à obra!

— Quer dizer que devo praticar a religião católica?

— Sem dúvida!

— Swedenborg disse que não era permitido abandonar a religião de nossos ancestrais, pois cada um pertence ao território espiritual da raça de que faz parte.

— A religião católica é uma graça superior concedida a todo aquele que a solicita.

— Pois me contento com um grau inferior, e, na pior das hipóteses, coloco-me ao nível do trono, após os judeus e maometanos, que também são admitidos. Continuo modesto!

— O perdão lhe foi oferecido, e você prefere o prato de lentilhas ao direito do novilho!

— A primogenitura para o filho da criada?³³ É demais, demais mesmo!

³³O *filho da criada* (*Tjänstekvinnans son*) é o título da autobiografia de Strindberg. [N. do T.]

A partir daí, reabilitado por Swedenborg, imagino-me ainda uma vez na condição de Jó, o homem justo e sem iniquidades, posto à prova pelo Eterno, para mostrar aos maus como o homem íntegro pode suportar os sofrimentos injustos.

Tal ideia se instala em meu espírito, que se enche de vaidade piedosa. Vanglorio-me das minhas adversidades que chegaram ao fim, e não me canso de repetir: eis como sofri! E lamento o bem-estar em que me encontro agora, no seio da família: o quarto cor-de-rosa é uma derrisão amarga; caçoam de minha sincera contrição me cumulando de bem-aventuranças e de todas as pequenas fruições da vida. Em suma, sou um eleito, Swedenborg já disse, e, assegurado da proteção do Eterno, provooco os demônios...

Há oito dias hospedado no quarto cor-de-rosa, quando chega a notícia de que a avó das margens do Danúbio estava doente. Acometida de uma moléstia do fígado, com vômitos, insônias e crises noturnas de palpitações. Minha *tia*, de quem sou hóspede, foi chamada para lá, e sou convidado a retornar à casa de minha sogra em Saxen.

Objeto que a velha me proibiu de ir lá: mas parece que agora retirou a ordem de expulsão e tenho liberdade de permanecer onde quiser.

A mudança brusca de atitude me espanta, vinda de pessoa tão rancorosa, e não ousa atribuir essa feliz reviravolta à calamidade que sobreveio.

No dia seguinte fico sabendo que o estado da enferma se agrava. Minha sogra me dá um buquê de flores da parte de sua mãe, em sinal de reconciliação, e me confidencia que a velha imagina carregar uma serpente na barriga, e algumas fantasias desse gênero.

Fico sabendo em seguida que houve um roubo de dois mil francos em casa da enferma e que ela suspeita da criada de confiança. Esta, indignada da suspeita injusta, agasta-se, e intenta um processo de difamação, rompendo dessa forma a harmonia doméstica na casa de uma inválida que se havia retirado do mundo para morrer em paz.

Cada mensageiro que vem da casa nos traz flores, frutos, caça, faixões, aves e peixes...

Será a justiça divina que a tocou, e a enferma terá consciência disso? Lembrar-se-á de ter-me expulso uma vez, atirando-me no caminho que me levaria ao hospital?

Ou talvez será supersticiosa? Capaz de acreditar até que eu a tenha enfeitado; e os presentes enviados não serão mais que holocaustos atirados à cara do feiticeiro, com a finalidade de apaziguar sua sede de vingança?

Por azar, um volume de magia, chegado de Paris nesse exato momento, me instrui sobre as manobras ditas de feitiçaria. O autor aconselha ao leitor não se acreditar inocente por haver evitado manobras mágicas feitas com o intuito de prejudicar alguém; é preciso tomar conta dos maus desejos, que são suficientes para influir sobre uma pessoa embora ausente.

Esse ensinamento tem para mim dupla consequência: primeiro, desperta meus escrúpulos quanto ao seu estado de saúde, pois num rompanete de cólera ergui a mão contra seu retrato, pronunciando maldição; em seguida, desperta minha velha suspeita de que possa ser objeto de perversidades secretas, por parte de ocultistas e teósofos.

Os remorsos de um lado, o temor de outro, são como duas mós que começam a reduzir-me a farelo.

Eis como Swedenborg descreve o inferno: A alma penada instala-se num palácio maravilhoso, onde leva vida agradável, acreditando-se pertencer ao número dos eleitos. Pouco a pouco as delícias começam a desfazer-se, a desaparecer, e a infeliz percebe que está encerrada num miserável casebre rodeado de excrementos (ver a sequência).

Adeus, quarto cor-de-rosa: ao entrar num amplo quarto contíguo ao de minha sogra, pressinto que a permanência ali não terá longa duração.

Mil bagatelas, que tornam a vida insuportável, se congregaram na verdade contra a quietude de que necessito para trabalhar.

As tábuas do assoalho vacilam sob meus passos, a mesa oscila, a cadeira treme, a pia trepida, a cama range e os outros móveis mudam de lugar quando ando pelo quarto.

A lamparina fumeja, a boca do tinteiro é estreita demais, de modo que a caneta me suja os dedos. A casa é rústica demais; cheira a esterco, a urina, a sulfidrato de amoníaco e a sulfureto de carbono. Durante o dia inteiro ouve-se o mugir das vacas, os porcos, bezerros, galinhas, perus e pombos. As moscas e vespas atormentam-me durante o dia; à noite, são os pernilongos.

No armário da cidadezinha não há quase nada para se comprar. À falta de outra, tenho que adquirir uma tinta encarnada. Coisa estranha! Num maço de papel de cigarro encontro, entre as cem folhas branquíssimas, uma cor-de-rosa. (Cor-de-rosa!)

É o inferno a fogo lento, e, habituado a tolerar os grandes sofrimentos, sofro imensamente com as mesquinhas picadas, mais ainda ao perceber que minha sogra acha que não estou satisfeito apesar de seus mais extremos cuidados.

17 de setembro. Acordo à noite ouvindo o relógio da igreja bater treze

badaladas. Imediatamente percebo a sensação elétrica, e um ruído se produz no sótão por cima de minha cabeça.

19 de setembro. Examinando o sótão, descubro uma dezena de engrenagens cujas rodas me lembram as das máquinas elétricas. Abro um baú enorme: está quase vazio, contém apenas cinco hastes, de uso desconhecido e de cor negra, dispostas no fundo em forma de pentagrama. Quem estaria brincando comigo, e que significaria tudo isso? Não ousou fazer indagações, e as coisas permanecem enigmáticas.

Entre a meia-noite e as duas da manhã, uma terrível tempestade. Em geral, uma tempestade passa com poucos minutos, afastando-se: esta no entanto permanece a cair sobre a cidadezinha horas a fio, o que considero uma espécie de agressão pessoal: cada relâmpago me visa sem no entanto me atingir.

Durante as noites, minha sogra faz-me a crônica atual do vilarejo. Que imensa coleção de tragédias, domésticas e outras, adultérios, divórcios, processos de família, assassinatos, roubos, estupros, incestos, difamações. Os castelos, as mansões, as cabanas encerram infortúnios de todos os gêneros, e não posso dar um passeio ao longo das estradas sem pensar no inferno de Swedenborg. Mendigos, pessoas dementes, enfermos, estropiados, se postam ao longo da estrada, ajoelhados diante de um Crucifixo, de uma Virgem ou de um mártir.

À noite, os infelizes que sofrem de insônias e de pesadelos erram pelos campos e florestas, para ver se a fadiga lhe trará o sono desejado, e entre esses aflitos há pessoas de boa família, senhoras bem-educadas, até mesmo um prelado.

Não muito longe de nós situa-se um mosteiro que serve de casa de reclusão para donzelas perdidas. É um verdadeiro presídio, com a mais rigorosa das regras. No inverno, com frio a vinte graus negativos, as penitenciárias dormem em suas celas sobre colchões gelados e, como a calefação é proibida, têm as mãos e os pés cobertos de frieiras.

Há entre outras uma mulher que prevaricou com um religioso, o que constitui pecado mortal. Triturada pelos remorsos, reduzida ao desespero, corre ao confessor, que lhe recusa a confissão e o Santo Sacramento. Terá que expiar com o fogo eterno o seu pecado mortal! Então a infeliz perde a razão, imagina-se morta, e erra de cidade em cidade, implorando a caridade do vigário para ser sepultada em terra santa. Exilada, expulsa, vai e vem, urrando como uma fera, e as pessoas que a encontram exclamam: “Lá vai a alma penada!”.

Ninguém duvida de que sua alma já esteja no fogo eterno, enquanto seu fantasma ainda ronda por aqui, cadáver ambulante, destinado a servir de exemplo hediondo.

Contam-me também que um homem foi possuído pelo demônio, de forma que o infeliz mudou de personalidade e foi constrangido pelo Maligno a proferir blasfêmias, embora isso lhe causasse a maior das repugnâncias. Depois de procurar por muito tempo um exorcista, descobriu afinal um jovem franciscano, virgem e de reconhecida pureza de coração. Este se prepara à força de jejuns e penitências, e, quando chega o grande dia, consegue expulsar o demônio que fugiu em circunstâncias tais que os espectadores aterrorizados não ousaram relatar. Um ano mais tarde, o franciscano morria.

Histórias assim, e outras piores ainda, reforçam a minha convicção de que este país é um lugar predestinado às penitências, e que existe uma correspondência misteriosa entre ele e os lugares que Swedenborg pintou como sendo o inferno. Teria visitado esta parte da baixa Áustria e, à semelhança de Dante, que pintou o inferno na região que se estende ao sul de Nápoles, teria pintado o inferno ao natural?

— ?

— ?

Depois de um período de quinze dias de trabalho e de estudos, sou mais uma vez arrancado de meu pouso. Quando chegar o outono, minha *tia* e minha sogra vão morar juntas na casa de Klam, de modo que terei de levantar acampamento; para manter minha independência, alugo uma pequena casa composta de dois quartos com cozinha, bem junto de minha filha.

No primeiro dia que se segue à minha instalação no apartamento, sinto uma angústia como se o ar estivesse envenenado. Corro para a casa de minha sogra.

— Se eu dormir naquela casa, amanhã vão me encontrar morto na cama. Acolha por uma noite este desabrigado, ó boa mãe!

Logo o quarto cor-de-rosa é posto à minha disposição, mas, bondade divina, como o encontro mudado depois da partida da *tia*! Móveis escuros, uma biblioteca com as prateleiras vazias, de goelas arreganhadas, janelas desprovidas de flores, uma lareira de ferro fundido, enorme, esguia e negra como um espectro, com decorações de salamandras e dragões, de uma fantasia horrorosa, são dissonâncias que me fazem doente.

Além disso, tudo me faz mal aos nervos, pois tenho hábitos regulares, e estou habituado a fazer tudo a horas certas: a despeito dos esforços que faço para ocultar meus desgostos, a sogra sabe ler meus segredos:

— Sempre insatisfeito, meu filho!

Faz o possível e o impossível para me contentar, mas os espíritos da discórdia se mesclam, e não há nada que remedie. Ela se lembra de minhas pequenas predileções, mas tudo dá sempre errado. Por exemplo, uma das minhas maiores aversões é miolos na manteiga.

— Hoje temos algo de bom, preparado especialmente para você — disse-me. E me serviu os miolos dourados na manteiga. Percebo do que se trata, mas como mesmo assim, embora com mal disfarçada repugnância e falso apetite.

— Você não come?

E ela enche de novo o meu prato... Era demais! Antigamente atribuiria todas estas calamidades à maldade feminina; agora, reconheço-lhe a inocência e digo para mim: “É o demônio!”.

Desde a juventude consagro minha caminhada matinal à meditação, quando preparo o trabalho do dia. Jamais permiti a alguém que me acompanhasse, nem mesmo minha esposa.

De fato, pela manhã, meu espírito se deleita numa harmonia e numa expansão que raia o êxtase; não passeio, voo; o corpo perde todo o seu peso, as tristezas se evaporam: sinto-me apenas alma. É meu recolhimento, meu instante de oração, meu ofício divino.

Agora, no entanto, que tenho de sacrificar tudo, fazer abnegação de mim mesmo e de meus gostos mais justificáveis, as potências me constroem a renunciar até mesmo a este prazer, o último e mais sublime de todos.

Minha filhinha manifesta desejo de acompanhar-me. Tento dissuadi-la abraçando-a com toda a ternura, mas ela não compreende meus pretextos de meditação. Chora, e, como não lhe posso resistir, levo-a comigo a passeio, totalmente decidido a não permitir que tal abuso de direitos se repita. É verdade que a criança é encantadora, seduzindo por sua originalidade, sua espontânea alegria, seu deslumbramento com tudo, desde que não haja nada melhor para se fazer, é claro; mas, quando se está preocupado com seus pensamentos, quando se está ausente e distraído, como essa pequena criatura nos pode despedaçar a alma, com suas perguntas intermináveis, seus caprichos improvisados. Minha filhinha tem ciúme de meus pensamentos como se fosse uma amante, espregueia o momento em que sua tagarelice poderá destruir uma rede de ideias habilidosamente tramadas... Contudo, não é este seu desígnio, mas assim mesmo temos a ilusão de ser a presa das malícias premeditadas de uma pobre criaturinha inocente.

Caminho a passos lentos, já não voo; minha alma está cativa, cheia de reprovações, que ela me lança, pois julga ser para mim um estorvo e antipática. Então a carinha aberta, franca, reluzente, se turva, seus

olhares se retiram, seu espírito se fecha, e me sinto privado da luz que essa criança projetava em minha alma tenebrosa. Beijo-a, tomo-a nos braços, procuro flores, seixos; corto uma vara e finjo ser, de brincadeira, a vaca que ela está levando a pastar.

Ela fica feliz, satisfeita, e a vida volta a me sorrir.

Sacrifiquei minha hora de recolhimento! É a expiação do mal que quis atirar sobre a cabeça desse anjo, num momento de delírio.

Ser amado! a expiação de um crime!

Na verdade, as potências não são tão cruéis quanto nós!

Excertos do diário de um condenado

Outubro/novembro de 1896. O brâmane cumpre o seu dever para com a vida pondo uma criança no mundo. Isto feito, vai para o deserto e se dedica à solidão e à autoabnegação.

Minha sogra: Ó infeliz, que foi que você fez na outra encarnação para o Destino tratá-lo desta forma?

Eu: Sei lá! Imagine um homem que se casa da primeira vez com a mulher de outro, como foi comigo. Que dela se separa em seguida para casar-se com uma jovem austríaca, como eu fiz. Então, arrancam-lhe a esposa austríaca, como me arrancaram, levando-lhe a filha única que ocultam num bosque da Boêmia, como fizeram com a minha. Lembra-se da personagem principal de meu romance *Pelo mar aberto*, um homem que morre em estado deplorável numa ilha no meio do oceano?

Minha sogra: Chega! Chega!

Eu: Não sabe que o nome de minha avó paterna era Neipperg...

Minha sogra: Cale-se, infeliz!

Eu: E que a minha Cristininha é muito parecida com o maior facínora do século, inclusive no topete? Olhe só para ela, a pequena déspota, subjugando homens mesmo na idade de dois anos e meio!

Minha sogra: Está louco!

Eu: Estou, mas que dizer de vocês, mulheres? Que grandes pecadoras devem ser para terem sorte ainda mais cruel que a nossa! Veja como estou certo em dizer que as mulheres são uns demônios. Cada qual obtém aquilo que merece.

Minha sogra: Está certo, ser mulher é padecer no inferno duas vezes.

Eu: E a mulher, não será um demônio em dobro? Quanto à reencarnação, trata-se de um preceito do ensinamento cristão que os padres postergaram. Jesus Cristo afirmava que João Batista era a reencarnação de Elias. Devemos ou não admitir sua autoridade neste assunto?

Minha sogra: Claro, mas a Igreja de Roma proíbe que especulemos sobre o mistério oculto!

Eu: E o ocultismo o admite plenamente, já que todos os reinos da ciência estão abertos à pesquisa!

Os espíritos da discórdia intervieram firmes, e a despeito de conhecermos perfeitamente seu jogo e de termos consciência de sermos ambos inocentes, os reiterados mal-entendidos deixaram resíduos de amargura.

Além do mais, as duas irmãs, após a doença da mãe, começaram a supor que a minha má disposição de espírito tinha algo a ver com aquilo: dado meu interesse em desfazer o obstáculo que me separa de minha mulher, não podem afastar a ideia de que a morte da velha deva me causar prazer. A simples existência desse desejo me torna odioso, e já não ousa pedir notícias da senhora, com medo de ser tido por hipócrita.

A situação é tensa, e minhas velhas amigas se exaurem em discussões infundáveis sobre a minha pessoa, meu caráter, meus sentimentos e a sinceridade de meu amor pela pequena.

Há dias em que me consideram um santo, e as rachaduras de minhas mãos são tratadas como estigmas. De fato, as marcas das palmas parecem rasgos de cravos enormes, e para afastar qualquer pretensão à santidade, digo ser o bom ladrão, que desceu da cruz e está em peregrinação pela conquista do paraíso.

Noutros, especulam sobre o enigma que represento para elas, e acabam considerando-me Robert le Diable. Então, um incidente ou dois se conjugam para me inspirar o temor de ser lapidado pela população. Eis um deles em toda a sua simplicidade.

Minha pequena Cristina tem pânico do limpador de chaminés. Uma noite, ao jantar, ela se põe aos gritos à mesa, de repente, apontando com o dedo algo invisível por trás de minha cadeira, e diz: “Olha o limpador!”.

Minha sogra, que acredita na clarividência das crianças e dos animais, ficou pálida; e eu com medo, principalmente ao observar que a senhora fazia o pelo-sinal sobre a cabeça da criança.

Um silêncio de morte seguiu-se a esse incidente que me deixou com o coração oprimido.

O outono chegou com suas tempestades, chuvas e escuridão. Na cidade e no asilo dos pobres, os enfermos, os agonizantes e os mortos se multiplicam. À noite, ouve-se a pequena campânula do menino de coro que precede o viático. De dia, os sinos da igreja dobram por defuntos; os cortejos fúnebres se sucedem. Uma tristeza de morte, a vida é lúgubre. E meus acessos noturnos recomeçam.

Fazem orações por mim, reza-se o terço, e em meu quarto há uma pia cheia de água benta consagrada pelo vigário.

— A mão do Senhor caiu sobre você!

É minha sogra que me esmaga com essa apóstrofe!

Vergo-me e volto a erguer-me. Armado de um ceticismo arraigado e de uma leveza de espírito, afasto essas ideias negras de meu cérebro e, após a leitura de certas obras ocultistas, imagino-me perseguido por elementais, elementários, íncubos, súcubos, que querem impedir-me de levar a cabo minha grande obra de alquimista. Instruído pelos iniciados, procuro obter um punhal da Dalmácia e acredito estar assim bem armado contra os maus espíritos.

Um sapateiro da vila, ateu, blasfemo, morreu há pouco. Uma gralha de campanário, que ele alimentava, agora abandonada, vem pousar no telhado de um vizinho. Durante o velório a gralha irrompe na sala, sem que os assistentes possam explicar sua presença. No dia do enterro, o pássaro negro acompanha o cortejo, e no cemitério, durante a cerimônia, pousa sobre a tampa do caixão.

Em meus passeios matinais, essa ave me segue ao longo dos caminhos, o que me inquieta por causa da população supersticiosa. Um dia — o último — a gralha me conduz pelas ruas do vilarejo, soltando grasnidos pavorosos, misturados com palavras grosseiras que lhe havia ensinado o blasfemador. Então, dois passarinhos, um pintaroxo e uma alvéola, entram em cena e a perseguem de casa em casa. A gralha foge para longe e se refugia na chaminé de uma cabana. No mesmo instante, uma lebre negra saltita diante da casa e desaparece no mato.

Alguns dias depois, verifica-se a morte da gralha. Tinha sido morta pelas crianças, que a odiavam por sua mania de roubar.

Apesar de tudo, trabalho o dia inteiro em minha pequena casa, parecendo que as potências afrouxaram a mão sobre mim por algum tempo. Às vezes, ao entrar, acho a atmosfera espessa, como envenenada, e então tenho que trabalhar com a porta e as janelas abertas. Vestido com um grosso casaco e um boné de pelo, fico à minha mesa de trabalho, lutando contra os ataques ditos elétricos, que me comprimem o peito e me beliscam as costas. Às vezes tenho a impressão de que alguém está de pé atrás de minha cadeira. Então dou punhaladas

para trás, imaginando combater o inimigo. Isso dura até as cinco da tarde. Se permaneço depois dessa hora, a luta se torna formidável, e, ao fim das forças, já exausto, acendo o lampião e desço para junto de minha sogra e da criança.

Uma só vez, em meio a uma corrente de ar, por causa da atmosfera espessa e sufocante de meu quarto, prolonguei o combate até as seis horas, a fim de terminar um artigo sobre química. Um bichinho de Deus, negro com manchas amarelas, sobe pelo ramo de flores, tateia, buscando uma saída; por fim, deixa-se cair sobre o meu papel, batendo as asas, tal como o galo que encima a agulha da igreja de Notre-Dame-des-Champs, em Paris. Depois escorrega ao longo do manuscrito, chega junto à minha mão e sobe por ela. Olha para mim, depois voa em direção da janela. Pela bússola que tenho sobre a mesa, vejo que o inseto tomou a direção norte.

Pois seja! digo para mim; para o norte, então! Mas por minha vontade e quando me aprouver! Até nova ordem, fico onde estou.

Depois das seis, não há mais como permanecer nesta casa mal-assombrada. Forças desconhecidas me levantam da cadeira, e é preciso que eu saia logo do lugar.

No dia de finados, por volta das três horas da tarde, o sol brilha, o ar está calmo. A procissão dos moradores, precedida pelo vigário, por estandartes e a banda de música, vai em direção ao cemitério home-nagear os mortos. Os sinos da igreja começam a bater. Então, sem preâmbulo, sem qualquer nuvem precursora num céu azul-pálido, a tempestade desaba.

O pano das bandeiras se enrosca nos mastros, as vestes dos homens e das mulheres na procissão se agitam ao sabor do vento, nuvens de poeira se levantam em torvelinho, as árvores se envergam... um verdadeiro milagre!

Tenho medo da noite que virá, e minha sogra está prevenida. Deu-me um amuleto para pendurar no pescoço. Uma imagem da virgem e uma cruz de lenho sagrado que pertenceu a um caibro de igreja construída há mais de mil anos. Aceito-o como presente precioso oferecido de bom coração, mas um resto da religião de meus avós me impede de o pôr no pescoço.

Ao jantar, aí pelas oito horas, a lâmpada acesa, uma calma sinistra reina em nossa pequena comunidade. Lá fora há um negror, as árvores se calam. Calma por toda parte.

Então um golpe de vento, um só, atravessa as frestas das janelas, soltando um mugido semelhante ao som de um berimbau. Depois some.

Minha sogra lança-me um olhar terrível, e aperta a criança entre os braços.

Num átimo, percebi o que queria dizer aquele olhar: Vai-te, danado, e não atraias sobre os inocentes os demônios vingativos!

Tudo se desmorona: a única felicidade que me restava, estar junto de minha filha, me é retirada, e num silêncio lúgubre, faço no espírito minhas despedidas da vida.

Retiro-me após o jantar para o quarto cor-de-rosa que agora está escuro, e me preparo para o combate noturno, pois me sinto ameaçado. Por quem? Não sei; mas provoco o invisível, seja quem for, o demônio ou o Eterno, e vou lutar como Jacó contra Deus.

Batem à porta: é minha sogra que, pressentindo uma noite má para mim, convida-me a dormir no canapé da sala de visitas.

— A presença da criança salvará você!

Agradeço-lhe, assegurando-lhe que não há perigo algum, e que nada me fará medo, tendo a consciência tranquila.

Ela me deseja boa-noite com um sorriso.

Volto a vestir o manto da batalha, o boné e as botas, determinado a dormir vestido, e pronto a morrer como guerreiro valente que desafia a morte, após haver afrontado a vida.

Por volta das onze horas, o ar começa a ficar espesso no quarto, e uma angústia mortal se apodera de minha coragem.

Vou abrir a janela; uma corrente de ar ameaça apagar o lampião. Fecho-a: o lampião começa a cantar, a gemer, a piar. Em seguida, o silêncio.

Então um cachorro da rua põe-se a ladrar, uivando, o que a tradição interpreta como um canto fúnebre.

Olho pela janela: a Grande Ursa é a única estrela visível. Lá embaixo, no asilo dos pobres, uma vela está acesa, e vejo uma anciã, curvada sobre seu trabalho, à espera do sono, talvez temendo o sono e os sonhos.

Fatigado, repouso na cama e tento dormir. Logo se repete a velha manobra. Uma corrente elétrica avança para o meu coração, meus pulmões deixam de funcionar, tenho que levantar depressa se quiser escapar à morte. Sentado numa cadeira, exausto demais para poder ler, lá fico, estúpido, durante uma meia hora.

Decido, então, sair a passear até a chegada da manhã. Desço. A noite ainda está escura e o vilarejo dorme; mas os cães estão atentos, e ao

chamado de um deles, uma malta inteira me rodeia, goelas hiantes e os olhos luzindo, obrigando-me a bater em retirada.

De volta, quando abro a porta, parece-me sentir que a casa está habitada por seres vivos e hostis. O quarto está cheio deles, e tenho a impressão de atravessar por meio de uma multidão quando tento chegar à cama, onde caio resignado, disposto a morrer. Mas no momento preciso em que o abutre me asfixia entre suas garras, alguém me arranca da cama, e a caça das fúrias recomeça. Vencido, aterro-rizado, posto contra a parede, abandono o campo de batalha e me curvo na luta desigual contra as forças do invisível.

Bato à porta da sala de estar; do outro lado do corredor. Minha sogra, ainda de pé e fazendo suas orações, vem abrir-me.

A expressão de seu rosto, no momento em que me percebe, inspira-me profundo horror de mim mesmo.

— Que foi, meu filho?

— Quero morrer, depois ser queimado, ou antes, ser queimado vivo!

Nem mais uma palavra! Ela me compreende, luta contra o horror que sente; mas a piedade e a misericórdia religiosa vencem-na, e com suas próprias mãos arranja minha cama no canapé e depois se retira para seu quarto, onde dorme em companhia da criança.

Por azar — sempre esse azar satânico! — o canapé está colocado em frente à janela, e esse mesmo azar quis que não houvesse cortinas, de modo que o vão negro da vidraça, dando para as trevas da noite, me defronta; e, para cúmulo, foi precisamente por essa janela que a pancada de vento soprou à noite durante o jantar.

No extremo de minhas forças, deixo-me cair sobre o leito, maldizendo o azar onipresente e inevitável, que me persegue, com a finalidade manifesta de despertar em mim a mania de perseguição.

Repouso durante cinco minutos, os olhos fixos na vidraça negra, enquanto o espectro invisível resvala sobre meu corpo, e me levanto. No meio do quarto, fico de pé como uma estátua não sei por quanto tempo e, transformado em estilita, dormito de modo irregular.

Quem será que me dá forças para que eu possa sofrer? O que me recusa a morte que me libertaria das torturas?

Será ele, o Senhor da vida e da morte, ele a quem ofendi, quando, após ter lido o livro *A alegria de morrer*, tentei o suicídio, acreditando-me amadurecido para a vida eterna?

Serei como Flégias, condenado pelo orgulho aos suplícios das angústias do Tártaro, ou Prometeu castigado pelo abutre, pelo crime de ter revelado aos mortais o segredo das Potências?

(Ao escrever este trecho, penso na cena da paixão de Jesus Cristo, quando os soldados lhe cospem na face, e lhe dão bofetadas e varadas, dizendo: “Cristo, tu que fazes profecias, dize o nome daquele que te golpeou”).

Não sei se meus companheiros de juventude se lembram daquela noite orgíaca em Estocolmo, quando o autor deste livro fez o papel do soldado...)

Quem foi que o golpeou? A pergunta sem resposta, a dúvida, a incerteza, o mistério, eis meu inferno.

Que se revele, para que eu possa lutar contra ele, romper-lhe a viseira, contradizê-lo abertamente!

Ora, é justamente isso que ele evita, a fim de me levar à loucura, de me flagelar com o peso da consciência que é bastante para me fazer buscar inimigos em toda parte. Inimigos, sim, aqueles que foram injuriados pela malevolência; e cada vez que descubro um novo, é que minha consciência foi atingida.

No dia seguinte, após algumas horas de sono, desperto com o rebuliço de minha pequena Cristina, e tudo está esquecido, podendo consagrar-me aos trabalhos habituais, que vão indo muito bem. Tudo quanto escrevo acaba logo impresso, o que me dá segurança quanto ao meu estado de espírito e inteligência.

Entrementes, os jornais alardeiam que um cientista americano descobriu um método de transformar a prata em ouro, o que afasta de mim a suspeita de magia negra, de loucura ou de charlatanismo. É nesta altura que meu amigo teósofo, que me subvencionou até agora, procura por meio de dinheiro fazer-me aderir à sua seita.

Ao me enviar *A doutrina secreta*, de mme. Blavatsky, não consegue dissimular a ansiedade em que se encontra por saber minha opinião, o que me intriga, pois suspeito que nossas relações de amizade dependem de minha resposta.

A doutrina secreta, um apanhado de todas as teorias ditas ocultas, guizado de todas as heresias científicas antigas e modernas, nulo e sem valor quando a autora emite suas próprias opiniões, que são simplórias, tem algum interesse apenas por citar autores pouco conhecidos, mas é detestável pelas trapaças conscientes ou não, e pelas fantasias a propósito da existência de Mahatmas. É obra de uma virago que quis superar os homens e tem a prosápia de achar que destruiu a ciência, a religião, a filosofia, proclamando-se sacerdotisa de Ísis no altar do Crucificado.

Com todas as reservas e deferências devidas a um amigo, transmito-lhe minha opinião, declarando-lhe que o deus coletivo Karma me de-

sagrada e que, por essa razão, não posso tornar-me adepto de uma seita que nega o Deus pessoal, o único que satisfaz minhas necessidades religiosas. É uma profissão de fé que me pedem, e, embora esteja convencido de que minhas palavras poderão acarretar um rompimento entre nós com a supressão de meus subsídios, não deixo de falar com franqueza.

Então, o amigo sincero, de excelente coração, se transforma em demônio vingador, e me lança uma excomunhão, ameaçando-me com as potências ocultas, me intimida por meio de insinuações com uma espécie de repressão e vaticina como um sacrificador pagão. Termina intimando-me diante de um tribunal oculto, e jurando que eu jamais haveria de me esquecer daquele 13 de novembro.

Minha situação é penosa: perdi um amigo, e estou reduzido à miséria. Por azar diabólico, eis o que se seguiu em meio à nossa guerra por correspondência.

A *L'Initiation* publica uma crítica de minha autoria sobre o sistema astronômico atual. Alguns dias mais tarde, o diretor do Observatório de Paris, sr. Tisserand, falece. Num acesso de humor jovial, combino os dois fatos, aproximando-os da morte de Pasteur, no dia seguinte ao da distribuição de *Sylva sylvarum*. Meu amigo teósofo não compreende a brincadeira, crédulo como ninguém, e, talvez mesmo mais iniciado em magia negra do que eu, lança sobre mim a suspeita de prática de feitiçaria.

Pode-se imaginar meu terror quando, após a última carta de nosso correspondente, o mais célebre dos astrônomos da Suécia vem a falecer de um ataque de apoplexia.

Começo a ficar temeroso, e não sem razão. Ser suspeito de prática de feitiçaria é crime capital, e “quem fere de morte o feiticeiro, não merece castigo”.

Para cúmulo do horror, ao correr do mês falecem um após outro cinco astrônomos mais ou menos conhecidos.

Temo a ação de um fanático ao qual atribuo a crueldade de um druida, aliada ao pretenso poder dos feiticeiros hindus de matar a distância.

Novo inferno de angústias! E, nesse dia, esqueço os demônios e dirijo todos os meus pensamentos para as intrigas nefastas dos teósofos, e seus mágicos supostamente hindus, dotados de forças incríveis.

Então, sinto-me condenado à morte, e num envelope lacrado encerro papéis em que denuncio meus assassinos, em caso de morte súbita. Depois aguardo.

Dez quilômetros a leste, à margem do Danúbio, está situado o vilarejo de Grein, cabeça do distrito. Agora, em fins de novembro, em

pleno inverno; contam-me que um estrangeiro de Zanzibar ali se fixou, dizendo-se turista. É o suficiente para despertar todas as dúvidas e ideias negras do enfermo. Mando saber informações sobre esse estrangeiro, para determinar se é verdadeiramente africano, quais são seus intentos, e donde vem.

Nada me informam, um véu de mistério envolve o desconhecido que me assombra dia e noite, e em minha miséria externa, sempre no espírito do Velho Testamento, imploro a proteção e a vingança do Eterno contra meus inimigos.

Os salmos de Davi exprimem da melhor maneira possível minhas aspirações, e o velho Javé é meu Deus. O salmo lxxxvi fixa-se particularmente em meu espírito, e não me canso de repetir:

"Ó Deus, levantaram-se os maus contra mim, e uma reunião de poderosos atentou contra a minha vida, sem que te tivessem presente diante dos seus olhos.

Opera em meu favor algum prodígio, para que o vejam aqueles que me odeiam e sejam confundidos; pois tu, Senhor, tens-me socorrido e consolado."

É o sinal que invoco, e se verá como minha prece foi atendida.

A voz do Eterno

Chegou o inverno e o céu ficou acinzentado, sem um raio de sol durante várias semanas; os caminhos lamacentos se opunham às caminhadas: as folhas das árvores apodreciam, a natureza inteira se decompunha numa putrefação infecta.

A matança de outono começava, e o dia inteiro o gemido das vítimas elevava-se para a negra abóbada; andava-se a pisar em sangue no meio das carcaças.

Há uma tristeza mortal, e a minha tristeza se comunica às duas boas irmãs de caridade que tratam de mim como se fosse um filhinho doente. O que ainda mais contribui para me deprimir é a pobreza que tenho de ocultar, e bem assim as tentativas vãs de afastar a miséria que se aproxima.

Sinto que desejam minha partida, porque afinal esta existência solitária não conduz um homem a coisa alguma, e ambas consideram que preciso procurar um médico.

Sem resultados, espero de meu país o dinheiro de que necessito, e exploro as estradas principais, na eventualidade de uma fuga a pé.

“Tornei-me semelhante ao pelicano do deserto; sou como a coruja em seu poleiro.”

Minha presença perturba meus parentes; e se não fosse por amor da criança, já me teriam expulsado. Agora que a lama e a neve se opõem às caminhadas, carrego a pequenina em meus braços ao longo dos sendeiros, transponho as colinas, escalo os rochedos. Dizem as velhas:

— Você acaba com a saúde, vai pegar uma doença de peito, procura jeito de morrer!

— Seria uma bela morte!

Estamos jantando, a 20 de novembro, um dia nublado, sombrio, horroroso. Eu ardia por dentro com o cansaço de uma noite sem repouso, passada em luta contínua contra as forças do invisível, por isso mal-digo a vida e reclamo da ausência do sol.

— Meu único raio de sol está ali — digo apontando com o dedo para minha filhinha Cristina, sentada à minha frente.

Nesse exato momento, as nuvens carregadas há várias semanas se entreabrem, e um facho de luz penetra na sala, iluminando meu rosto, a toalha da mesa, os talheres...

— O sol chegou! Papai, o sol chegou! — exclama a criança juntando as mãozinhas de contente.

Ergo-me da mesa, perturbado, presa das mais diferentes sensações. Um acaso? Não! digo para mim.

Um milagre, o sinal esperado? seria demais para um desgraçado como eu, e o Eterno não se imiscui nos assuntos íntimos dos vermes!

Seja como for, esse raio de sol permanece em meu coração como um grande sorriso diante do rosto infeliz...

Durante dez minutos de caminhada até a casinha que aluguei, observo as nuvens que se agrupam em formatos extravagantes, e, a leste, onde o véu se ergueu, o céu está verde, de um verde-esmeralda como uma pradaria em pleno verão.

Permaneço de pé em meu quarto, à espera de alguma coisa indefinível, mergulhado numa contrição aprazível e isenta de temor.

Nesse momento, sem que o raio o precedesse, ou um clarão sequer, um trovão arrebenta sob minha cabeça, um apenas.

A princípio tenho medo, fico à espera da chuva e da tempestade, como é natural. Mas nada ocorre: reina completa calma e tudo termina aí.

Por que, pergunto a mim mesmo, não me prosternei humildemente diante da voz do Eterno e me humilhei?

Porque, quando o Todo-poderoso se digna falar a um inseto com tão majestosa encenação, o inseto se sente engrandecido, orgulhoso de tamanha honraria, e o orgulho insinua-lhe que deve ser uma personagem certamente importante. Falando francamente, senti-me ao nível do Senhor, parte integrante de sua personalidade, emanção de seu ser, órgão de seu organismo. Ele necessitou de mim para se manifestar, se não me teria fulminado no momento.

Donde vem esse imenso orgulho de um mortal? Minha origem está ligada ao começo dos séculos quando os anjos revoltados se aliaram em rebelião contra um soberano satisfeito de seu domínio sobre um povo de escravos? Será por isso que minha peregrinação pela terra se desenvolveu como um castigo no pelourinho, onde o último dos últimos se alegrou em me chicotear, me insultar, me denegrir?

Não há uma única humilhação imaginável pela qual eu não tenha passado; e, não obstante, meu orgulho cresce cada vez mais, na mesma proporção de meu rebaixamento! Que será isso? A luta de Jacó contra o Eterno, da qual saiu um tanto estropiado, mas com as honras do combate. Jó, posto à prova, persistindo em justificar a punição que lhe é infligida injustamente.

Aagitado por tantas ideias incoerentes, sou forçado pela fadiga a deixar escapar a presa, e meu ser cheio de orgulho se esvazia, se contrai, de modo que tudo quanto se passou se reduz a nada: um simples trovão em fins de novembro!

Mas logo os trovões voltam a ressoar e, tomado de êxtase, vou abrir a Bíblia ao acaso, pedindo ao Senhor que fale mais alto para que o compreenda.

Meus olhos caem logo sobre este versículo de Jó: “Porventura também tornarás tu vão o meu juízo, ou tu me condenarás, para te justificares? Ou tens braço como Deus, ou podes trovejar com voz como ele o faz?”.³⁴

Não há dúvida: foi a voz do Eterno!

— Eterno, que queres de mim? Diz, que teu servidor escuta.

Nenhuma resposta?

Pois bem; humilho-me diante do Eterno, que se dignou se humilhar diante de seu servidor. Mas, flexionar os joelhos diante do povo e dos poderosos? Jamais!

³⁴Jó 40, 8-9. Tradução de João Ferreira de Almeida. [N. da E.]

À noite, minha boa sogra me recebe de maneira que ainda hoje não compreendo. Olha-me de través, com um olhar inquisidor como se quisesse extrair de mim a impressão que me causou o espetáculo majestoso.

— Ouviu ontem à noite?

— Ouvi, coisa estranha, trovões no inverno... Pelo menos, ela deixou de achar que eu era um condenado.

O inferno desenfreado

A esta altura dos acontecimentos, e para tornar confusas as ideias precisas sobre a natureza da misteriosa enfermidade que me havia atingido, um número de *L'Événement* divulgou a notícia que se segue:

“O infortunado Strindberg, depois de chegar a Paris com sua misoginia, não tardou a ser obrigado a fugir. Desde então, seus sequazes se calaram diante da bandeira do Feminismo. Não querem sofrer o mesmo destino de Orfeu, a quem as bacantes da Trácia arrancaram a cabeça.”

Era então verdade que me haviam preparado uma cilada na rua de la Clef, era real a tentativa de assassinato acarretando as sequências malignas cujos sintomas se manifestavam ainda hoje! Oh! essas mulheres! Evidentemente que foi por causa de meu artigo contra os quadros feministas de meu amigo ginólatra dinamarquês.

Enfim, é um fato, uma realidade palpável, que me liberta de todas as minhas suspeitas horríveis, quanto a uma debilidade mental.

Corro para minha sogra com a boa notícia; eis a prova de que não estou louco.

— Não, você não está louco, está apenas doente, e o médico aconselhou a prática de exercícios físicos, por exemplo rachar lenha...

— Isso dispõe a favor das mulheres, ou contra? Essa réplica brusca nos separa. Esqueci-me que mesmo uma santa permanece mulher, ou seja, inimiga do macho.

Tudo foi deixado de lado, os russos, os Rothschilds; os magistrados negros, os teósofos, o próprio Eterno. Eu sou a vítima, já sem iniquidade, e as mulheres quiseram matar Orfeu, o autor da *Sylva sylvarum*, o renovador das ciências naturais pretéritas. Perdido na floresta das hesitações, afasto a ideia recém-nascida de uma intervenção sobre-natural das potências com uma finalidade superior e esqueço-me de completar o simples conhecimento que tenho de um atentado, pela procura daquele que foi o seu instigador.

Com ardente desejo de vingar-me, preparo uma carta-denúncia à Chefatura de Polícia de Paris, e outra para os jornais, quando uma peripécia bem oportuna vem pôr fim a esse drama fastidioso que ameaçou terminar em farsa.

Num dia cinzento, cerca de uma hora após o jantar, minha Cristina manifesta com insistência desejo de me seguir até o chalezinho, onde vou fazer meu pequeno cochilo habitual.

Impossível resistir, e cedo a seus rogos.

Quando lá chegamos, a criança me pede papel e tinta. Depois quer livros ilustrados. E lá tenho que estar ao lado dela, para explicar e desenhar.

— Dorme não, papai!

Fatigado, esgotado, não compreendo por que obedeço à criança; mas há em sua voz um acento ao qual não posso resistir.

Então, do lado de fora, diante da porta, um tocador de realejo trauteia uma valsa. Proponho à pequenina dançarmos com a babá, que também veio conosco. Atraídos pela música, os garotos das vizinhanças logo surgem, e no meu vestibulo improvisa-se um baile, com a presença do tocador de realejo que mandaram entrar para a cozinha.

A brincadeira dura cerca de uma hora e minha tristeza se dissipa. Para distrair-me e sofrear a vontade de dormir, tomo a Bíblia que me serve de oráculo e, abrindo ao acaso, leio:

“E o espírito, porém, do Senhor retirou-se de Saul, e atormentava-o um espírito maligno, por permissão do Senhor. E os servos de Saul disseram-lhe: Eis que um espírito maligno, enviado por Deus, te vexa. Se tu, nosso Senhor, o mandas, os teus servos, que estão em tua presença, buscarão um homem que saiba tocar harpa, para que, quando o maligno espírito, enviado pelo Senhor, te atormentar, ele toque com sua mão, e experimentes assim algum alívio.”

O espírito maligno, era bem isso o que eu supunha.

Ora, enquanto as crianças assim se divertem, minha sogra vem à procura da pequenina e, vendo o baile, fica aturdida.

Conta-me que neste exato momento, lá no vilarejo, uma mulher da melhor família foi acometida de um acesso de loucura.

— O que tem ela?

— Dança, a velha, dança a mais não poder, vestida de noiva, imaginando ser a Leonora de Bürger.

— Dança? Só isso?

— Chora também, lamentando a morte que virá buscá-la.

O que aumenta mais o horror da situação é que a tal mulher morou nessa mesma casa e o marido morreu exatamente no lugar onde as crianças agora dançam.

Explicai-nos isso, senhores médicos, psiquiatras, psicólogos, ou então admiti a bancarrota da Ciência!

Minha filhinha conjurou o Maligno, e o espírito, posto em fuga pela inocência, encarnou-se numa velha que se vangloriava de ser livre-pensadora.

A dança macabra continua toda a noite, a senhora vigiada pelas amigas que a protegem contra os ataques da morte. Ela chama a isso morte, pois nega a existência de demônios. Às vezes, admite que seja o defunto marido que a atormenta.

Minha partida foi adiada, mas a fim de recobrar forças perdidas com tantas noites insones, passo a dormir no apartamento de minha tia, no outro lado da rua.

Deixo então o quarto cor-de-rosa. (Que coincidência! A câmara de torturas de Estocolmo chamava-se assim nos tempos antigos: *Rosen-Kammaren*!)

A primeira noite passa-se tranquilamente neste quarto de paredes caiadas e enfeitadas de pinturas que representam santos e santas. Acima da cama, um crucifixo.

Mas, na segunda noite, os espíritos começam com seu jogo. Acendo velas para passar o tempo em leituras. Reina um silêncio sinistro e ouço meu coração bater. E então, um pequeno ruído me sacode como se fosse uma faísca elétrica.

Que será?

Um pedaço enorme de estearina da vela acaba de cair no chão. Nada mais que isso, mas é um augúrio de morte para nós! Aqui paira a morte! Após um quarto de hora de leitura, vou apanhar meu lenço, escondido sob o travesseiro. Não o encontro, procuro-o e o acho no chão. Abaixo-me para apanhá-lo: algo então me cai sobre a cabeça e, passando os dedos pelos cabelos, encontro outro pedaço de estearina.

Em vez de me amedrontar, não consigo reprimir um sorriso, tanto a aventura me parece jocosa.

Rir da morte! Como seria possível, se a vida já é em si ridícula? Tanta preocupação por tão pouco! Talvez no fundo da alma se oculte uma vaga suspeita de que tudo aqui embaixo não passa de fingimento,

caretas e simulacros, e que os deuses se divertem com nosso sofrimento.

Lá no alto, no cimo da montanha sobre a qual se ergue o castelo, eleva-se um montículo que domina todos os demais e de onde se pode ver toda a paisagem infernal. Chega-se a ele passando por um bosque de carvalhos talvez milenários, um bosque de druidas, segundo dizem, por causa do visgo que ali é abundante nas tílias e macieiras. Acima desse bosque, o caminho começa a subir abrupto, através de uma trilha cortada entre os pinheiros.

Várias vezes tentei chegar até o cimo, mas sempre houve incidentes imprevistos para me repelir. Ora um cabrito-montês rompia o silêncio com um salto inesperado, ora uma lebre carregando alguma coisa desproporcional, ou uma pega com seu grito enervante.

Na última manhã, véspera de minha partida, ultrapassei todos os obstáculos e, tendo penetrado no bosque de pinheiros, negro, lúgubre, subi até o cimo. De lá se estende uma vista soberba sobre o vale do Danúbio e os Alpes estirianos. Deixei os sombrios funis lá de baixo e respiro pela primeira vez. O sol aclara a região sob uma infinidade de aspectos, e as cristas brancas dos Alpes se confundem com as nuvens. É belo como o céu! Será que a terra encerra o céu e o inferno e não há nenhum outro lugar de punição ou recompensa senão aqui mesmo?

Talvez! E, com certeza, lembrando os mais belos momentos de minha vida, eles me aparecem como celestes, e os piores me aparecem como infernais.

O futuro me reservará ainda horas ou minutos desta felicidade que não se compra senão com os cuidados e com a pureza relativa da consciência?

Lá fico, pouco inclinado a regressar ao vale da dor e, enquanto passeio pelo planalto, admirando a beleza da terra, percebo que a rocha destacada que forma o cimo propriamente dito foi esculpida pela natureza como uma esfinge egípcia; sobre a cabeça do gigante há um monte de pedras, encimado por um pequeno mastro que serve de haste a uma bandeira de pano branco.

Não me aprofundo no significado desse pedestal; mas uma ideia única me persegue, irresistível, a de levar a bandeira!

Desprezando todo o perigo, escalo a escarpa e apanho a bandeira. De repente, e inopinadamente, lá embaixo, na margem de cá do Danúbio, ressoa uma marcha nupcial, acompanhada de cantos de triunfo. É um cortejo de núpcias, que não posso ver, mas que reconheço pelas clássicas salvas de fuzil.

Pueril demais e bastante infeliz para extrair poesia dos incidentes mais vulgares e naturais, aceito isto como um augúrio favorável.

E, com pesar, a passos lentos, desço de volta ao vale da dor e da morte, de insônias e demônios, porque minha pobre Beatriz³⁵ lá me espera, e lhe trago o visgo que prometi, ramo verde em meio às neves, que se deveria colher com uma foice de ouro.

Há muito tempo que a mãe de minha sogra vem exprimindo o desejo de me ver, seja para uma reconciliação, seja talvez por motivos ocultos, pois que é vidente e visionária. Sob diversos pretextos tenho protelado a visita, mas, decidido a partir, minha sogra me obriga a ir ver a velha e lhe dizer adeus, pelo menos pela última vez deste lado de cá do túmulo.

No dia 26 de novembro, com tempo frio e claro, minha sogra, a criança e eu dirigimo-nos para o Danúbio, junto ao qual está situada a mansão da família.

Alojamo-nos na hospedaria e, à espera do retorno de minha sogra, que foi até a casa da velha anunciar minha visita, passeio em redor pelos prados e bosques que há dois anos eu não via. As lembranças me arrasam e a imagem de minha mulher se confunde com tudo. Tudo foi devastado pelos gelos do inverno, não há uma só flor, um ramo de erva verde, lá onde ambos colhemos tantas flores na primavera, no verão e no outono.

De tarde, sou levado à velha que mora numa das alas da mansão, no chalezinho onde nasceu minha filha. A entrevista foi convencional e fria: parece que esperavam uma repetição da cena do filho pródigo; mas tenho verdadeira repugnância por essas manifestações.

Limito-me a ressuscitar as lembranças de um paraíso perdido. Nós, minha mulher e eu, pintamos as almofadas das portas e das janelas, em louvor do nascimento da pequena Cristina. As rosas e as clematites que decoram a fachada foram plantadas por minha própria mão. Os cascalhos do sendeiro que atravessa o jardim foram espalhados por mim. Mas a nogueira que plantei, no dia seguinte ao nascimento de Cristina, desapareceu. “A árvore da vida”, como a chamávamos, morreu.

Dois anos, duas eternidades, se escoaram depois dos adeuses que trocamos. Ela estava à margem do rio e eu num barco que devia transportar-me a Linz, a caminho de Paris.

Quem consumou o rompimento? Fui eu que matei meu próprio amor e o dela. Adeus, casinha branca de Dornach, campo de espinhos e

³⁵Strindberg compara sua filhinha Cristina à Beatriz de Dante por tê-lo reencaminhado na trilha do bem. [N. do T.]

de rosas, adeus. Danúbio! Consolo-me pensando que tudo isso não passou de um sonho curto como o verão e mais doce que a realidade, pois esta eu não lamento.

Passamos a noite no albergue, onde minha sogra e a criança vieram a meu pedido fazer-me companhia, a fim de me proteger contra o pavor da morte, que pressinto graças ao meu sexto sentido, bastante desenvolvido após seis meses consecutivos de torturas.

Às dez da noite, uma rajada de vento põe-se a sacudir minha porta, que se abre para o corredor. Calço-a com pedaços de madeira. Tudo inútil: ela continua a tremer.

Depois, as janelas cantam, a lareira emite uivos de cão, a casa inteira oscila como um navio.

Não posso dormir, e ora é minha sogra que geme, ora a criança que chora.

De manhã, minha sogra, arrasada pela insônia e por outras coisas que me oculta, me diz:

— Vá embora, meu filho: já estou farta desse cheiro de inferno.

E parto em direção ao norte, em peregrinação, para sujeitar-me ao fogo do inimigo em outro estágio expiatório.

Peregrinação e expiação

Há noventa cidades na Suécia, mas foi na que mais detesto que as potências me condenaram a viver.

Começo por visitar os médicos.

O primeiro aplica-me a etiqueta da neurastenia, o segundo, da angina do peito, o terceiro, da paranoia e fraqueza mental, o quarto, do enfisema... Isso basta para evitar que seja internado num asilo de loucos.

Entretanto, para prover minha existência, sou obrigado a escrever artigos de jornal, mas todas as vezes que me instalo para escrever, o inferno se desencadeia. Agora há uma nova invenção para fazer-me doido. Mal me instalo, irrompe no hotel uma barulhada semelhante à da rua da Grande-Chaumiere, em Paris: um arrastar de passos e de móveis. Mudo de quarto, mudo de hotel: o ruído lá está, acima de minha cabeça. Entro num restaurante: mal me ponho à mesa, o barulho começa. E é preciso notar que pergunto sempre aos garçons se estão ouvindo o mesmo barulho que eu: respondem que sim e descrevem-no de maneira correta.

Logo, não se trata de uma alucinação auditiva; portanto é uma intriga, digo para mim. Um dia, entro de improviso na banca de um sapateiro, no momento exato em que o ruído começa. Logo, não é intriga coisa alguma! É o diabo! Expulso de um hotel para outro, e sempre obcecado por fios elétricos que passam próximos de minha cama, principalmente obcecado por correntes que me arrancam da cadeira ou da cama, preparo um suicídio em boa forma.

Faz o tempo mais terrível, e minhas tristezas se dissipam em ligações entre amigos.

Num dia de desespero, que se seguiu a uma bacanal, tomo no quarto o café da manhã, deixo a bandeja com a vasilha sobre a mesa e volto as costas aos restos da refeição.

Um ruído atrai minha atenção, e observo que a faca havia caído no chão. Apanho-a, tendo o cuidado de recolocá-la de tal forma que o acidente não venha a reproduzir-se. Mas a faca volta a cair ao chão.

Uma corrente elétrica, sem dúvida!

Nessa mesma manhã, escrevo uma carta a minha mãe, deplorando o mau tempo, reclamando da vida em geral. Quando chego à frase: “A terra é suja, o mar é sujo, o céu chove lama...”, sinto grande surpresa ao ver uma gota de água clara cair sobre o papel!

Nada de eletricidade! Um milagre!

À noite, estando ainda à mesa de trabalho, ouço um barulho que provém do outro lado do banheiro e que me assusta. Olho e vejo que uma tela de encerado, que me serve para as abluções matinais, caiu ao chão. Então, a fim de verificar, penduro a tela de modo que sua queda seja impossível.

Pois ela cai de novo!

Que seria isso?

Agora, minhas ideias retomam seu curso para o ocultismo e os poderes secretos. Deixo a cidade, levando minha carta de denúncia, e chego a Lund, onde vivem velhos amigos, médicos, psiquiatras, teósofos mesmo, com a ajuda dos quais eu conto para a minha salvação temporal.

Por que e como acabei optando por me fixar nesta pequena cidade universitária, considerada lugar de exílio ou de expiação pelos estudantes de Upsalla, que sempre andaram na pândega em detrimento de suas bolsas e de sua saúde?

Será uma espécie de Canossa,³⁶ onde deverei renegar minhas opi-

³⁶Lugar de penitência e humilhação. Em 1077, em um castelo do vilarejo de Canossa,

niões ousadas, diante da mesma juventude que, entre 1880 e 1890, me teria considerado seu porta-voz? Conheço bem a situação, e não ignoro que seja excomungado pela maior parte dos professores, como sedutor dos jovens, cujos pais me temem mais do que ao Diabo.

Além disso, granjeei aqui inimigos pessoais, contraí dívidas em circunstâncias que depõem grandemente contra o meu caráter; aqui mora com o marido a cunhada de Popoffsky, e ambos, por sua situação preponderante na sociedade, são capazes de me causar graves inconvenientes. Há ainda aqui pessoas da família que me renegam; amigos que se desentenderam comigo, transformando-se em verdadeiros inimigos. Em suma, seria o lugar menos indicado para uma estada tranquila; é o inferno, embora construído com uma lógica magistral, com divina engenhosidade. É aqui que devo esvaziar o cálice e conciliar a juventude com as potências encolerizadas.

Por um acaso bastante pitoresco, acabo de adquirir um casaco moderno com pelerine e capuz, de cor parda, lembrando o hábito dos franciscanos. Será com vestes de penitente, pois, que farei minha *rentrée* na Suécia após seis anos de exílio.

Aí por volta de 1885 constituiu-se em Lund uma sociedade de estudantes denominada “os velhos jovens”, cujas tendências literárias, científicas e sociais se traduziam pela palavra de ordem “radicalismo”. Seu programa, seguindo as ideias modernas, foi a princípio socialista, depois niilista, para chegar a um ideal de decomposição geral e de *fin-de-siècle* com arroubos de satanismo e decadentismo.

O chefe da escola, o mais valente dos paladinos, meu amigo desde muitos anos, que não via há tanto tempo, veio visitar-me.

Vestindo como eu um hábito, embora cinzento, de franciscano, com ar piedoso, revela-me sua história apenas pela visão de sua fisionomia.

— Tu também?

— Sim, eu também.

Diante de meu convite para tomar um copo de vinho comigo, esboça imediata recusa como um homem sóbrio que detesta a bebida!

— E os velhos jovens?

— Morreram, degradingaram-se, aburguesaram-se, engolidos pela maldita sociedade.

— Canossa?

— Canossa de ponta a ponta!

na Itália, Henrique iv penitenciou-se para obter o perdão do papa Gregório vii, que o havia excomungado. [N. da E.]

- Então, é um fato providencial que eu tenha vindo parar aqui!
- Providencial! Eis a palavra justa.
- Em Lund as potências são reconhecidas?
- Estão preparando sua *rentrée*.
- Dorme-se à noite na Escânia?³⁷
- Não muito! Todo mundo se queixa de pesadelos, de angústias do peito, de afecções cardíacas.
- Então é o meu lugar, pois este é exatamente o meu caso!

Conversamos algum tempo sobre os prodígios ocorridos ultimamente e meu amigo conta-me feitos extraordinários, que se passaram num lugar e noutro. Para concluir, enunciou a opinião da juventude atual, sempre à espera de algo novo:

— Deseja-se uma religião, uma reconciliação com as potências (eis a palavra), uma aproximação com o mundo invisível. A época naturalista, forte, fecunda, já passou. Nada se tem a dizer contra ela e nada há que lamentar: as potências quiseram que passássemos por isso. Foi uma época experimental em que a experiência demonstrou por seus resultados negativos a vaidade de certas teorias. Um Deus, desconhecido até nova ordem, se desenvolve e cresce, manifesta-se por intervalos entre os quais parece deixar o mundo à solta, como o lavrador deixa crescer o joio e o trigo até o tempo da colheita. Cada vez que se revela, já mudou de ideias, e recomeça seu rumo aportando-lhe melhoramentos adquiridos com a prática.

A religião voltará novamente, mas sob outras formas, e um compromisso com as velhas religiões parece impossível. Não nos espera uma época de reação, não um retorno ao que se viveu, mas o progresso em direção ao novo. Esperemos para ver qual seja!

Ao fim da conversa, lanço uma pergunta, como uma flecha em direção às nuvens.

— Conhece Swedenborg?

— Não, mas minha mãe tem suas obras, e ocorreram-lhe algumas coisas misteriosas.

Do ateísmo a Swedenborg não há mais que um passo!

Peço a meu amigo que me empreste as obras de Swedenborg, e o Saul dos jovens profetas traz-me a *Arcana Coelestia*.

³⁷Escânia, em sueco Skåne, região ao sul da Suécia, onde está localizada a cidade de Lund. [N. do T.]

Apresenta-me ao mesmo tempo um jovem agraciado pelas potências, um filho pródigo que me conta uma aventura de sua vida, aliás muito semelhante à minha, e, comparando nossas atribulações, a luz se faz e nos libertamos, com a ajuda de Swedenborg.

Dou graças à providência, que me enviou para esta cidadezinha desprezada, para que nela sofra minha expiação e nela encontre a salvação.

O redentor

Balzac, apresentando-me meu sublime compatriota, Emmanuel Swedenborg, como “o Buda do Norte” em seu livro *Séraphita*, fez-me conhecer o lado evangélico do profeta. Agora, é a lei que me golpeia, me esmaga e me liberta.

Com uma só palavra a luz se fez em minha alma e dissipou as dúvidas, as vãs especulações sobre inimigos imaginários, eletricitas, praticantes de magia negra, e essa palavra foi *Devastação*. Tudo o que me aconteceu encontro em Swedenborg: as angústias (*angina pectoris*), a opressão do peito, a arritmia cardíaca, o que eu chamava de cintura elétrica, tudo está lá, e o conjunto desses fenômenos constitui a purificação espiritual já conhecida por São Paulo, e mencionada nas Epístolas aos Coríntios e a Timóteo: “Seja tal homem entregue a Satanás, para mortificação da carne, a fim de que sua alma seja salva no dia de Nosso Senhor Jesus Cristo”. “Entre os quais estão Hime-neu e Alexandre, que entreguei a Satanás, para que aprendam a não blasfemar.”

Lendo o relato dos sonhos de Swedenborg de 1744, ano que precede suas relações com o mundo invisível, descubro que o profeta sofreu as mesmas torturas noturnas que eu, e o que me impressiona é a analogia perfeita de sintomas, que não me deixa nenhuma dúvida sobre o caráter da enfermidade que o atingiu.

Na *Arcana coelestia*, os enigmas desses dois últimos anos se explicam com exatidão tão poderosa que eu, filho do fim do célebre século xix, dela guardo a convicção inabalável de que o inferno existe, mas aqui, na terra, e que estou acabando de passar por ele.

Swedenborg explica-me assim a causa de minha temporada no hospital de Saint-Louis: os alquimistas são atingidos pela lepra e criam escamas semelhantes às dos peixes. É uma doença de pele incurável.³⁸

³⁸Na verdade, Strindberg foi acometido de psoríase, uma doença de pele quase sempre hereditária. [N. do T.]

Swedenborg interpreta para mim o significado das cem privadas do Hotel Orfila: é o inferno excremental. O limpador de chaminés, visto por minha filhinha na Áustria, é traduzido assim: “Entre os espíritos, há uns conhecidos pelo nome de Limpadores de Chaminé por terem de fato o rosto enfumaçado e aparecerem vestidos de um castanho-escuro cor de fuligem... um desses Espíritos veio a mim, e com bastante insistência me pediu que rezasse e intercedesse para que ele pudesse entrar no céu:”Não acho, dizia, que tenha cometido algo que pudesse levar à exclusão: repreendi os habitantes da Terra, mas sempre fiz com que à repreensão e ao castigo se sucedesse a instrução...”

“Os Espíritos censores, corretores ou instrutores do homem agarram-se ao seu lado esquerdo quando se inclinam sobre suas costas para compulsar o livro de sua memória, e nele leem suas ações e até seus pensamentos; porque, assim que um espírito se introduz no homem, logo se apodera de sua memória. Quando veem uma ação má qualquer ou a intenção de agir mal, punem-na com uma dor na mão (!) ou no pé, em redor da região epigástrica, e o fazem com uma destreza sem par. Um estremecimento anuncia sua chegada.”

“Além da dor nos membros, empregam uma contração dolorosa do lado à altura do umbigo, semelhante à pressão de um cinto picante; de tempos em tempos, contrações do peito que levam até a angústia; inapetência por qualquer tipo de alimento que não seja o pão, durante alguns dias.”

“Há outros Espíritos que operam no sentido contrário do que preco-
nizam os Instrutores. Esses Espíritos contraditores, quando na terra, foram banidos da sociedade dos homens por causa de seu caráter celerado. Sua aproximação é assinalada por um fogo-fátuo, que parece descer diante da face da pessoa; instalam-se embaixo, na base das costas, donde vão se manifestar através dos membros.”

(Esses fogos-fátuos ou cadentes, eu próprio os vi por duas vezes, e sempre em momentos de revolta, quando havia repudiado tudo como sendo sonhos estéreis.)

“Doutrinam para não darmos crédito ao que os Espíritos instrutores dizem provir dos anjos, e para não pautarmos nossa conduta pelos ensinamentos que deles recebemos, mas vivermos com todas as licenças e liberdades, de acordo com a nossa fantasia; ordinariamente, chegam logo que os outros partem; os homens os conhecem pelo que são, e já não se inquietam; mas com isso aprendem o que é o bem e o mal, pois se conhece a qualidade do bem pelo seu contrário, e toda percepção ou ideia de uma coisa se forma pela reflexão sobre as diferenças dos contrários, considerada de diversas maneiras e sob diversos pontos de vista.”

O leitor se lembra das figuras humanas parecidas com estátuas anti-

gas que vi, formadas pela fronha branca de meu travesseiro, no Hotel Orfila. Eis o que diz Swedenborg sobre isso:

“Dois signos indicam que (os Espíritos) estão próximos de alguém: um deles é o velho de face lívida, signo que serve para advertir que se deve dizer sempre a verdade e nada fazer que não seja justo... Eu próprio vi uma figura humana dessa espécie... uma velha de rosto muito branco e de grande beleza, onde espontavam ao mesmo tempo a sinceridade e a modéstia.”

(A fim de não assustar o leitor, calei de propósito que tudo quanto cito acima diz respeito aos habitantes de Júpiter. Imagine-se agora a minha surpresa quando, num dia da primavera passada, me trouxeram uma revista com uma reprodução da casa de Swedenborg no planeta Júpiter, desenhada por Victorien Sardou. Antes de mais nada, por que Júpiter? Que singular coincidência! E o laureado dramaturgo francês teria observado que a fachada esquerda, olhada a uma distância suficiente, forma uma face humana antiga? Essa figura parece-se com a de meu travesseiro! Mas, no desenho de Sardou, há várias silhuetas humanas, criadas pelos contornos. Teria sido a mão do mestre guiada aqui por outra mão, de tal sorte que deu mais do que poderia saber?)

Onde teria Swedenborg visto esses infernos e esses céus? Trata-se de visões, de intuições, de inspirações? Não saberia dizê-lo, mas a analogia de seu inferno com o de Dante e o das mitologias grega, romana e germânica leva a crer que as potências sempre se serviram de meios quase análogos para a realização de seus desígnios.

E quais são esses desígnios? A perfeição do tipo humano, a procriação do homem superior, o *Übermensch*, esse bastão corretor usado antes do tempo e atirado ao fogo, que preconizava Nietzsche.

Então o problema do mal reaparece, e a indiferença moral de Taine³⁹ cai por terra diante das novas exigências.

Os demônios são uma consequência forçada disso. Que são os demônios? Desde que admitamos a imortalidade da alma, os mortos passam a ser sobreviventes que continuam suas relações com os vivos. Os maus espíritos não são, portanto, maus, já que seu objetivo é benevolente, e melhor seria servirmo-nos da palavra de Swedenborg: espíritos corretores, a fim de eliminar o medo e o desespero.

O Diabo, como potência autônoma igual a Deus, não deve existir, e as aparições inegáveis do Maligno sob a forma tradicional não devem passar de um espantalho suscitado pela providência única e boa, que

³⁹Hippolyte-Adolphe Taine (1828-1893), crítico e historiador francês, e talvez o mais importante divulgador do positivismo na França, célebre por aplicar o método científico ao estudo das humanidades. [N. da E.]

governa em meio a uma administração imensa, composta de defuntos.

Consolai-vos, portanto, e sede orgulhosos da graça que vos foi concedida, ó vós afligidos e perseguidos pelas insônias, os pesadelos, as aparições, as angústias e as palpitações! *Numen adest.*⁴⁰ Deus vos deseja!

Atribulações

Encerrado na cidadezinha das Musas, sem esperança de sair, enfrento uma batalha formidável contra o inimigo, ou seja, eu mesmo.

Todas as manhãs, em meu passeio pelas muralhas sombreadas de plátanos, lembro-me do perigo de que escapei ao ver a imensa casa vermelha dos alienados, que será igualmente meu futuro em caso de uma recaída. Swedenborg, esclarecendo-me sobre a natureza dos horrores que me sobrevieram durante o último ano, livrou-me dos electricistas, dos praticantes de magia negra, dos feiticeiros, dos que invejavam o fazedor de ouro, e da loucura. Indicou-me o caminho único da salvação: procurar os demônios em seu covil, em mim mesmo, e matá-los com... o arrependimento. Balzac, ajudante de ordens do profeta, ensinou-me em *Séraphita* que “o remorso é a impotência de quem persiste no erro. Só o arrependimento é força que acaba com tudo”.

Portanto, o arrependimento! Mas não será negar a providência que me fez o eleito de seu flagelo? Não será dizer às potências: haveis dirigido mal meu destino; fizestes-me nascer com a vocação para punir, para derrubar os ídolos, revoltar-me, e em seguida retirais de mim vossa proteção e me entregais a uma retratação ridícula? Submeter-me, reconhecer-me culpado!

Estranho círculo vicioso, já previsto por mim aos vinte anos quando escrevi meu drama *Mestre Olof*, que se tornou a tragédia de minha vida. De que valeu arrastar uma existência penosa durante trinta anos, para ganhar pela experiência o que havia previsto? Jovem, era um devoto sincero, e haveis-me transformado num livre-pensador. Do livre-pensador haveis feito um ateu, do ateu um religioso. Inspirado por ideias humanitárias, preconizei o socialismo: cinco anos mais tarde, haveis-me mostrado o absurdo do socialismo. Tudo o que me entusiasmou, vós o debilitastes. E, se me dedicasse à religião, estou certo que em dez anos vós ma refutaríeis.

Não é verdade que os Deuses se divertem conosco, os mortais, e, por

⁴⁰Em latim, no original: “Deus está presente”. [N. da E.]

isso, trocistas conscientes, sabemos rir nos momentos mais atormentados de nossa existência!

Como quereis que se leve a sério o que se manifesta como uma incommensurável brincadeira!

Que foi que Jesus Cristo, o Salvador, salvou? Vede os mais cristãos de todos os cristãos, nossos devotos escandinavos, os pálidos, os perversos, os aterrorizados que não sabem sorrir: têm feições de obcecados! Têm o ar de trazer o demônio no coração. E observai como todos os seus chefes acabaram na prisão, como malfeitores. Por que o Senhor deles os entregou ao inimigo?

Será a religião um castigo e o Cristo um espírito vingativo?

Todos os antigos deuses transformam-se em demônios na era seguinte. Os habitantes do Olimpo tornaram-se demônios: Odin, Thor, o diabo em pessoa. Prometeu-Lúcifer, o portador da luz, degenerado em Satã. Será que — Deus me perdoe —, será que o Cristo também se transfigurou em demônio? Ele é, de fato, o assassino da razão, da carne, da beleza, da alegria, das mais puras afeições da humanidade. Assassino de virtudes: franqueza, bravura, glória, amor, misericórdia!

O sol brilha, a vida cotidiana segue seu curso, o rumor do trabalho alegra os espíritos. É quando então se alevanta a coragem da revolta! Quando então se atiram as dúvidas como um desafio contra o céu.

Depois, tomba a noite, o silêncio, a solidão; e o orgulho se dissipa: o coração bate e o peito se fecha! Então, ajoelhai-vos na sebe espinhosa, e ide procurar o médico ou arranjar um companheiro que queira dormir em vossa casa!

Voltai a casa sozinho à noite, e em vosso quarto encontrais alguém; não o vedes, mas sentis a sua presença manifesta. Ide ao asilo de alienados, interrogai o psiquiatra, e ele vos falará de neurastenia, de paranoia, de *angina pectoris*, e tudo isso, mas jamais vos curará!

Aonde podereis então ir, ó todos vós que sofreis de insônia, e que vagueais pelas ruas esperando o raiar do sol?

O moinho do universo, o moinho de Deus, eis duas expressões que se tornaram correntes.

Já sentistes no ouvido esse zumbir que lembra o ruído de um moinho d'água?

Já observastes na solidão, durante a noite ou mesmo em pleno dia, as lembranças da vida passada que se agitam, como em ressurreição, uma a uma, duas a duas? Todos os pecados cometidos, todos os crimes, todas as tolices, vêm refluir em vossos sangues até a ponta

de vossas orelhas, fazer com que o suor vos mareje até mesmo na raiz dos cabelos, agitar-vos num estremecimento até as costas. Reviveis a vida vivida desde o nascimento até os dias presentes, voltais a sofrer novamente todos os sofrimentos por que passastes, a beber todos os cálices amargos já tantas vezes bebidos, crucificais vosso esqueleto, pois que já não há carne para ser mortificada, queimais a alma porquanto vosso coração já foi consumido.

Vós conheceis bem isso!

É o moinho do Senhor, que lentamente mói, mas tritura fino e negro. Estais reduzidos a pó, e vos acreditais no fim. Mas não, tudo vai recommençar e de novo sereis passados pela mó. Ficai felizes! É o inferno aqui na terra; reconhecido por Lutero, que considerava graça especial o ser pulverizado nesta parte do Empíreo.

Senti-vos felizes e reconhecidos!

Que é preciso fazer? Humilhar-vos?

Mas se vos humilhais diante dos homens, ireis despertar-lhes o orgulho, pois se acreditarão melhores do que vós, por maior que seja sua perversidade.

Humilhar-vos então diante de Deus! Mas é um ultraje querer baixar o Supremo ao nível de um simples feitor que domina seus escravos!

Rezar! Como? Arrogar-vos o direito de dobrar a vontade e os desígnios do Eterno, pela via da adulação e do servilismo?

Buscar a Deus e encontrar o diabo! Eis o que me aconteceu!

Faço penitência, busco o bom caminho, mas quando aplico um novo solado à minha alma, há sempre um ponto a refazer: recoloca-se o salto, a gáspea cede. É um nunca acabar.

Paro de beber, e com sobriedade retorno a casa às nove horas da noite, para tomar leite. O quarto está cheio de demônios que me arrancam da cama ou me asfixiam sob as cobertas. Se chego embriagado à meia-noite, durmo como um anjo e desperto robusto como um deus-menino, disposto a trabalhar como um galé.

Se evito as mulheres, os sonhos obscenos povoam-me a noite.

Habituo-me a pensar apenas bem de meus amigos, confio-lhes meus segredos e dinheiro; sou logo traído. Se me revolto contra a perfídia, sempre sou eu a receber punição.

Procuro amar o próximo em geral: faço-me cego às faltas alheias, e com indulgência sem limites deixo passar as infâmias, as calúnias; um belo dia, sou tido por cúmplice. Se me afasto de um círculo de

amizades por julgá-las inconvenientes, logo sou atacado pelo demônio da solidão e, ao procurar amigos melhores, acabo encontrando piores ainda.

Se, após ter dominado as paixões malévolas, e ter chegado pela abstinência a certa tranquilidade de espírito, experimento uma autossatisfação que me eleva acima de meu próximo, logo recaio em pecado mortal, a presunção, que é castigada sem delongas.

Como explicar o fato de que cada aprendizagem de virtude seja seguida de um vício novo?

Swedenborg resolve a questão dizendo que os vícios são penas infligidas aos homens por pecados de ordem superior. Por exemplo, os ambiciosos são condenados ao inferno sodomita. Admitindo-se que esta teoria encerre verdade, temos que sofrer nossos vícios, e gozar o remorso que os acompanha, para depois nos quitarmos no guichê da grande Caixa. Procurar a virtude equivale, portanto, a buscar escapar da prisão dos suplícios. Foi o que quis dizer Lutero no artigo xl, contra a Bula romana, quando proclama que “as almas do Purgatório pecam sem cessar, porque buscam a paz e evitam os tormentos”.

Da mesma forma, no artigo xxxiv: “Combater os turcos é o mesmo que se revoltar contra Deus, pois este nos castiga de nossos pecados por intermédio dos turcos”.

É, portanto, claro que “todas as nossas boas ações são pecados mortais” e “é necessário que o mundo seja criminoso diante de Deus, e saiba que ninguém pode se tornar justo, sem a graça”.

Soframos, pois, meus irmãos, sem esperar da vida uma única alegria concreta, porquanto estamos no inferno.

E não acusemos o Senhor por vermos sofrer as criancinhas inocentes. Ninguém saberá por que, mas a justiça divina nos deixa supor que sofrem para expiar crimes cometidos antes de sua chegada neste mundo.

Rejubilemo-nos com as torturas que são outras dívidas pagas, e creiamos que a misericórdia quis que ignoremos as causas primordiais de nossos suplícios.

A que fim?

Seis meses se passaram, e ainda passeio pelas muralhas, deixando meu olhar perder-se no asilo de alienados e vislumbrando ao longe a risca azul do mar. É por lá que virá a nova era, a nova religião com que o mundo sonha.

O sombrio inverno está enterrado, os campos reverdecem, as árvores estão em flor, o rouxinol canta nos jardins do observatório; mas a tristeza do inverno pesa ainda sobre os nossos espíritos, por causa de tantos acontecimentos sinistros, tantos fatos inexplicáveis que inquietaram os mais incrédulos. As insônias aumentam, as crises nervosas se multiplicam, as visões são frequentes, verdadeiros milagres se realizam. Espera-se que algo aconteça.

Um jovem vem me ver.

— Que é preciso para que se durma tranquilo, à noite?

— Que lhe aconteceu?

— Meu Deus, não sei bem dizer, mas tenho horror ao meu quarto, e por isso vou me mudar amanhã.

— Jovem, ateu e realista, que foi que aconteceu?

— Diabo! Quando ontem abri a porta de meu quarto para entrar, alguém me tomou pelo braço e o sacudiu.

— Então há alguém no seu quarto?

— Não! Não há! Acendi as velas e não vi ninguém.

— Rapaz, há algo que não vemos à luz das velas.

— Que é?

— O Invisível, rapaz! Já tomou sulfonal, brometo de potássio, morfina, cloral?

— Já provei de tudo!

— E o Invisível não se vai embora. Muito bem, você quer dormir tranquilo à noite, e vem me perguntar o meio: escute, rapaz, não sou médico nem profeta; sou um velho pecador que faz penitência. Não espere sermões nem profecias de um ladrão que não tem tempo bastante nem para pregar sermões a si mesmo. Já sofri também de insônias e desânimo, lutei corpo a corpo contra o Invisível e acabei por reconquistar o sono e recuperar a saúde. Sabe como? Adivinhe!

O rapaz me adivinha e abaixa os olhos.

— Adivinhou! Agora vá em paz e durma bem!

Assim, é preciso que me cale e que me adivinhem, pois a partir do momento em que me dispusesse a fazer o papel de irmão dos pecadores, todos se afastariam de mim.

Um amigo pergunta:

— Para que fim seguimos?

— Não saberia dizê-lo; mas, quanto a mim; parece-me que o caminho da cruz me reconduz à *fé dos meus antepassados*.

— O catolicismo?

— Parece-me! O ocultismo teve sua importância ao explicar pela ciência os milagres e a demonologia. A teosofia, abrindo o caminho à religião, envelheceu após ter restabelecido a ordem universal que castiga e recompensa. O Karma se fará Deus e os Mahatmas se revelarão como espíritos regenerados, espíritos corretores (demônios) e espíritos instrutores (os inspiradores). O budismo, preconizado pela juventude francesa, introduziu a resignação e o culto do sofrimento, que conduzem diretamente ao Calvário.

No que concerne à nostalgia que ressinto no seio da madre Igreja, trata-se de uma longa história que gostaria de contar resumidamente.

Swedenborg, ao ensinar-me que era proibido abandonar a religião de seus ancestrais, pronunciou uma sentença precisa contra o protestantismo que constitui uma traição para com a religião *mater*.

Melhor dito: o protestantismo é uma punição infligida aos bárbaros do Norte; o protestantismo é o exílio, o cativeiro de Babilônia: o retorno à terra parece no entanto aproximar-se. Os imensos progressos do catolicismo na América, na Inglaterra e na Escandinávia anunciam a grande reconciliação; ao mesmo tempo, a Igreja grega acaba de estender a mão ao Ocidente.

Eis o sonho dos socialistas quanto ao estabelecimento dos Estados Unidos ocidentais, embora corrigido num sentido espiritual. Agora, peço-lhes que não venham a pensar que sejam as teorias políticas que me trazem de retorno à Igreja de Roma.

Não fui eu que busquei o catolicismo, foi ele que se impôs a mim, após haver-me perseguido durante tantos anos. Minha filha, tornando-se católica contra a minha vontade, ensinou-me a beleza de um culto que permaneceu intacto desde sua origem, e sempre preferi o original à cópia. A longa temporada que passei no país de minha filha fez-me admirar a alta sinceridade da vida religiosa. Teve o mesmo efeito a minha permanência no hospício de Saint-Louis, e, em último lugar, minhas aventuras dos passados meses.

Após este exame de minha vida, em que me vejo atirado ao turbilhão como certos danados do inferno de Dante, e quando reconheço que minha existência não tem tido outro fim senão o de humilhar-me e perverter-me, resolvo tomar a frente aos meus algozes e infligir-me eu próprio a tortura. Queria viver em meio ao sofrimento, às imundícies e às agonias, e, nessa intenção, preparei-me para empregar-me como enfermeiro no Hospital dos Irmãos de São João de Deus, em Paris. Esta ideia ocorreu-me na manhã de 29 de abril, depois de haver

encontrado uma velha de rosto de caveira. Ao voltar para casa, achei sobre a mesa o volume de *Séraphita* aberto; na página da direita, uma lasquinha de madeira indicava o seguinte trecho:

“Fazei por Deus o que faríeis por vossos desígnios ambiciosos, o que fazeis quando vos dedicais a uma arte, o que haveis feito quando amastes uma de suas criaturas mais que a Ele, ou quando sonhastes penetrar um segredo da ciência humana! Deus é a própria ciência...”

De tarde, recebi o jornal *L'Éclair*, e — que coincidência! — o Hospital dos Irmãos de São João de Deus era mencionado duas vezes no texto.

No dia 10 de maio, lia, pela primeira vez na vida, o *Como se tornar um mago*, de Sâr Péladan.⁴¹

Sâr Peladan, até então desconhecido para mim, apresentou-se como um oráculo, uma revelação de homem superior, de *Übermensch* de Nietzsche, e com ele o catolicismo fez sua entrada solene e triunfal em minha vida.

“Aquele que deve vir” teria vindo na pessoa de Peladan? O poeta-profeta-filósofo seria ele mesmo ou teremos que esperar por outro?

Não sei; mas após haver franqueado os propileus de uma nova vida, comecei a escrever o presente livro, no dia 3 de maio.

No dia 5, um padre católico, convertido, veio ver-me.

No dia 9, vi Gustavo Adolfo nas cinzas da lareira.

No dia 17, leio em Sâr Peladan: “Acreditar em maldição era comum por volta do ano mil: ao aproximar-se o ano dois mil, o observador constata que há indivíduos dotados da faculdade fatal de atrair a desgraça sobre aqueles que os ferem. Recusais-lhes um pedido, e vossa amante vos passa a enganar, vós os irritais, e caís doente; todo o mal que desejais fazer-lhes, contra vós se volta, em dobro.

“Mesmo assim, o acaso explicará esta inexplicável coincidência; o acaso satisfaz inteiramente o determinismo moderno.”

No dia 21 de maio, li do dinamarquês Jørgensen,⁴² católico convertido, uma obra sobre o mosteiro de Beuron.

28 de maio. Um amigo, que não via há dez anos, acaba de chegar a Lund e alugou um quarto na casa onde moro. Imagine-se minha emoção ao saber que se havia convertido ao catolicismo. Empréstame o breviário romano, pois havia perdido o meu faz um ano, e, ao reler os

⁴¹Joséphin Péladan (1858-1918), escritor e místico de orientação martinista, cofundador, ao lado de Stanislas de Guaita e Papus, de uma Ordem Rosacruz. [N. da E.]

⁴²Jens Johannes Jørgensen (1866-1956), poeta e hagiógrafo dinamarquês que se converteu ao catolicismo romano em 1896 e escreveu uma conhecida biografia de São Francisco de Assis. [N. da E.]

hinos e cânticos latinos, encontro-me em casa.

17 de junho. Após uma série de conversas sobre a madre Igreja, meu amigo escreve uma carta ao mosteiro belga onde foi batizado, solicitando um retiro para o autor deste livro.

18 de junho. Corre o boato de que a sra. Annie Besant⁴³ se tornou católica, mas não houve confirmação.

Espero ainda a resposta do mosteiro belga.

Quando este livro estiver impresso, já a terei recebido. E depois? Que virá em seguida? Uma nova brincadeira dos Deuses, que riem a bandeiras despregadas quando vertemos lágrimas ardentes?

Lund, 3 de maio-25 de junho de 1896

Epílogo

Tinha a princípio terminado este volume com a exclamação: “Que pilhéria, que lúgubre pilhéria é esta vida!”

Em seguida, após refletir um pouco, achei a frase indigna e risquei-a.

Mas as hesitações continuaram, e recorri à Bíblia, para obter o esclarecimento desejado.

Eis o que me respondeu o livro sagrado, dotado de faculdades proféticas mais maravilhosas que qualquer outro:

Voltarei meu rosto contra tal homem, e farei dele um exemplo e um provérbio, e o exterminarei do meio de meu povo; e vós sabereis que sou o Senhor. Se algum profeta errar e proferir um falso oráculo, fui eu que permiti que se enganasse esse profeta: estenderei minha mão sobre ele, e o exterminarei do meio de meu povo de Israel. (Ezequiel xiv:8,9)

Aí está a equação de minha vida: um signo, um exemplo para servir à melhoria dos outros: um brinquedo para mostrar a vaidade da glória e da celebridade; um brinquedo para esclarecer a juventude sobre a maneira como não deve viver; um brinquedo que se acredita profeta e acaba desmascarado como impostor.

Ora, o Eterno havia seduzido este profeta-impostor e fê-lo proferir palavras, das quais o falso profeta se sente irresponsável, porquanto simplesmente desempenhou o papel que lhe foi imposto.

Eis aí, meus irmãos, o destino de um homem entre tantos outros, e concordai que a vida de um homem pode apresentar-se como uma grande pilhéria!

⁴³Annie Besant (1847-1933), ativista dos direitos das mulheres, militante socialista e presidente da Sociedade Teosófica de 1908 até sua morte. [N. da E.]

Por que o autor deste livro foi punido de forma tão extraordinária? Que se leia o mistério que serve de epílogo à minha peça *Mestre Olof* (versão poética). Escrevi essa peça há trinta anos, antes de conhecer os heréticos denominados “Stedingh”; o papa Gregório ix, em 1223, excomungou-os por sua doutrina satanista: “Lúcifer, o deus bom, expulso e destituído pelo Outro, voltará, quando o usurpador denominado Deus, por seu miserável governo, sua crueldade e sua injustiça, for desprezado pelos homens e se convencerá de sua própria incapacidade.”

O Príncipe deste mundo, que condena os mortais aos vícios e castiga a virtude pela cruz, a fogueira, as insônias e os pesadelos, quem é? O carrasco a quem fomos entregues por crimes desconhecidos ou esquecidos, que talvez tenhamos cometido em outro mundo!

E que são os espíritos corretores de Swedenborg? Anjos da guarda que nos protegem dos males espirituais!

Que confusão babilônica!

Santo Agostinho declarou ser imprudente alimentar as dúvidas sobre a existência de demônios.

Santo Tomás de Aquino proclamou que os demônios provocam tempestades e a queda de raios, e podem confiar seu poder aos mortais.

O papa João xxii queixa-se de manobras ilícitas de seus inimigos que o atormentam perfurando seu retrato com agulhas (feitiçaria).

Lutero é de parecer que todos os acidentes, as fraturas, as quedas, os incêndios e a maior parte das doenças decorrem da ação dos diabos.

Além disso, Lutero emite a opinião de que certos indivíduos tiveram seu inferno nesta própria vida.

Não terá sido por boa razão que batizei pois meu livro de *Inferno*?

Se o leitor põe em dúvida, por demasiado pessimista, minha opinião, que leia minha autobiografia *O filho da criada* e *A defesa de um louco*.

Os que considerarem este livro apenas um poema, que consultem meu diário, mantido dia a dia desde 1895, e do qual esta obra não passa de uma versão revista e ampliada.

Recordações de Strindberg, Marcel Réja⁴⁴

"Minha primeira mulher", dizia Strindberg, "era um demônio, mas comparada à segunda, era um anjo!". Esse gracejo tem a vantagem de apresentar o grande dramaturgo sueco sob um de seus aspectos mais conhecidos e mais autênticos: ele foi, com efeito, um grande depreciador de mulheres, um misógino. Mas há muitas maneiras de se chegar à misoginia; a de Strindberg, até onde pude julgar por mim mesmo, não resultava tanto de um ódio instintivo e, por assim dizer, *a priori* do belo sexo quanto de um rancor acumulado em seu coração por repetidas experiências desastrosas. E não creio que tenha tido azar nessas uniões amorosas: não. Strindberg estava predestinado a ser infeliz com as mulheres por duas razões igualmente importantes. A primeira é que ele pertencia a certa categoria de seres ciumentos no tocante a si próprios, possuindo tal pudor de sua vida privada que nenhum outro ser humano seria tolerado. A segunda reside na sua própria timidez, que lhe impunha, de certa maneira, uma lei que não lhe permitia escolher alguém, mas apenas ser escolhido. Não se trata de um caso raro nem mesmo naqueles indivíduos bem menos notáveis que Strindberg: neles, produzia-se tão somente homens infelizes, ao passo que em Strindberg resultou numa misoginia geniosa. Reservado ao extremo, eu diria mesmo insociável, e não obstante inclinado a proezas amorosas devido a uma fisiologia furiosamente normal, Strindberg estaria então, por assim dizer, condenado de antemão a ser presa fácil de mulheres astutas o bastante para se imporem a ele, ou seja, ele só deveria e poderia travar relações sexuais com mulheres de um temperamento claramente particular, e às quais, em todo caso, faltasse a reserva e a timidez estritamente femininas.

Conheci Strindberg durante sua estadia em Paris, no momento em que ele acabara de escrever *Inferno* e sobre o qual, à exceção de Herrmann e de mim, não desejava a opinião de mais ninguém. Foi Herrmann quem nos apresentou. E precisamente na ocasião em que fui encarregado de revisar o manuscrito dessa obra, escrito num francês muito peculiar, para a *Mercure de France*. Visivelmente, o meu auxílio contava com toda a confiança do autor, e fui acolhido em sua intimidade, com uma cordialidade que o autor de *O pai* não prodigalizava de modo algum aos novos rostos, como muitas vezes depois tive a oportunidade de atestar.

⁴⁴ Marcel Réja (1873—1957), médico e poeta francês, foi apresentado a Strindberg pelo pintor Paul Herrmann em 1897. Foi nesse encontro que Réja se encarregou de revisar o manuscrito francês do *Inferno* e prepará-lo para publicação. Este breve ensaio foi publicado originalmente na edição de 1898 da *Mercure de France*, mas para a tradução nos valem da reedição de 1979. [N. da E.]

Os olhos claros dardejavam um fulgor estridente sob uma fronte exagerada, a cabeleira leonina, e guarnecendo o conjunto, uma enérgica faixa grisalha: assim era Strindberg. Uma boca fina de sorriso reticente, sempre a evocar subentendidos intermináveis, toda uma vida misteriosa sobre a qual, vez ou outra, frases isoladas vinham lançar uma observação de uma clareza brutal: assim era Strindberg também, mas o Strindberg vivaz, radiante em meio a pessoas em que, por um momento, ele tinha confiança.

Pois essa desconfiança e essa reserva ensimesmada de que falei há pouco, foram sempre, segundo o próprio testemunho daqueles que o frequentavam, uma de suas características. Homem ou mulher, todos os recém-chegados eram para ele como um inimigo que — munido de proteções especiais — devia suportar uma espécie de quarentena moral antes de ser acolhido. Essas pequenas cerimônias, não obstante, respeitavam sempre a perfeita civilidade a qual ele jamais consentia em abandonar. Mas esse lado desconfiado de sua personalidade era, nos seis meses durante os quais nos encontramos, consideravelmente exagerado. Durante todo o ano precedente, Strindberg escrevera *Inferno* e esse romance era a transcrição exata de suas próprias sensações. Ignorante naquela época dos mistérios da psiquiatria, tive depois a oportunidade de me convencer de que Strindberg não fizera nessa obra senão produzir um delírio banal, permeado pelas sensações de suas queimaduras e de choques elétricos a distância, manias de perseguição, alucinações auditivas. Mas sobre esse fundo patológico corriqueiro, o prestigioso poeta havia encontrado meios de imprimir ricas e insinuantes variações.

Soube por Edvard Munch, o pintor norueguês que vivera com Strindberg em Berlim nos dois anos anteriores à criação de *Inferno*, que àquela época ele se mostrava um homem totalmente diferente. Companheiro alegre, fervoroso no trabalho, entusiasmado, ele era então de uma jovialidade contagiante, cantando de bom grado, e deslumbrando com a sua verve o círculo de artistas no qual ele se confinava; o que, aliás, não impedia em absoluto a amargura de seu pessimismo e a reserva um pouco altiva, um pouco distante com a qual costumava considerar seus semelhantes. Belo período de sua vida, o mais brilhante de todos, no qual o anjo da perseguição ainda não o havia tocado e no qual o romancista só se fazia notar por uma originalidade estritamente strindbergiana. Numa dessas noites, em que os alegres camaradas perambulavam de taberna em taberna, Strindberg e seus amigos foram interrompidos pela solicitação insistente de um mendigo. Um imprevisto banal, certamente; mas o miserável, ansioso por chamar a atenção, esforçou-se para pintar um quadro sinistro de sua vida, de suas desgraças e sofrimentos, de seus infortúnios de toda espécie, sem lhes dar um minuto de sossego. Strindberg, que por um incrível acaso levava em seu bolso algumas moedas de ouro,

pôs uma nas mãos do pedinte com essa tirada: “Compre um revólver”. E retomaram o caminho para a taberna à qual se dirigiam, pois todo esse período *berlinense* foi marcado por um terrível abuso de bebidas alcoólicas de todo tipo. Inúmeras vezes, ele se sentava à mesa logo cedo, ávido por esvaziar alguns copos que, com uma obstinação simétrica, os garçons não paravam de encher.

Por mais robusta que fosse a constituição física do romancista, houve um momento em que a insônia, a gastrite e os terrores noturnos mudaram por completo a sua vida. Foi então que ele se mudou para Paris e sofreu o terrível calvário do *Inferno*. Munch, que o acompanhou nessa nova emigração, afirmou que ele passou por mudanças radicais. Em pouco tempo, no cérebro do perseguido, o velho amigo norueguês transformou-se também num indivíduo perigoso: a separação é inevitável.

Strindberg se fechou em suas divagações literárias e patológicas, tornando-se-lhe indispensável a quase absoluta solidão, na qual eu e Herrmann éramos as únicas exceções e mesmo assim só o visitávamos em encontros devidamente agendados. Ele vivia em um hotel da rua Saint-Pères e sua jornada era dedicada quase sempre a trabalhos literários (ou em preocupações de ordem química, para não dizer alquímicas). Perto da hora sagrada do aperitivo, eu vinha buscá-lo. Jantávamos rapidamente num restaurante barato uma refeição mais que modesta, onde a preocupação com um “bom vinho” era o único luxo a que nos permitíamos. As noites eram intermináveis passeios por Paris, com algumas paradas de vez em quando na varanda de um café. Grogues americanos no varanda, apesar do frio cortante, pois a promiscuidade no interior de um café seria insuportável aos nervos do grande homem. Cinco ou seis paradas ao longo da noite e um igual número de grogues; já era hora de nos recolhermos: abordáramos superficialmente as grandes questões metafísicas, mágicas ou mesmo as literárias. Uma cordialidade franca (tanto quanto possível quando não há nenhuma intimidade) prevalecia o tempo todo, já que o revisor e adaptador não se atreve a contradizer a sério o senhor Strindberg.

Vez por outra, um acontecimento feliz: a chegada de alguma ordem de pagamento, os direitos autorais de *O pai* que Lugné-Poë⁴⁵ estava representando em Nice e logo o *círculo inteiro* de amigos é convidado: Herrmann é convocado e jantamos os três num suntuoso frege nas imediações da Bastilha. Mas as esquisitices do Mestre não são de modo algum um tormento, ou insuportáveis, são apenas o toque apimentado que tempera a conversa e nos faz lembrar que estamos

⁴⁵Aurélien Lugné-Poë (1869—1940), ator e diretor de teatro, encenou e dirigiu peças de Ibsen, Wilde, Jarry, entre outros, e é considerado um dos mais importantes renovadores da cena teatral da Paris *fin-de-siècle*. [N. da E.]

diante de Alguém.

E foi assim que em meio a um jantar com Herrmann, exaltados pelo calor da discussão, nos esquecemos de chamar o garçom que, por sua vez, não se preocupava conosco. Um imprevisto sem importância, mas nunca me esquecerei do sorriso enigmático de Strindberg em resposta a Herrmann, que acenava ao garçom: “Ele nos despreza”. Esse sorriso e essa entonação continham um mundo de recriminações, de coisas misteriosas e terríveis, sobre as quais não vale a pena se alongar, mas que se compreende muito bem sem a necessidade de insistir sobre o ponto. “Ele nos despreza!”.

Durante todo o tempo em que o conheci, não me lembro de uma só vez em que ele tenha consentido em ir à casa de Herrmann. Tinha sempre excelentes razões para justificar sua recusa, e a verdade é que ele tinha um horror físico de ir a qualquer lugar que lhe fosse estranho; ao mesmo tempo, a alta conta em que ele tinha a própria opinião não lhe permitia arriscar-se a dar um passo que pudesse rebaixá-lo. Um dia, entretanto, as circunstâncias se mostraram prementes: Strindberg acompanhou-me ao sexto andar ocupado pelo nosso amigo de Munique. Um terrível lance de escadas cuja largura não permitia a passagem de duas pessoas simultaneamente. Exposição de quadros e gravuras. Discussões e conversas com um quarto amigo em comum que se encontrava lá. Enquanto isso uma pequena mulher, bastante respeitável, amante de nosso amigo comum, acompanhava o palavrório interminável havia uma hora. Sentada defronte a janela, com o olhar perdido em alguma longínqua divagação, ela não teve a oportunidade de dizer uma só palavra... Quando descemos, espantado, perguntei a Strindberg o que ele pensava daquela muda enigmática. Ele se calou. Insisti então e declarei distraidamente: “Daria qualquer coisa para saber no que ela estava pensando”.

— Eu sei em quê — disse Strindberg com seu sorriso expressivo. — Em nada.

E após esse dia, nunca mais concordou em subir os seis andares. Não que ele tenha jamais ficado chateado com Herrmann; e acredito mesmo que este tenha sido o único homem que, relacionado com Strindberg, ainda assim nunca se irritasse com ele.

Com seu velho amigo Munch rompeu violentamente sob os pretextos mais misteriosos, claramente delirantes, ao que tudo indica.

E eu mesmo tive a oportunidade de avaliar pessoalmente o comportamento de meu ilustre amigo sueco.

Repetidas vezes, durante minhas visitas vespertinas, Strindberg mostrou-me, no fundo de uma velha caçarola, pequeninos grãos de metal amarelado que ele afirmava ser ouro. Mas penosamente

impressionado por essas manifestações pueris num homem como esse, procurei sempre desviar o assunto e, de fato, conseguia escapar graças a certas amenidades complacentes e a malabarismos improvisados.

Mas naquela tarde, era um sábado, Strindberg assaltou-me com uma insistência mais forte do que a habitual. Ele estava convencido de ter realizado a grande obra; afirmava que os fragmentos metálicos que divisávamos eram de ouro. De ouro? Por quê? Simplesmente porque ele tinha a certeza. Ele não havia se empenhado em nenhum teste, em nenhuma análise e, além disso, eu sabia muito bem que afora seu péssimo bico de gás, sua aparelhagem química era rigorosamente nula. Não obstante, suas plácidas afirmações não me permitiram evadir-me como de costume, e como Strindberg, desenvolvendo um tema familiar, declarava ser em vão que ele, um pesquisador profissional, acabava de fazer uma descoberta tão prodigiosa, no fundo do quarto de um hotel barato, que jamais ninguém acreditaria nele, ninguém jamais sequer saberia, retruquei bruscamente:

— Hoje é sábado — eu lhe disse. — Se você me deixar tomar conta disso, eu lhe prometo que a partir da semana que vem o mundo inteiro, do polo ao equador, conhecerá sua descoberta.

Concordou com tudo o que eu lhe pedi. E não se tratava, ademais, de nada além de uma formalidade insignificante. Eu conhecia um químico que possuía todas as credenciais para fazer o experimento e comunicá-lo imediatamente à Academia de Ciências: seria preciso apenas que Strindberg consentisse em reproduzi-lo em sua presença e permitir que ele fizesse todas as verificações necessárias. Tudo isso lhe pareceu de fato muito natural e após marcarmos o encontro para a segunda seguinte — pois ele não queria deixar esfriar uma experiência como essa! —, conversamos sobre outras coisas.

Naquela mesma tarde, escapei a tempo e me dirigi à casa do meu amigo químico. Quis o destino que ele estivesse fora de Paris, e qualquer encontro com ele seria impossível antes de vários dias.

Sem perder um instante, dirigi-me na manhã do dia seguinte ao hotel, por volta das onze horas, para informar meu alquimista desse lamentável contratempo.

— O senhor Strindberg? — perguntei à recepção.

Naquela mesma manhã, ele havia partido para a Suécia levando toda a sua bagagem, e desde então nunca mais ouvi falar dele a não ser pelos jornais.

Tradução de Bruno Costa